



Tessituras Multimidiáticas

linguagens, tecnologias e sexualidades

Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE -
Universidade Federal de Lavras - UFLA * 13 de julho de 2017

Jaciluz*Dias



JACILUZ DIAS

**TESSITURAS MULTIMIDIÁTICAS:
LINGUAGENS, TECNOLOGIAS E SEXUALIDADES**

**LAVRAS – MG
2017**

JACILUZ DIAS

**TESSITURAS MULTIMIDIÁTICAS:
LINGUAGENS, TECNOLOGIAS E SEXUALIDADES**

Pesquisa apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Educação, área de concentração em Formação de Professores e área de interesse em Gênero e Diversidades na Educação, para a obtenção do título de Mestra.

Prof.^a. Dr.^a Cláudia Maria Ribeiro
Orientadora

Prof.^a. Dr.^a Helena Maria Ferreira
Coorientadora

**LAVRAS – MG
2017**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da Biblioteca Universitária da UFLA, com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

Dias, Jaciluz.

Tessituras multimidiáticas: linguagens, tecnologias e sexualidades / Jaciluz Dias. - 2017.

179 p.: il.

Orientadora: Cláudia Maria Ribeiro.

Coorientadora: Helena Maria Ferreira.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Lavras, 2017.

Bibliografia.

1. Linguagens. 2. Tecnologias. 3. Sexualidades. I. Ribeiro, Cláudia Maria. II. Ferreira, Helena Maria. III. Título.

JACILUZ DIAS

**TESSITURAS MULTIMIDIÁTICAS:
LINGUAGENS, TECNOLOGIAS E SEXUALIDADES**

**MULTIMEDIA TESSITURES:
LANGUAGES, TECHNOLOGIES AND SEXUALITIES**

Pesquisa apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Educação, área de concentração em Formação de Professores e área de interesse em Gênero e Diversidades na Educação, para a obtenção do título de Mestra.

APROVADA em 13 de julho de 2017.

Prof. Dr. Ronei Ximenes Martins - UFLA

Prof. Dr. Roney Polato de Castro - UFJF

Profa. Dra. Patricia Vasconcelos Almeida - UFLA (suplente)

Prof. Dr. Anderson Ferrari - UFJF (suplente)

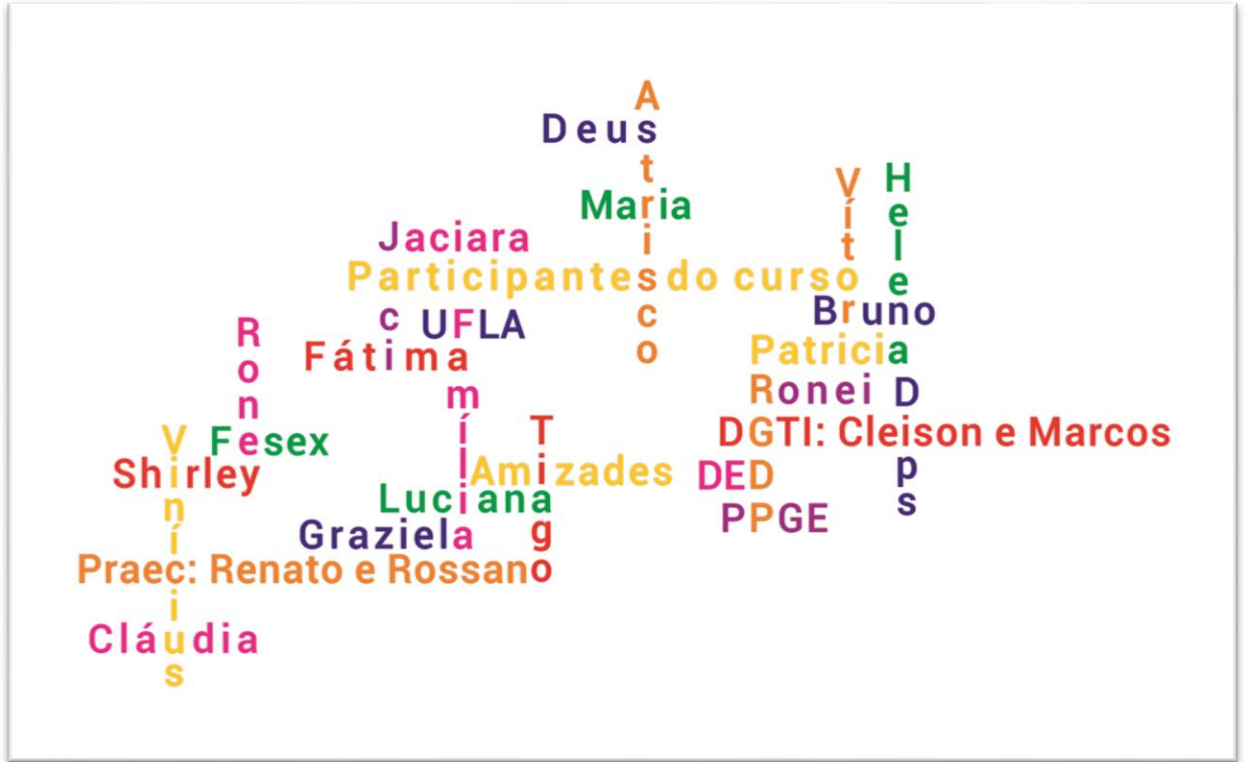
Prof.^a. Dr.^a Cláudia Maria Ribeiro
Orientadora

Prof.^a. Dr.^a Helena Maria Ferreira
Coorientadora

**LAVRAS – MG
2017**

D
e
d
Fátima
Jaci
a
Ç
ã
o

GRATIDÃO



RESUMO

Como utilizar artefatos multimídias para ampliar as oportunidades de formação de educadoras e educadores sobre as temáticas relações de gêneros e sexualidades? Que saberes/representações sobre essas temáticas podem ser observados em produções realizadas por participantes de um curso de extensão sobre esse tema? Motivada por esses questionamentos, esta pesquisa promoveu um curso para a formação de licenciandas e licenciandos da Universidade Federal de Lavras (UFLA) sobre relações de gêneros e sexualidades. Com formato híbrido, por ser a distância (30h) e ter encontros presenciais (10h), o Curso de extensão *Corpo, saúde, sexualidades* foi realizado por meio do *Facebook* e buscou contribuir para a formação docente de licenciandas/os da UFLA sobre o tema. Para tanto, foi problematizado o uso de diferentes artefatos multimídias, sob a ótica dos multiletramentos e das relações de intermultimedialidade que os/as participantes do curso estabeleceram entre textos, imagens, vídeos, entre outros, criando possibilidades de reflexão sobre o assunto. Uma metodologia pautada nos caminhos pós-estruturalistas de se fazer pesquisa sustenta a rede que compõe este texto/tecido, o qual depende de muitos fios, que devem estar cuidadosamente trançados para formar uma trama. Chega-se, então, a uma tecelagem composta pela análise de como os fios foram alinhavados para que se chegasse aos enredamentos desta pesquisa. Do material empírico advindo das atividades do curso, foram selecionadas sete tessituras, ou seja, recortes das produções dos/as participantes que, ressignificados a partir da análise textual discursiva, permitiram compreender como o objetivo desta pesquisa foi atingido. Os fios, então, se transformaram em trama que, por sua vez, virou rede, tendo como suporte o *site* www.ded.ufla.br/tessituras, o qual possibilita novos entrelaçamentos.

Palavras-chave: Formação docente. Relações de gêneros e Sexualidades. Artefatos multimídias. Intermultimedialidade. Tecnologias digitais.

ABSTRACT

How to use multimedia artifacts to expand educational opportunities for educators on gender and sexuality issues? What knowledge / representations on these themes can be observed in productions made by participants of an extension course about this topic? Motivated by these questions, this research promoted a course for the training teachers of the Federal University of Lavras (UFLA) which dealt with subjects like gender and sexuality relations. In a hybrid format, 30 hours online and 10 face to face the extension course named: *Body, Health, Sexualities* was carried out through Facebook and sought to contribute to the teachers' education about the subject. During the course was discussed the use of different multimedia artifacts, from the perspective of the multilevels and the intermultimediality. We also discussed the relations that the course participants established between texts, images, videos, among others artifacts in order to create possibilities for reflection about the subject. A methodology based on the poststructuralism supports the network that composes this text / fabric, which depends on many strands, which must be carefully twisted to form a web. On doing so, we achieved a weaving composed by the analysis of how the strands were threaded in order to achieve the entanglements of this research. From the empirical material coming from the activities of the course, seven tessitures (examples of the participants' productions) were selected that, from the view of the discursive textual analysis, allowed to understand how the objective of this research was reached. The strands, then, became a weave that became a network, having at support the *site* www.ded.ufla.br/tessituras, which enable new interlacings.

Keywords: Teacher training. Gender relations and Sexualities. Multimedia artifacts. Intermultimedialidade. Digital technologies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Página do <i>Facebook</i> com a divulgação do evento: Curso de extensão: <i>Corpo, saúde, sexualidades</i>	49
Figura 2 – Postagem de divulgação, no <i>Facebook</i> , do <i>Curso Corpo, saúde, sexualidades</i>	49
Figura 3 – Cartaz de divulgação do <i>Curso Corpo, saúde, sexualidades</i>	50
Figura 4 – Divulgação do <i>Curso Corpo, saúde, sexualidades</i> na página da Praec/UFLA, no <i>Facebook</i>	51
Figura 5 – Vídeo de divulgação do <i>Curso Corpo, saúde, sexualidades</i> no <i>Facebook</i>	52
Figura 6 – Sugestão de pauta para criação de notícia sobre o <i>Curso Corpo, saúde, sexualidades</i>	52
Figura 7 – Divulgação do <i>Curso Corpo, saúde, sexualidades</i> na página principal do <i>site</i> institucional da UFLA	53
Figura 8 – Divulgação do <i>Curso Corpo, saúde, sexualidades</i> na página institucional da DCOM/UFLA.....	53
Figura 9 – Divulgação do <i>Curso Corpo, saúde, sexualidades</i> na página do <i>Facebook</i> da DCOM/UFLA.....	54
Figura 10 – Cadastro, no SIG, do <i>Curso Corpo, saúde, sexualidades</i>	55
Figura 11 – 50 vagas esgotadas para o <i>Curso Corpo, saúde, sexualidades</i> , no mesmo dia do início das inscrições.....	56
Figura 12 – 70 vagas esgotadas para o <i>Curso Corpo, saúde, sexualidades</i> , no mesmo dia da nova abertura	56
Figura 13 – Grupo secreto do <i>Facebook</i> para o <i>Curso Corpo, saúde, sexualidades</i> – Grupo Furta-cor	59
Figura 14 – Grupo secreto do <i>Facebook</i> para o <i>Curso Corpo, saúde, sexualidades</i> – Grupo Purpurina	59
Figura 15 – Capa do <i>Tutorial ferramentas Facebook</i> para o <i>Curso Corpo, saúde, sexualidades</i>	61
Figura 16 – Modelo de texto multicolorido, conforme disponibilizado no tutorial do <i>Curso Corpo, saúde, sexualidades</i>	64
Figura 17 - Modelo de certificado de conclusão do <i>Curso Corpo, saúde, sexualidades</i>	69
Figura 18 – Artes para divulgação, no <i>Facebook</i> , dos dois encontros presenciais do <i>Curso Corpo, saúde, sexualidades</i>	70

Figura 19 – Imagem das páginas do <i>Facebook</i> com a divulgação dos dois encontros presenciais do <i>Curso Corpo, saúde, sexualidades</i>	70
Figura 20 – Imagens da <i>Dinâmica do Face</i> , no dia do 1º Encontro Presencial do <i>Curso Corpo, saúde, sexualidades</i>	71
Figura 21 – Apresentações da Atividade 1.4, no 1º Encontro Presencial do <i>Curso Corpo, saúde, sexualidades</i>	72
Figura 22 – Imagens da atividade <i>É hora de improvisar</i> , no dia do 2º Encontro Presencial do <i>Curso Corpo, saúde, sexualidades</i>	73
Figura 23 – Imagens da <i>Dinâmica da Representação</i> , no dia do 2º Encontro Presencial do <i>Curso Corpo, saúde, sexualidades</i>	74
Figura 24 – Cartazes sobre as aulas propostas pelas duplas, sobre um recorte da temática do curso, no dia do 2º Encontro Presencial do <i>Curso Corpo, saúde, sexualidades</i>	74
Figura 25 - Cartão entregue as pessoas presentes no 2º Encontro Presencial do <i>Curso Corpo, saúde, sexualidades</i>	77
Figura 26 – Primeira página da avaliação diagnóstica do <i>Curso Corpo, saúde, sexualidades</i>	78
Figura 27 – Respostas à Questão 1 da avaliação diagnóstica do <i>Curso Corpo, saúde, sexualidades</i>	79
Figura 28 – Respostas à Questão 2 da avaliação diagnóstica do <i>Curso Corpo, saúde, sexualidades</i>	79
Figura 29 – Respostas à Questão 4 da avaliação diagnóstica do <i>Curso Corpo, saúde, sexualidades</i>	80
Figura 30 – Respostas à Questão 5 da avaliação diagnóstica do <i>Curso Corpo, saúde, sexualidades</i>	81
Figura 31 – Respostas à Questão 6 da avaliação diagnóstica do <i>Curso Corpo, saúde, sexualidades</i>	81
Figura 32 – Respostas à Questão 7 da avaliação diagnóstica do <i>Curso Corpo, saúde, sexualidades</i>	82
Figura 33 – Respostas à Questão 8 da avaliação diagnóstica do <i>Curso Corpo, saúde, sexualidades</i>	82
Figura 34 – Respostas à Questão 10 da avaliação diagnóstica do <i>Curso Corpo, saúde, sexualidades</i>	84
Figura 35 – Respostas à Questão 12 da avaliação diagnóstica do <i>Curso Corpo, saúde, sexualidades</i>	85

Figura 36 – Respostas à Questão 13 da avaliação diagnóstica do <i>Curso Corpo, saúde, sexualidades</i>	85
Figura 37 – Respostas à Questão 15 da avaliação diagnóstica do <i>Curso Corpo, saúde, sexualidades</i>	86
Figura 38 - Imagem da página principal do <i>site</i> www.ded.ufla.br/tessituras	91
Figura 39 - Intermultimedialidade realizada na Atividade 1.1.....	95
Figura 40 - Intermultimedialidade realizada na Atividade 1.2.....	99
Figura 41 – Intermultimedialidade realizada na Atividade 2.3.....	104
Figura 42 - Intermultimedialidade além das atividades - <i>Quem sou eu?</i>	106
Figura 43 - Intermultimedialidade além das atividades – <i>The arrow</i>	107

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
Cada fio tem um porquê	21
Como os fios se entrelaçam	22
1. OS FIOS CONDUTORES	24
1.1. Relações de gêneros e sexualidades na formação docente	25
1.2. Conceituando artefatos multimídias e intermultimedialidade	35
1.3. Multiletramentos e a “leitura” de mídias.....	38
1.4. Intertextualidade/interdiscursividade e o diálogo entre textos/discursos	40
1.5. Tecnologias no processo educacional	42
1.5.1. <i>Facebook</i> como ferramenta pedagógica e o ensino híbrido.....	44
2. A TRAMA.....	47
2.1. <i>Curso Corpo, saúde, sexualidades</i>	47
2.1.1. Divulgação e inscrições	48
2.1.2. Realização do curso.....	57
2.1.3. Atividades virtuais	62
2.1.4. Encontros presenciais	69
2.1.5. Reformulação do curso	77
3. A REDE.....	88
3.1. Metodologia de análise do material empírico	88
3.2. Intermultimedialidade nas discussões feitas no <i>Curso Corpo, saúde, sexualidades</i> .	92
3.2.1. Tessitura 1: Texto <i>É possível realizar uma história do corpo</i> e filme <i>Distrito 9</i>	93
3.2.2. Tessitura 2: Entrevista <i>O espelho é a nova submissão feminina</i> e postagem <i>Mulher é...</i>	95
3.2.3. Tessitura 3: Referência a Schopenhauer e gráfico sobre saúde.....	97
3.2.4. Tessitura 4: Plágio e ideologia <i>versus</i> identidade de gênero.....	100
3.2.5. Tessitura 5: Música <i>Meninos e Meninas</i> e Crônica <i>Pertencer</i>	102
3.2.6. Tessitura 6: Série <i>Quem sou eu?</i> e livro <i>Alice no País das Maravilhas</i>	106
3.2.7. Tessitura 7: Clipe <i>The Arrow</i> e temática do <i>Curso Corpo, saúde, sexualidades</i>	107
3.3. Inscrições <i>versus</i> participação no <i>Curso Corpo, saúde, sexualidades</i>	109
3.4. Reflexões advindas da Avaliação Diagnóstica	110
3.5. Contribuições da Avaliação Final.....	112
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113

REFERÊNCIAS	118
ANEXO A – Ementa da disciplina <i>Sociologia da Educação</i> , da graduação da UFLA...	123
ANEXO B – Ementa da disciplina <i>Relações de Gênero no Mundo do Trabalho</i> , da graduação da UFLA	124
ANEXO C – Ementa da disciplina <i>Educação, Gênero e Sexualidades</i> , da graduação da UFLA	126
ANEXO D – Ementa da disciplina <i>Sexualidades e Infâncias</i> , da graduação da UFLA .	127
ANEXO E – Ementa da disciplina <i>Materiais didáticos e recursos midiáticos digitais</i> , da pós-graduação da UFLA	128
ANEXO F – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para participação no <i>Curso Corpo, saúde, sexualidades</i>	131
ANEXO G – Termo de cessão para utilização de produção textual, imagem e som de voz para o <i>Curso Corpo, saúde, sexualidades</i>	133
ANEXO H – Parecer Consubstanciado número 1.873.060 - do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFLA.....	134
ANEXO I – Parecer Consubstanciado número 1.836.767 - do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFLA.....	136
ANEXO J - Comprovante de Envio do Projeto para a Plataforma Brasil	140
APÊNDICE A – Primeiro <i>Design</i> instrucional do <i>Curso Corpo, saúde, sexualidades</i>	141
APÊNDICE B - Roteiro do vídeo de divulgação do <i>Curso Corpo, saúde, sexualidades</i> .	147
APÊNDICE C – <i>Design</i> instrucional final do <i>Curso Corpo, saúde, sexualidades</i>	149
APÊNDICE D – <i>Tutorial ferramentas Facebook</i> , para o <i>Curso Corpo, saúde, sexualidades</i>	155
APÊNDICE E – Atividades <i>Curso Corpo, saúde, sexualidades</i> - Versão original – 13 de fevereiro de 2017	163
APÊNDICE F – Atividades <i>Curso Corpo, saúde, sexualidades</i> - Versão reformulada (a partir da Unidade 3) – 13 de março de 2017	173
APÊNDICE G - Avaliação final do <i>Curso Corpo, saúde, sexualidades</i> , aplicada no dia do 2º Encontro Presencial	177
APÊNDICE H - Gráficos com tabulação das respostas à Avaliação Final do <i>Curso Corpo, saúde, sexualidades</i>	178

INTRODUÇÃO

Conta uma antiga lenda chinesa¹ que um sábio e seu discípulo chegaram, um dia, à casa de uma família muito pobre, a qual tinha uma vaca como única fonte de sustento. O sábio, então, pediu ao discípulo que jogasse a vaca de um precipício. Ele, mesmo indignado, cumpriu a ordem, retornando à casa da família, anos mais tarde, marcado pelo remorso. Foi nesse momento que descobriu uma família rica, e qual não foi a sua surpresa ao ver que era a mesma família de anos antes, cujo progresso começou exatamente quando perderam a vaca e tiveram que descobrir em si talentos que não sabiam possuir.

As tessituras que apresento² nesta pesquisa são fruto de um percurso de vacas jogadas no precipício: primeiro, cursando as graduações em Comunicação Social e Letras, em Juiz de Fora, ter que interromper a segunda, por causa do trabalho, à qual retornei algum tempo depois; em seguida, deixar a referida cidade, um excelente emprego e uma vida estruturada, em busca do sonho de fazer o mestrado na Universidade Federal de Lavras (UFLA); além disso, mudar a minha área de atuação, deixando o cargo como professora de Língua Portuguesa da educação básica, em uma escola da rede estadual de Minas Gerais, pelo de servidora técnico-administrativa na UFLA, onde trabalho atualmente; e, finalmente, trocar a área de pesquisa *Educação mediada por tecnologias* pela de *Gênero e diversidades na educação*. Ambas as áreas sempre despertaram o meu interesse, a primeira por eu ter cursado Comunicação Social e acreditar nas potencialidades pedagógicas das tecnologias, e a segunda, porque eu defendo a importância de se discutir essa temática em todos os âmbitos da sociedade, sobretudo nas escolas e universidades. Todas essas guinadas foram fundamentais para que eu escolhesse abraçar o desafio de fazer esta pesquisa sustentada sobre três pilares, que são as áreas de linguagens, tecnologias e sexualidades.

A mudança de área de interesse no mestrado contribuiu não apenas para a minha trajetória acadêmica, mas para que eu assumisse uma nova postura de vida, já que os estudos pós-estruturalistas propiciaram-me uma nova forma de ver, interpretar e me posicionar diante de fatos cotidianos, desde os mais corriqueiros até um engajamento diante de questões

¹ COLOMBINI, Luís. **A parábola da vaca**. Disponível em: <https://clubedavida.wordpress.com/textos-para-reflexao/a-parabola-da-vaca/>. Acesso em: 25 fev. 2017.

² Como todo texto, este não se fez apenas por mim (aliás, esse é um dos temas desta pesquisa), mas advém de muitos fios, os quais foram trançados pelas autoras e pelos autores que li, pelas contribuições das minhas orientadoras e pelo aprendizado com professoras e professores, ao longo do Mestrado que cursei. A todas e todos sou muito grata. Escolhi, então, utilizar verbos ora conjugados de forma impessoal, na terceira pessoa do singular, por entender que, dessa forma, essas vozes que me sustentam se fazem mais presentes; ora na primeira pessoa do singular, para as construções frasais em que julguei necessário ressaltar uma experiência ou ponto de vista pessoal.

relacionadas ao feminismo e às posições políticas dos grupos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros e Queer (LGBTQ+).

A minha escolha em pesquisar de modo pós-crítico advém, ainda, da vontade de olhar o fazer científico de um modo diferente do padrão acadêmico tradicional, de tal modo que eu possa expressar-me com mais liberdade. Além disso, o contato com pesquisadoras e pesquisadores que seguem a linha pós-estruturalista fez-me perceber com outro olhar como se organiza o mundo da pesquisa e as relações de poder, bem como os pressupostos éticos que o permeiam. Procuo, então, costurar a minha argumentação, utilizando como linha de alinhavo as concepções pós-estruturalistas. Mas, justamente por se pretender dessa forma, sei que este texto jamais estará completo e finalizado. Quero que ele seja, portanto, um ponto de luz em meio a tantas outras referências e que contribua para novos tecidos do conhecimento.

Dessa forma, esta pesquisa é uma tentativa de apontar caminhos para potenciais usos dos artefatos multimídias na melhoria da qualidade dos processos educativos, mais especificamente, nas discussões sobre relações de gêneros e sexualidades. Para tanto, busquei investigar a seguinte situação-problema: como utilizar artefatos multimídias para ampliar as oportunidades de formação de educadoras e educadores³ sobre as temáticas relações de gêneros e sexualidades? E, a partir disso, que saberes/representações sobre essas temáticas podem ser observados em produções realizadas por participantes de um curso de extensão sobre esse tema?

Faz-se importante, neste ponto, uma pausa para discorrer sobre o motivo da minha escolha pela pluralização da palavra *gênero*, mesmo sendo mais comum, nas pesquisas nessa área, a utilização da expressão *relações de gênero*, por entender-se que o sentido da pluralidade está na palavra *relações*. Contudo, decidi utilizar *relações de gêneros* por entender que, além de as relações serem plurais, diversas também são as identidades de gênero. Sustento, então, a minha escolha em concepções como a de Joan Wallach Scott (1995, p. 75), que entende o gênero como “categoria social imposta sobre um corpo sexuado”. Logo, esse conceito está relacionado a identidades, as quais podem ser múltiplas, do que decorre que vários podem ser os gêneros.

Embaso a minha decisão, ainda, em Judith Butler (2003), que defende a noção de gênero relacionada a de atitude:

³ Entendendo a língua como instrumento de difusão de conhecimento e, portanto, ferramenta de exercício de poder, vejo o uso comum – e exigido pela gramática normativa – de generalizações no gênero masculino como algo contraditório ao que pretendo com esta pesquisa. Portanto, como busco problematizar questões ligadas às relações de gêneros e sexualidades, atentei-me em utilizar ambos os gêneros quando há referências a pessoas.

Os gêneros distintos são parte do que “humaniza” os indivíduos na cultura contemporânea; de fato, habitualmente punimos os que não desempenham corretamente o seu gênero. Os vários atos de gênero criam a ideia de gênero, e sem esses atos, não haveria gênero algum, pois não há nenhuma “essência” que o gênero expresse ou exteriorize, nem tampouco um ideal objetivo ao qual aspire e porque o gênero não é um dado da realidade. Assim, o gênero é uma construção que oculta normalmente sua gênese; o acordo coletivo tácito de exercer, produzir e sustentar gêneros distintos e polarizados como ficções culturais é obscurecido pela credibilidade dessas produções – e pelas punições que penalizam a recusa a acreditar neles; a construção “obriga” nossa crença em sua necessidade e naturalidade. (p. 199).

Concordo, portanto, com essa ótica, na medida em que a filósofa contemporânea questiona o que se entende por gênero como algo cristalizado e estático, binário e polarizado, a partir da construção social de que o ser humano só pode ser visto ou como homem ou como mulher, quando, na verdade, seu gênero expressará particularidades que são próprias de cada pessoa. Ressalto, ainda, que Judith Butler (2003) sustenta a sua argumentação baseada nas concepções de outras/os teóricas/os, como a filósofa e crítica literária Julia Kristeva (*apud* BUTLER, 2003), a qual relaciona a concepção de gênero à expressão do corpo. E, sendo este um trabalho que se propõe uma tessitura, considero importante destacar que é justamente essa autora quem cunha o conceito de intertextualidade (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2008), o qual é a linha-guia das análises desta pesquisa e sobre o qual discorrerei no capítulo primeiro.

E já que trato de conceitos da linguagem, sopeso importante estabelecer mais um diálogo entre áreas do conhecimento, nesse caso, entre os estudos sobre gêneros e sexualidades e a linguística, já que *gênero* é um termo originalmente utilizado para classificar gramaticalmente as palavras (STELLMANN, 2007) e utilizado também para designar *gêneros textuais*, cuja premissa básica é a multiplicidade, segundo Luiz Antônio Marcuschi (2008).

Ainda no que se refere a esse assunto, é necessário pontuar que os estudos filosóficos já estão sendo incorporados às pesquisas na área da educação, em que alguns/mas pesquisadores/as também já utilizam *gênero* no plural, como é o caso, por exemplo, de Guacira Lopes Louro (2012) e Richard Miskolci (2013).

Para Guacira Lopes Louro (2012), que é referência nas pesquisas sobre sexualidades no campo da educação, “a concepção dos gêneros como se produzindo dentro de uma lógica dicotômica implica um polo que se contrapõe a outro (portanto uma ideia *singular* de masculinidade e de feminilidade), e isso supõe ignorar ou negar todos os sujeitos sociais que não se “enquadram” em uma dessas formas” (p. 34, grifo da autora). Mais que vistas como

polos opostos, as pessoas precisam ser entendidas como parte de um todo, o qual é dinâmico e diverso.

Outro autor que também discorre sobre a dicotomização feminino *versus* masculino no contexto escolar, Richard Miskolci (2013) defende que “a escola é um dos locais privilegiados para que meninos aprendam a ser masculinos e meninas aprendam a ser femininas” (p. 15) e a crença no fato de que esse é um processo natural “permite que se constituam os gêneros de forma mais poderosa, pois quando se expõe que a sociedade e a escola fabricam homens e mulheres, fica mais difícil justificar as desigualdades entre eles” (MISKOLCI, 2013, p. 15). Compreender esses processos é justamente o que permite questionar e mudar os paradigmas vigentes, começando pela escola. Por isso, defendo a necessidade de uma formação docente que tenha condições de promover debates e possibilitar o desenvolvimento do senso crítico de alunas e alunos em relação à forma como as sexualidades são tratadas na sociedade.

Afirmo, a partir dessa análise, que este trabalho pode ser feito por meio do diálogo entre diferentes artefatos multimídia. Tal mote foi inspirado pela metodologia utilizada em duas disciplinas que cursei no mestrado: *Escola, currículo e diversidade cultural* e *Artes e Educação*, ambas ministradas pela professora Cláudia Maria Ribeiro, orientadora desta pesquisa. A dinâmica das aulas funcionava da seguinte forma: tendo como fio condutor alguns textos-base, as alunas e os alunos levavam para sala de aula outros textos, vídeos, imagens etc. que contribuíssem para a ampliação do referencial. E, com base nesses diversos materiais, a professora conduzia as discussões da turma.

Foi por vivenciar tal experiência e entendê-la tão profícua que senti a vontade de aplicar tal metodologia em um curso, a fim de poder analisar as formas e possibilidades de diálogos existentes para além de apenas textos, incluindo nessas relações outros artefatos, aqui denominados multimídia⁴. Portanto, mais do que a análise intertextual, originada do diálogo entre textos e denominada intertextualidade, será descrita, neste trabalho, a relação entre multimídias, a qual passa a ser chamada de intermultimedialidade. A fim de auxiliar-me nessas análises linguísticas, a professora Helena Maria Ferreira foi a minha coorientadora.

⁴ Partindo da premissa de que todo texto estabelece relações com outras produções escritas, ao que a linguística chama intertextualidade, proponho ampliar tais diálogos à inter-relação entre textos, imagens, vídeos, músicas, sites, entre outros. Para nomear tal diálogo, escolhi utilizar a terminologia *artefatos multimídias*, o que será explicado no próximo capítulo.

E, para sustentar os pilares temáticos, foram utilizados os seguintes referenciais teóricos: Michel Foucault⁵ (2014) que historiciza a sexualidade e as relações de poder, saber e verdades existentes nas relações humanas; Guacira Lopes Louro (2016, 2012, 2001, 2000), no que concerne às formas como as relações de gêneros e sexualidades são vistas socialmente e incluídas no currículo escolar; Cláudia Maria Ribeiro (2014, 2010, 2009, 2008, 1996) e as pesquisas desta com Carolina Faria Alvarenga (RIBEIRO; ALVARENGA, 2016, 2014), que tratam dos diálogos entre artes, educação, crianças e sexualidades. Ainda sobre relações de gêneros e sexualidades, Kelly da Silva (2015) discorre acerca da presença dos estudos sobre sexualidades na formação docente.

Por sua vez, Ingedore Koch, Anna Christina Bentes e Mônica Cavalcante (2008) tratam das relações intertextuais e interdiscursivas que podem ser estabelecidas entre textos e imagens, sustentando a minha escolha por cunhar o termo intermultimedialidade. Já, para realizar a leitura de imagens, bem como para se analisar as habilidades de uso de recursos hipertextuais, recorri ao conceito de multiletramentos, conforme Roxane Rojo (2012). E David Barton e Carmen Lee (2015), que discorrem sobre o conceito de postura, contribuem para a discussão sobre os posicionamentos que as pessoas assumem em situações de interação virtual.

No que se refere às TDIC, José Manuel Moran (2011) discorre sobre a importância das tecnologias para a educação, enquanto Alexandro Sunaga e Camila Sanches de Carvalho (2015) sobre o ensino híbrido; e Dilton Ribeiro do Couto Junior (2012) contribui para a compreensão do *Facebook* enquanto ferramenta de ensino-aprendizagem. E, para discorrer sobre a metodologia utilizada, já que se escolheram os referenciais da pesquisa pós-estruturalista, recorreu-se a Dagmar Estermann Meyer e Marlucy Alves Paraíso (2014). Em diálogo com a perspectiva pós-crítica, uma tempestade de luz foi realizada neste trabalho, a partir dos pressupostos teóricos de Roque Moraes e Maria do Carmo Galiuzzi (2016), que tratam da análise textual discursiva, a qual orienta o exame do material empírico advindo do curso de extensão proposto.

Esse embasamento teórico contribuiu para que se atingisse o objetivo principal desta pesquisa, qual seja: problematizar o uso de diferentes artefatos multimídias, sob a ótica dos

⁵ Destaco a escolha pela identificação das autoras e dos autores por meio de nome e sobrenome. Sei que as normatizações da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) recomendam o uso apenas do sobrenome. Contudo, entendo que isso descaracteriza o protagonismo da mulher enquanto pesquisadora, já que a associação automática feita a um sobrenome é ao gênero masculino. E, se pretendo, como já dito, problematizar questões ligadas às relações de gêneros e sexualidades, a citação às pesquisadoras e aos pesquisadores referidas/os precisa estar em consonância com esse posicionamento.

multiletramentos e das relações de intermultimedialidade, que podem ser estabelecidas entre textos, imagens, vídeos, entre outros, criando possibilidades de reflexão sobre as temáticas de relações de gêneros e sexualidades.

Vários podem ser os temas-foco da análise intermultimídia, mas escolhi relações de gêneros e sexualidades por acreditar que a reflexão sobre essa temática é necessária, mas ainda é pouco discutida na escola. Isso acontece não somente por ser esse um assunto considerado polêmico, mas, também, pela falta de ferramentas que possibilitem o trabalho com o tema. É por isso que, ao objetivo basilar, acrescenta-se um objetivo complementar, qual seja: promover a formação docente, por meio de um curso de extensão, para 70 licenciandas/os da Universidade Federal de Lavras (UFLA), com as temáticas das relações de gêneros e sexualidades.

Organizado sob a forma de curso de extensão, depois de ser aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFLA, o curso conferiu certificado aos/às participantes e teve como público as alunas e os alunos em formação nos cursos de licenciaturas. Intitulado *Corpo, saúde, sexualidades*, o curso teve duração de 40 horas e formato híbrido⁶, já que se dividiu em dois encontros presenciais, que totalizaram 10 horas, mas aconteceu, primordialmente, a distância, durante 30 horas, tendo como ferramenta didática a rede social *Facebook*.

O desenvolvimento do curso começou como parte das atividades realizadas na disciplina do mestrado: *Materiais didáticos e recursos midiáticos digitais*, sob orientação do professor Ronei Ximenes Martins. Assim, surgiu a ideia de organizar e oferecer um curso a distância⁷, como forma de ampliar o meu conhecimento sobre a dinâmica de organização pedagógica de um curso híbrido. Foi elaborado, então, o *design* instrucional de um curso com esse formato e viu-se que havia muito potencial para que ele fosse colocado em prática e que disso poderiam advir análises dos materiais didáticos produzidos, bem como das produções que dele seriam geradas. Por isso, abracei o desafio da materialização desse curso, entendida como proposta metodológica contundente para a formação de futuros/as professores/as, com o fito de problematizá-la, compondo a minha pesquisa.

⁶ A educação a distância (EAD) que mescla ensino presencial e virtual é denominada mista, *blended* ou híbrida. Por entender que este último termo traduz satisfatoriamente o termo em inglês e contempla os objetivos desse tipo de ensino, escolhi utilizá-lo ao longo deste trabalho.

⁷ No planejamento inicial do curso contei com a participação do colega da disciplina Vinícius de Carvalho.

Cada fio tem um porquê

Entendo que a relevância desta investigação científica advém, primeiramente, de ser ela uma possibilidade de discutir sobre as temáticas relações de gêneros e sexualidades. Essa discussão, apesar de necessária no âmbito da educação e recorrente em situações da escola, ainda aparece – quando aparece – de modo tímido nos cursos de formação docente, segundo Kelly da Silva (2015). Essa realidade, inclusive, foi comprovada por meio da análise das matrizes curriculares dos cursos de licenciatura da UFLA, nos quais é rara a presença de disciplinas voltadas para o estudo das relações de gêneros e sexualidades, conforme será descrito no primeiro capítulo.

Não inserir essas temáticas na formação inicial docente acaba por reverberar consequências nas práticas pedagógicas das/os futuros professores, dificultando a abordagem do tema na escola. Quiçá quando esse tema não é censurado, haja vista a polêmica, ocorrida em 2014, sobre incluir ou retirar os termos *gênero* e *sexualidades* dos planos nacional, estaduais e municipais de educação⁸.

Acrescenta-se a esse fato a discussão que, recentemente vislumbrou-se, acerca da Reforma do Ensino Médio⁹, aprovada por Medida Provisória, em fevereiro de 2017, que retirou a obrigatoriedade de disciplinas como Educação Física, Artes, Sociologia e Filosofia durante os três anos do Ensino Médio. Entendo, todavia, que tais conteúdos poderiam ser utilizados para se problematizar questões acerca de relações de gêneros e sexualidades, o que, parece, não fora considerado pelo referido ordenamento jurídico.

Visando fazer frente a situações como essas, o que pretendo, com esta pesquisa e por meio de um curso de extensão conforme o que propus, é contribuir para ampliar as discussões que já vêm sendo feitas nas licenciaturas da UFLA, conforme demonstro com a análise das matrizes curriculares dos cursos, no primeiro capítulo. E a questão extrapola o meio acadêmico: é uma dívida histórica do Brasil, que acabou por relegar à invisibilidade os direitos da mulher, das pessoas LGBTQ+ e de tantos outros sujeitos que deveriam ser vistos e respeitados como tal; não apenas notados, mas compreendidos na amplitude de sua dignidade.

Portanto, é necessário lançar luz a uma temática cuja discussão apresenta constantes avanços e recuos e que, por isso, é marcada por contradições, mas que vem ganhando cada

⁸ EMPRESA BRASIL DE COMUNICAÇÃO. **Entenda a polêmica sobre a discussão de gênero nos planos de educação**. 2016. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/educacao/2015/07/entenda-por-que-e-importante-discutir-igualdade-de-genero-nas-escolas>. Portal Ebc. Acesso em: 28 fev. 2017.

⁹ ROSSI, Marina. **Reforma do Ensino Médio é aprovada no Senado**. 2017. Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2016/12/14/politica/1481746019_681948.html. Acesso em: 28 fev. 2017.

vez mais espaço público discursivo. Assim, o que se pretende, efetivamente, com esse exame acadêmico, é potencializar a visibilidade, a discussão e a análise da problemática que ora se impõe. Ressalta-se, nesse contexto, que não basta que a temática apenas conste em currículos, seja da educação básica seja do ensino superior. É importante que diferentes disciplinas tratem sobre relações de gêneros e sexualidades e discutam aspectos da realidade dos/as alunos/as, promovendo uma formação crítica e mais cidadã (SILVA, 2015).

Justifica-se, ainda, a pertinência da pesquisa por ela tratar do uso das TDIC, tão corriqueiras no cotidiano, mas ainda subutilizadas no processo educacional (MORAN, 2011). Exemplos disso são as redes sociais que, com as múltiplas ferramentas de interação que oferecem, são um recurso que já deveria ser mais explorado na escola, tendo em vista ser parte da realidade atual. Entre essas ferramentas de interação, escolheu-se para o curso o *Facebook*, devido as suas potencialidades aplicáveis ao processo de ensino-aprendizagem, conforme será descrito no segundo capítulo.

Além disso, reuniram-se referenciais teóricos ligados às sexualidades, à linguística e às tecnologias, buscando demonstrar como a interseção entre elas pode contribuir para a educação. E, ainda, como as teorizações e análises propostas pretendem lançar novos olhares para a forma como se pensam os processos educativos. Por isso, esta investigação poderá servir de fonte de consulta para futuras pesquisas.

Como os fios se entrelaçam

Depois da *Introdução*, apresenta-se o capítulo 1, em que foram descritos *Os Fios Condutores*, os conceitos, com base em referenciais teóricos que sustentaram este trabalho em três pilares. Sobre o primeiro pilar, *Relações de gêneros e sexualidades na formação docente*, analisou-se a forma como esse tema está inserido na sociedade e, especialmente, no âmbito das licenciaturas. Na sequência, tratou-se sobre ferramentas que reúnem imagem e som, *Conceituando artefatos multimídias e intermultimídia* e analisou-se como eles podem ser utilizados para trabalhar a referida temática. O segundo pilar, que está no âmbito da linguística, constitui-se os *Multiletramentos e a “leitura” de mídias*, o que é potencializado pelas relações de *Intertextualidade/interdiscursividade e o diálogo entre textos/discursos*. E o terceiro pilar é feito das *Tecnologias no processo educacional*, cujo enfoque voltou-se para o *Facebook como ferramenta pedagógica e o ensino híbrido*.

Os fios do capítulo anterior compuseram *A Trama* do capítulo 2, em que foi descrito o *Curso Corpo, saúde, sexualidades*, no que se refere aos seus objetivos, à *Divulgação e inscrições*, à *Realização do curso*, às *Atividades virtuais*, aos *Encontros presenciais* e à *Reformulação do curso*.

Com base no referencial apresentado e no curso descrito, os fios e a trama formaram *A Rede*, no capítulo 3, que trata da descrição da *Metodologia de análise do material empírico* e da *Intermultimedialidade nas discussões feitas no Curso Corpo, saúde, sexualidades*, com a aplicação dos conceitos à realização do curso. Isso foi feito por meio de uma análise que se circunscreveu às relações de intertextualidade – mais especificamente de intermultimedialidade – tanto devido ao enfoque desta pesquisa quanto ao volume de materiais produzidos no curso.

Assim, a uma leitura atenta das referências teóricas, seguiu-se um des/re/montar de possibilidades de respostas que, por sua vez, levaram a novas perguntas e novos significados, em sete tessituras (forma como escolhi nomear os recortes das produções das/os participantes, a fim evidenciar como o objetivo desta pesquisa foi atingido): *Tessitura 1: Texto* É possível realizar uma história do corpo e filme *Distrito 9*; *Tessitura 2: Entrevista* O espelho é a nova submissão feminina e postagem *Mulher é...*; *Tessitura 3: Referência a Schopenhauer e gráfico sobre saúde*; *Tessitura 4: Plágio e ideologia versus identidade de gênero*; *Tessitura 5: Música* Meninos e Meninas e *Crônica* Pertencer; *Tessitura 6: Série* Quem sou eu? e livro *Alice no País das Maravilhas*; *Tessitura 7: Clipe* *The Arrow* e temática do *Curso Corpo, saúde, sexualidades*.

Fechando o terceiro capítulo, foram discutidas as: *Inscrições versus participação no Curso Corpo, saúde, sexualidades*, *Reflexões advindas da Avaliação Diagnóstica* e *Contribuições da Avaliação Final*.

Nas *Considerações Finais*, apontaram-se caminhos para como, por meio do *Curso Corpo, saúde, sexualidades*, diferentes artefatos multimídias podem contribuir para a formação docente, no que concerne às temáticas relações de gêneros e sexualidades. Além disso, como as tecnologias digitais, especialmente as redes sociais, podem ser utilizadas como ferramentas para os processos educativos. E, nesse contexto, como os estudos linguísticos/discursivos, pela análise intermultimídia e pelo aperfeiçoamento de habilidades de multiletramentos, podem funcionar como uma ponte para ligar esses dois aspectos.

1. OS FIOS CONDUTORES

As três áreas envolvidas nesta pesquisa permitem fazer uso de diferentes analogias conceituais, mas que comungam do mesmo sentido. Inicialmente, o rizoma, conforme proposto por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), conceito que advém da botânica, para um tipo de raiz, e é transposto para as ciências humanas, carregando o sentido de multiplicidade, algo sem início e fim determinados, mas entre partes, viabilizando conexões: “ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes, de direções movediças” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 43). Assim são vistos os estudos sobre relações de gêneros e sexualidades nos processos educativos, de acordo com Cláudia Ribeiro e Carolina Faria Alvarenga (2014), que se fundamentam nas ideias dos autores supracitados, para entenderem como a educação permite e requer caminhos rizomáticos, por envolverem pessoas e, portanto, suas subjetividades, múltiplas em sentido e potencialidades.

Esse conceito, transposto para o mundo virtual das TDIC, é conhecido como rede, que nomeia um “sistema interligado de computadores, para comunicação e troca de dados”¹⁰ e, ainda, é sinônimo para internet, tamanho os caminhos e conexões que ela permite. Mas rede é, antes, em seu sentido original, um “entrelaçamento de fios, cordões, arames etc., formando uma espécie de tecido de malha com espaçamentos regulares, em quadrados ou losangos, relativamente apertados, que se destina a diferentes usos”¹¹. É, portanto, um tipo de tecido.

E, sabendo que *tecido* e *texto* têm etimologia comum¹², chega-se à terceira analogia, no campo linguístico. Da mesma forma que fios compõem tecidos, palavras formam textos; além disso, um texto pressupõe o diálogo com outros, já que a composição escrita advém de leituras de referências anteriores (DIAS; ALMEIDA, 2016). Essa aproximação entre textos/discursos é chamada intertextualidade/interdiscursividade e constitui o cerne desta análise, a qual é feita com base nas temáticas relações de gêneros e sexualidades. Assim nascem as tramas que compõem esta pesquisa, da qual se apresentam, a seguir, os fios condutores: os conceitos advindos das concepções rizomáticas e as redes que são estabelecidas por meio delas.

¹⁰ **Rede.** Acepção retirada do dicionário Michaelis online. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=rede>. Acesso em: 11 mar. 2017.

¹¹ **Rede.** Acepção retirada do dicionário Michaelis online. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=rede>. Acesso em: 11 mar. 2017.

¹² Do latim: *Tēxtūrā, ā* (de *texere*): ação de tecer, tecedura. *Tēxtūs, ūs*: (de *texere*): tecido, enlaçamento, encadeamento, contextura; texto, teor, conteúdo. (SARAIVA, 2006).

1.1. Relações de gêneros e sexualidades na formação docente

Assim como as tramas que compõem um tecido, diluídas estão pela sociedade as relações de poder, que constroem saberes e instituem verdades, conforme indica Michel Foucault (2014), especialmente quando o assunto é sexo ou qualquer temática relacionada a isso. Por conseguinte, pesquisar relações de gêneros e sexualidades torna-se um desafio, sobremaneira se o foco estiver voltado para a formação de alunos e alunas, em qualquer nível escolar.

O recorte desta pesquisa é o ensino superior, mais especificamente a formação inicial docente, nas licenciaturas, a qual se refletirá em todos os âmbitos da educação formal, tendo em vista que o/a professor/a será um/a multiplicador/a das ideias que aqui são discutidas. Com base nos estudos de Kelly da Silva (2015), tentou-se compreender como as sexualidades estão presentes nos currículos dos cursos de formação docente. A autora faz um levantamento sobre como as relações de gêneros e sexualidades aparecem nos currículos dos cursos de pedagogia de três universidades mineiras. Ela chegou à conclusão de que a temática, quando integra as matrizes curriculares, só pontua disciplinas de outra natureza ou, no máximo, é uma disciplina eletiva, oferecida apenas durante alguns períodos, asseverando que:

Pensar a sexualidade como um saber que perpassa diferentes campos de conhecimento propõe o rompimento com as barreiras entre as disciplinas e, ainda, uma abordagem sobre o tema em todos os espaços, pois, por mais que tentemos fugir à sexualidade, sua representação estará presente nos organizando, chamando-nos à regra dizendo-nos como agir. (SILVA, 2015, p. 109).

Nessa perspectiva, já que os temas relações de gêneros e sexualidades fazem parte do cotidiano, nas mais diversas esferas sociais, eles poderiam ser vistos com mais naturalidade e receberem mais atenção. E isso inclui serem levados para as universidades, integrando a formação docente, para que licenciandas e licenciandos tenham condições de aprender a integrá-los ao seu futuro planejamento de aulas.

No caso desta pesquisa, que se utilizou de um curso de extensão voltado para licenciandas e licenciandos da Universidade Federal de Lavras (UFLA), no sul do estado de Minas Gerais, Brasil, pode-se notar semelhanças com a realidade apresentada pela pesquisadora supracitada. São oito licenciaturas oferecidas pela instituição, em cujas

matrizes¹³ buscaram-se os termos *gênero* e *sexualidade*, levando à constatação de que: no curso de Física, não havia menção ao tema; já, para os cursos de Educação Física, Filosofia, Letras e Química, aparecia como parte de uma disciplina eletiva (*Sociologia da Educação* – ANEXO A). Para os cursos de Ciências Biológicas e Matemática, era oferecida a disciplina eletiva *Relações de Gênero no Mundo do Trabalho* (ANEXO B). E, diferentemente do que foi constatado por Kelly da Silva (2015), na UFLA, o curso de Pedagogia tem a disciplina obrigatória *Educação, Gênero e Sexualidades* (ANEXO C) e a eletiva *Sexualidades e Infâncias* (ANEXO D).

A ementa da disciplina *Educação, Gênero e Sexualidades* prevê que serão abordados os seguintes temas: “Sexualidade como dispositivo histórico. Gênero como categoria analítica e como constituição identitária. Educação para as sexualidades. Gênero e educação: relações e vivências na prática pedagógica” (BRASIL, 2016, p. 1). Já a disciplina *Sexualidades e Infâncias* aborda uma análise de temas relacionados à sexualidade humana, tendo em vista as linguagens e o processo de construção do corpo sexuado, a partir de uma perspectiva pós-crítica (BRASIL, s/d b, p. 1).

A presença desses temas na matriz curricular da graduação em Pedagogia, a qual foi criada recentemente, no ano de 2015, constitui-se uma vanguarda, ainda mais se comparada com a ausência do tema em cursos mais antigos, como os relatados pela pesquisadora supracitada, a qual defende que:

Acrescentar a discussão de sexualidade nos cursos de formação de professores/as [...] é desafiante porque nos convida a problematizar como se refletem nestes cursos, os saberes ali presentes, especialmente no que se refere às discussões sobre a sexualidade e à observação dos discursos produzidos acerca das novas representações de gênero existentes. Isso é para pensarmos como estas questões falam da negociação de identidades e como as diferenças são produzidas e perpassadas por relações de poder. (SILVA, 2015, p. 159).

Em conformidade com o pensamento acima exposto, aceno para a necessidade de mudança de paradigmas, como o que se apresentou na UFLA, o que adveio de muita luta e enfrentou muita resistência institucional. E sei disso porque uma das responsáveis por essa inovação é a professora Cláudia Ribeiro, que se utiliza de várias estratégias para conseguir, em meio a negociações e brechas, problematizar as questões ligadas a relações de gêneros e sexualidades.

¹³ As matrizes curriculares podem ser consultadas no *site* do Sistema Integrado de Gestão (SIG) da UFLA. Disponível em: https://sig.ufla.br/modulos/publico/matrizes_curriculares/index.php. Acesso em: 11 mar. 2017.

Nesse sentido, oferecer um curso de extensão como o *Corpo, saúde, sexualidades*, voltado para discussões sobre tal temática, é também uma forma de resistência e auxilia tanto o aprofundamento do que já é visto em alguns cursos quanto a suprir as lacunas de outros. Um indício dessa necessidade está relacionado ao perfil dos/as participantes e os seus cursos, já que das pessoas que se inscreveram: 34 eram de Letras, 5 de Pedagogia, 4 de Educação Física, 2 de Matemática e 2 de Química; além de 1 da Agronomia e 2 do Direito. Ou seja, diante da quantidade de discentes da UFLA, pode-se notar que há uma demanda maior pela formação nesse assunto em cursos que habilitam futuros/as professores/as.

Essas/es licenciandas/os estão em processo formativo e, infiro, muitos pretendem se tornar professoras/es e chegarem à escola, onde se depararão com uma realidade que necessita das discussões sobre gêneros e sexualidades. E, sendo a escola um microcosmo social, ela reproduz os paradigmas vigentes na sociedade em relação a várias temáticas, inclusive quanto às representações de gêneros e aos tabus impostos à discussão sobre sexualidades, conforme defende Guacira Lopes Louro (2012): “É indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria as produz” (p. 80-81).

Contudo, se a escola contribui para delinear as noções sobre gêneros e sexualidades – e, por conseguinte, as discriminações – difundidas em sociedade, não poderia ela, então, desempenhar o papel contrário? Isso porque a escola também contribui para o desenvolvimento das percepções de como a criança interpreta e assimila a sua sexualidade e se relaciona socialmente com as outras pessoas. Sob a ótica da autora supracitada, tem-se que:

Currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos, processos de avaliação são, seguramente, *loci* das diferenças de gênero, sexualidade, etnia, classe – são constituídos por essas distinções e, ao mesmo tempo, seus produtores. Todas essas dimensões precisam, pois, ser colocadas em questão. É indispensável questionar não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e os sentidos que nossos/as alunos/as dão ao que aprendem. (LOURO, 2012, p. 64).

Em conformidade com os prognósticos dessa pesquisadora, defende-se que é necessário questionar a forma como a educação é feita no Brasil, especialmente o modo como as temáticas relações de gêneros e sexualidades, muitas vezes, são deixadas de lado ou evitadas, não apenas na escola, mas na sociedade de modo geral. E, conforme suscita Michel Foucault (2014), “não existe um só, mas muitos silêncios e são parte integrante das estratégias que apoiam e atravessam os discursos” (p. 31). Ao relegar esses temas ao silêncio, a escola

acaba por cumprir papel oposto, ora criando, ora reforçando situações de opressão e discriminação.

Contudo, entendo que esses temas não podem ser evitados, pois se entrecruzam o tempo inteiro, necessitando, portanto, de análise e reflexão, sobretudo quanto às formas como são tratados em sociedade. Tendo em vista que toda pessoa nasce sem gênero, é a sociedade que toma para si o papel de determinar, a partir do órgão genital da criança, sob a ótica do binarismo, se ela será menino ou menina e a forma como deverá se (com)portar. Então, se a criança nasce com vagina, a sociedade diz que ela terá que usar rosa, ser delicada, frágil, sensível. Por sua vez, a criança que nasce com um pênis terá que gostar de azul, ser forte, destemida, ativa, segundo as imposições sociais. Assim, o gênero é determinado socialmente, em função do sexo biológico e a sociedade faz com que isso se perpetue, seja por meio de ações, seja por meio da linguagem:

Dentre os múltiplos espaços e as muitas instâncias onde se pode observar a instituição das distinções e das desigualdades, a linguagem é, seguramente, o campo mais eficaz e persistente – tanto porque ela atravessa e constitui a maioria de nossas práticas, como por que ela nos parece, quase sempre, muito “natural”. (...) No entanto, a linguagem não apenas expressa relações, poderes, lugares, ela os *institui*; ela não apenas veicula, mas produz e pretende *fixar* diferenças. (LOURO, 2012, p. 65, grifos da autora).

Entende-se, como a autora, que, seja a linguagem verbal, seja a não verbal, seja a corporal ou qualquer outra, as pré-determinações e os pré-conceitos acabam diluídos na forma de pensar, de agir, de falar. Então, faz-se importante cuidar dessa linguagem¹⁴, refletir sobre essa linguagem, em todos os locais da sociedade, não apenas com jovens e adultos, mas sobremaneira com crianças, as quais estão iniciando o seu processo de relacionamento social, aprendendo a conhecer o seu próprio corpo e os corpos das outras pessoas. O que se quer evidenciar, portanto, é que mais do que se tratar de uma discussão acadêmica, problematizar essa temática torna-se um compromisso com uma formação humana mais crítica e apurada. Mais do que teoria, afirmo ser preciso assumir uma prática que implique o cuidar da criança, para que a ela aprenda a cuidar de si, entenda a necessidade de ser cuidada e, por consequência, a cuidar e ter respeito com as pessoas que a rodeiam (RIBEIRO, 1996). O comprometimento com a formação da criança propicia o desenvolvimento de adultos melhores, que buscarão uma sociedade mais justa e igualitária.

¹⁴ Justamente por esse motivo a minha escolha por identificar por nome completo as autoras e os autores lidos e utilizar a indicação de ambos os gêneros ao me referir às pessoas.

E qual é o espaço da sociedade onde a criança passa mais tempo e aprende? Onde ela convive mais em sociedade? É na escola. Esta, contemporaneamente, muitas vezes, chega a cumprir o papel da família, contribuindo não apenas para a formação intelectual, mas também para a formação de caráter dos seres humanos. Porém, muitas vezes, ao invés de promover diálogo, reflexão e modificação de padrões sociais, a escola acaba reforçando preconceitos na determinação dos gêneros e, aos auspícios de Guacira Lopes Louro (2000),

Apesar dos esforços ou da pretensão de alguns, a sexualidade de meninos e de meninas, de jovens e de adultos não consegue ser mantida fora da escola, destinada apenas ao uso externo.

Preocupada em disciplinar e normalizar os indivíduos, a escola, ao longo da história, ao mesmo tempo que negou o seu interesse na sexualidade, dela se ocupou (p. 47).

O espaço escolar, enquanto espaço formativo, contribui, também, para o desenvolvimento de identidades de gêneros e sexualidades, bem como, algumas vezes, organiza e segrega por meio disso. A escola deixa, então, de fazer a diferença na sociedade, para se tornar mais uma instituição a simplesmente reproduzir opressões sociais a partir das relações de poder socialmente estabelecidas, com bem propalou Michel Foucault (2014, p. 157): “pode-se compreender a importância assumida pelo sexo como foco de disputa política”. E ele ainda continua, pontuando os dois eixos em torno dos quais, segundo ele, se desenvolveu a tecnologia política da vida: a disciplina dos corpos e a regularização das populações. Funções essas desempenhadas pelas várias instituições sociais, entre as quais, o governo, a religião, a medicina e a escola. Assim, esse autor discute que a sociedade deixa de prender o ser humano fisicamente e passa a prendê-lo em uma moralidade construída, a fim de saber como se apresenta a sexualidade do outro, porque isso vai tornar o ser moralmente frágil e facilmente manipulável (FOUCAULT, 2014).

Tal domínio é exercido por meio de estratégias, entre as quais está a “pedagogização do sexo da criança” (FOUCAULT, 2014, p. 113), ao entender-se essa sexualidade infantil como algo natural e, ao mesmo tempo, proibido e que, por estar no limiar da vida, deve ser acompanhado nos âmbitos familiar, médico e escolar.

Entretanto, defendendo que a escola, enquanto espaço formativo, em vez de perpetuar essas relações de dominação e controle, deveria, exatamente, questioná-las, interrogar como os discursos, de modo geral, se configuram, e, nesse contexto, discutir, também, a “ideologia de gênero”. A discussão em torno desse termo advém de contendas políticas recentes relacionadas à inclusão das discussões sobre relações de gêneros e sexualidades no Plano

Nacional da Educação (PNE). Na tentativa de retirar esses temas do PNE, um grupo conservador de políticos, juntamente com alguns setores da sociedade, passou a utilizar esse termo, o qual carrega um sentido incorreto de que a escola determinaria a orientação sexual das crianças. Na verdade, o que se propõe – e o que assumo em minhas pesquisas – é a ideia de identidade de gênero (CASTRO, 2012), que pressupõe o respeito às diversidades e possibilita discussões como: por que a necessidade do binarismo rosa *versus* azul, fraco *versus* forte? Por que se deve ser mulher ou homem? Onde fica, então, a pessoa transgênera nessa dualidade? E todas as outras cores e nuances de tom que existem no que se refere às sexualidades?

A discussão se amplia quando se pensa, por exemplo, em uma menina ou um menino que não se identifica com todas as características que a sociedade estabeleceu para o seu gênero – o que é, muitas vezes, ensinado, imposto e reforçado por uma escola que controla corpos, dentro da sala, cercados por carteiras e paredes. Então, se ela/ele entra em conflito entre o que sente e o que a sociedade determina, a escola, em vez de entender, promover reflexão e auxiliar nesse processo de descoberta, pune, porque, nesse sentido, é lugar de cerceamento, de repressão, reproduzindo o que a família, a religião e a sociedade fazem nas construções de saberes e estabelecimento de verdades marcados por relações de poder:

O poder funciona como um mecanismo de apelação, atrai, extrai essas estranhezas pelas quais se desvela. O prazer se difunde através do poder cerceador e este fixa o prazer que acaba de desvendar. O exame médico, a investigação psiquiátrica, o relatório pedagógico e os controles familiares podem, muito bem, ter como objetivo global e aparente dizer *não* a todas as sexualidades errantes ou improdutivas, mas, na realidade, funciona o como mecanismo de dupla incitação: prazer e poder. Prazer em exercer um poder que questiona, fiscaliza, espreita, espia, investiga, apalpa, revela; e, por outro lado, prazer que se abraça por ter de escapar a esse poder, fugir-lhe, enganá-lo ou travesti-lo. Poder que se deixa invadir pelo prazer que persegue e, diante dele, poder que se afirma no prazer de mostrar-se, de escandalizar ou de resistir. (FOUCAULT, 2014, p. 50, grifo do autor).

E sustentando-se nessas premissas, esta pesquisa compreende que os imbricamentos entre poderes e prazeres permeiam a sociedade e, de modo especial, a escola e quem a ocupa: gestores/as, professores/as, alunos/as que, de modo consciente ou mesmo sem perceber, ao mesmo tempo em que vigiam, analisam, acompanham, discriminam, cerceiam, agredem. E nesse contexto, as/os discriminadas/os, cerceadas/os, agredidas/os vão resistindo, encontrando brechas para (sobre)viver.

Em consonância à perspectiva foucaultiana, Kelly da Silva (2015, p. 143) defende que “os saberes e poderes e a produção do discurso são, ao mesmo tempo selecionados, controlados, preparados e remanejados por procedimentos que têm por objetivo controlar os ‘acontecimentos’ que podem se desdobrar a partir daí”. O que significa dizer que a escola constrói e sustenta discursos que reforçam preconceitos e discriminações, bem como é uma das responsáveis por demarcar a separação e a distinção de gêneros:

Nesse contexto, o conceito de gênero passa a englobar todas as formas de construção social, cultural e linguística implicadas com os processos que diferenciam mulheres de homens, incluindo aqueles processos que produzem seus corpos, distinguindo-os e separando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade. O conceito de gênero privilegia, exatamente, o exame dos processos de construção dessas distinções – biológicas, comportamentais ou psíquicas – percebidas entre homens e mulheres. (MEYER, 2016, p. 18).

O que Dagmar Estermann Meyer (2016) aponta é como a bipolaridade feminino *versus* masculino se apresenta na sociedade e, por conseguinte, na escola. Como essa forma de ver dicotômica, algumas vezes, torna-se uma lente aos olhares, ela acaba segmentando três conceitos que, na verdade, estão inter-relacionados, já que todo ser humano carrega em seu corpo o seu sexo e sua sexualidade, que podem se apresentar das mais diversas formas, mas são próprios de cada pessoa.

Defendo, então, que a formação docente precisa considerar esse contexto, pois professoras/es que estão na escola não deveriam ser reprodutores dessa mentalidade cerceadora. Em vez disso, poderiam ter mais senso crítico para pensar coletivamente com as/os alunas/os. E isso começa antes, na graduação dos/as futuros/as professores/as: as licenciaturas. Dessa forma, é preciso atentar-se para a formação inicial docente, a fim de dar às/aos professoras/es as condições de tratarem dessa temática em sala de aula.

Essa perspectiva vai ao encontro do que indica a legislação brasileira afeta à educação, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que tratam de temas como a Orientação Sexual, os quais, por sua vez, já necessitam de atualização, tendo em vista os constantes novos estudos na área. Ou ainda documentos jurídicos mais recentes, que abordam o assunto de modo mais abrangente, como a Resolução nº 1, de 30 de maio de 2012, que estabelece diretrizes nacionais para a educação em direitos humanos e prevê, em seu artigo 3º:

Art. 3º A Educação em Direitos Humanos, com a finalidade de promover a educação para a mudança e a transformação social, fundamenta-se nos seguintes princípios:

I - dignidade humana;
II - igualdade de direitos;
III - reconhecimento e valorização das diferenças e das diversidades;
IV - laicidade do Estado;
V - democracia na educação;
VI - transversalidade, vivência e globalidade; e
VII - sustentabilidade socioambiental.
(BRASIL, 2012, p. 1-2, grifos meus).

Depreende-se, com base nessa jurisprudência, a necessidade de que os/as professores/as estejam preparados/as para contribuir com uma educação que contemple os direitos humanos, em busca de valorização e respeito às pessoas. E isso precisa ser feito considerando, inclusive, que os direitos devem ser iguais para todos/as e as diferenças e as diversidades precisam ser reconhecidas e valorizadas. O que se quer dizer com isso é que temáticas como relações de gêneros e sexualidades precisam ser contempladas, seja por meio de uma disciplina ou de modo transversal, em diferentes projetos, a fim de atender a essas prerrogativas.

Nesse ínterim, Kelly da Silva (2015, p. 138) acredita que “pensar as construções de gênero e sexualidade no currículo permite a problematização, por parte dos/as docentes universitários/as das questões relativas a gênero e sexualidade em suas conexões com o currículo e com as técnicas de saber-poder”. Tais relações de saberes e poderes marcam os currículos, não apenas do ensino superior, mas de toda a educação básica. Logo, repensar um, implica repensar o outro.

Contudo, o momento político atual dificulta esse trabalho, tendo em vista as relações de gêneros e sexualidades serem considerados assuntos complexos e polêmicos e, portanto, evitados na escola. Haja vista a Reforma do Ensino Médio¹⁵, aprovada em fevereiro de 2017, que, entre outros assuntos, prevê a não obrigatoriedade dos estudos e práticas de Filosofia, Sociologia, Educação Física e Artes nos três anos do Ensino Médio, mas apenas em um ano, a critério da escola. Esse acaba se tornando um fator que dificulta as possibilidades de se discutir sexualidades e ampliar os horizontes críticos de crianças e jovens para uma formação mais cidadã.

Essa reforma acaba reverberando no Ensino Superior, tendo em vista que o trabalho com as disciplinas suprimidas contribuiria, também, para despertar o interesse pelo ingresso em cursos como as licenciaturas, que, por sua vez, formaria professoras e professores que

¹⁵ BRASIL. Ministério da Educação. **Novo Ensino Médio - Dúvidas**. 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361>. Acesso em: 12 mar. 2017.

trabalhariam com tais conteúdos. Dessa forma, as possibilidades de discussões sobre relações de gêneros e sexualidades, em vez de ampliarem-se, acabam sendo minadas.

Além disso, é imprescindível que haja grupos de formação que trabalhem junto à escola, para auxiliarem na formação continuada dos docentes. Existe, por exemplo, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), um projeto nacional voltado para as licenciaturas, que reúne docentes em formação inicial e continuada, pois une professoras/es e alunas/os das licenciaturas das universidades e alunos/as e professores/as da escola, contribuindo para a formação de ambos os seguimentos: tanto quem está circunscrito à escola e não tem tempo para investir em formação continuada, quanto quem está na universidade, que pode ter contato com a prática escolar, favorecendo a pesquisa por parte dos/as professores/as universitários/as. Assim, há uma troca enriquecedora para todos/as.

No caso da UFLA, há vários grupos relacionados ao Pibid, entre os quais, destaca-se, devido ao mote deste trabalho, o *Pibid Pedagogia – Gênero e sexualidade*, que desenvolve atividades junto a duas escolas da rede pública, em Lavras, com o objetivo de problematizar questões relacionadas a esse tema e contribuir para a formação docente. Além disso, na UFLA são desenvolvidos projetos de extensão, como o *Borbulhando Enfrentamentos às Violências Sexuais nas Infâncias no Sul de Minas Gerais* (RIBEIRO; ALVARENGA, 2016), que procuram discutir essas temáticas, aproximando universidade, escola e sociedade.

Por isso, pondero ser necessário pensar em um currículo de formação docente que seja significativo para o trabalho que o/a professor/a desenvolverá na escola. O *Curso Corpo, saúde, sexualidades* exemplificou isso quando utilizou o *Caderno escola sem homofobia*¹⁶, que foi desenvolvido como parte do programa *Brasil sem homofobia* (lançado em 2004). Esse material foi criado para dar ferramentas a educadoras/es que quisessem levar para sala de aula o trabalho com gêneros e sexualidades, de modo reflexivo e respaldado por estudos na área. Mas o seu lançamento não aconteceu, tamanha a pressão das bancadas conservadora e religiosa do Congresso, que alegavam estar-se tentando ensinar as crianças a serem homoafetivas¹⁷. Em 2011, então, o material, apelidado pejorativamente como kit gay, por

¹⁶ SOARES, Wellington. **Conheça o "kit gay" vetado pelo governo federal em 2011**. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/84/conheca-o-kit-gay-vetado-pelo-governo-federal-em-2011>. Acesso em: 12 mar. 2017.

¹⁷ Escolhi utilizar homoafetivo/a em vez de homossexual, tendo em vista o caráter semântico que a palavra carrega, de acordo com o que preconiza Tais Leal de Oliveira (2006): os termos homoafetivo e homoafetividade "abarcam a prática sexual e o afeto entre as pessoas, sem fazer quaisquer referências a doenças ou substâncias orgânicas ou psíquicas" (p. 22). A exceção para esse uso dar-se-á apenas em citações em que o/a autor/a utilizar outros termos, como homossexualidade, homoerotismo, homocorporalidade e palavras afins.

correntes contrárias ao seu uso, acabou engavetado. E as possibilidades de uma escola mais crítica e diversa, diminuídas.

Três anos mais tarde, outro retrocesso, nesse mesmo viés, foi o impedimento de que as discussões sobre gêneros e sexualidades estivessem presentes no Plano Nacional de Educação (PNE)¹⁸, bem como nos planos estaduais e municipais. E, mesmo a Constituição Federal e alguns dos tratados internacionais dos quais o Brasil é signatário (por exemplo: a Convenção Relativa à Luta contra a Discriminação no Campo do Ensino e a Convenção para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher) garantindo a igualdade de gêneros e a necessidade de que a discussão aconteça também na escola, os planos são omissos sobre isso. Tal polêmica foi movimentada pelas bancadas conservadoras das câmaras legislativas, apoiadas por alguns setores da sociedade, como os religiosos, que alegavam estar-se propagando a “ideologia de gênero”.

Esse também foi um assunto do curso de extensão, quando se discutiu a diferença entre ideologia e identidade de gênero. Como já dito anteriormente, enquanto a noção de ideologia carrega o sentido pejorativo de que as escolas “ensinariam as crianças a serem homossexuais”, segundo os conservadores citados, o conceito de identidade pressupõe respeitar cada pessoa como ela é e educar para a convivência com a diversidade.

Tal postura é corroborada pelas legislações afetas à educação, como os PCN que, apesar de antigos, ainda indicam caminhos a serem seguidos na educação, como, em seu Volume 10, tratando do tema *Orientação Sexual*:

Se a escola que se deseja deve ter uma visão integrada das experiências vividas pelos alunos, buscando desenvolver o prazer pelo conhecimento, é necessário que ela reconheça que desempenha um papel importante na educação para uma sexualidade ligada à vida, à saúde, ao prazer e ao bem-estar, que integra as diversas dimensões do ser humano envolvidas nesse aspecto. (BRASIL, 1997, p. 78)

Assim, considero que as relações de gêneros e sexualidades tornam-se, então, temas que precisam fazer parte do currículo escolar, como tema transversal, que perpassasse todas as disciplinas. Todavia, o trabalho com essa temática, ao ser levado para a escola, precisa estar respaldado em diferentes referenciais teóricos, tendo em vista ser esse um campo rizomático, como dito anteriormente, e muitas serem as possibilidades para se tratar do tema. Procuo, então, com esta pesquisa, estabelecer um diálogo entre três áreas: sexualidades, linguística e

¹⁸ BRASIL. Ministério da Educação. **PNE em Movimento**. 2014. Disponível em: <http://pne.mec.gov.br/>. Acesso em: 12 mar. 2017.

tecnologias, de tal modo que a última forneça instrumentos que possibilitem o trabalho com a linguagem e a discussão sobre relações de gêneros e sexualidades.

Para tanto, proponho uma reconfiguração, a partir de uma mudança do seu contexto de uso, cunhando o termo *artefatos multimídias*¹⁹, conceito que procura englobar um conjunto de objetos, sejam eles reais ou virtuais, analógicos ou digitais, que reúnem texto, som, imagem, entre outros, tratando de um determinado assunto.

1.2. Conceituando artefatos multimídias e intermultimedialidade

A terminologia que utilizo provém do conceito de *artefato* que, segundo o dicionário, caracteriza um “aparelho, mecanismo ou engenho construído para finalidade específica”²⁰, ou ainda, para a antropologia e a arqueologia, um “objeto que sofreu alteração provocada pelo homem, em oposição àquele que é resultado de fenômeno natural”²¹. No mesmo viés, *multimídia*²² é uma “produção que, fixada em um meio digital, reúne em um único suporte diferentes modalidades de expressão criativa, como, por exemplo, desenho, som, animação, vídeo, texto, performance etc.” Artefato multimídia pode ser, portanto, um vídeo do *Youtube*, uma postagem do *Facebook*, uma música, um artigo científico, uma reportagem, entre tantos outros exemplos.

Este conceito advém, ainda, de outras duas perspectivas. A primeira delas está relacionada ao conceito de *artefato* que, segundo Patricia Vasconcelos Almeida (2006), inclui tanto um objeto material (ferramenta) quanto aspectos relacionados ao discurso veiculado por meio deste (ferramentas externas e internas). Já *multimídia* é um conceito que, segundo Pierre Lévy (1999), advém de *mídia*: suporte de informação e comunicação. Logo, *multimídia* se refere ao que emprega o uso de tais suportes. Sendo assim, a reconfiguração que proponho para *artefatos multimídias* busca transmitir essa noção dos vários suportes (texto impresso, cinema, internet, entre outros) que veiculam diferentes discursos, seja em linguagem verbal ou não verbal (palavras, imagem, música, gesto etc.).

¹⁹ Entendo aqui o ineditismo dos termos *artefato multimídia* e *intermultimedialidade*, quando aplicados à área de pesquisa deste trabalho. O que se comprova por buscas realizadas por meio do Google Acadêmico (Disponível em: www.scholar.google.com.br) e do banco de teses e dissertações da Capes (www.bancodeteses.capes.gov.br), que não retornaram outras pesquisas que utilizam esses termos da forma como utilizei.

²⁰ **Artefato.** Acepção retirada do dicionário Michaelis online. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=artefato>. Acesso em: 11 mar. 2017.

²¹ **Artefato.** Acepção retirada do dicionário Michaelis online. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=artefato>. Acesso em: 11 mar. 2017.

²² **Multimídia.** Acepção retirada do dicionário Michaelis online. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=okzE7>. Acesso em: 11 mar. 2017

Os artefatos multimídias utilizados pelo/a o/a professor/a podem tornar mais dinâmica e rica a discussão e mais profícuas as atividades que desenvolve sobre relações de gêneros e sexualidades. Mas, para isso, ele/ela precisa, ainda, desenvolver duas habilidades, tanto para si quanto junto a seus/suas alunos/alunas: saber compreender esses artefatos e seus usos sociais (multiletramentos) e conseguir identificar o diálogo que podem estabelecer entre si, o que acontece de modo simultâneo e contínuo (intermultimedialidade²³).

Com base nessa articulação, entende-se que, de acordo com o que afirma José Manuel Moran (2011, p. 17), “estamos diante de uma tarefa imensa, histórica e que levará décadas: propor, implementar e avaliar novas formas de organizar processos de ensino-aprendizagem, em todos os níveis de ensino, que atendam às complexas necessidades de uma nova sociedade da informação e do conhecimento”. Esta pesquisa é, também, uma forma de tentar repensar os processos de ensino-aprendizagem, tanto no ensino superior, quanto na educação básica, já que, se os/as professores/as futuros/as tiverem, em sua formação, esse novo modo de olhar, levarão isso para a sala de aula, quando egressos/as das universidades.

Assim, cursos como o *Corpo, saúde, sexualidades* contribuem para a formação docente e para a aplicação desse conhecimento em sala de aula. Contudo, não adianta dar às/aos futuras/os professoras/es uma receita pronta para que seja apenas aplicada no processo educativo. É importante possibilitar o desenvolvimento da liberdade de escolhas metodológicas, para que ela/ele desenvolva as próprias atividades, de acordo com as turmas em que lecionarão e com aquilo que elas necessitam discutir.

Para realizar esse trabalho, podem ser utilizadas várias ferramentas, sem embotamento, porque a problematização das temáticas ligadas a gêneros e sexualidades não é engessada, já que identidade sexual é algo subjetivo, pois se trata de pessoas, que mudam. A identidade é cambiante, furta-cor, tem várias nuances, pois o ser humano é assim. Seguindo essa linha, Grupo Furta-cor e Grupo Purpurina, doravante denominados GFC e GPR, respectivamente, são os nomes dos grupos do *Curso Corpo, saúde, sexualidades*. Eles são assim chamados por significarem essas cores que brilham, que mudam, esse movimento e olhar de diferentes ângulos, o que proporciona poesia e beleza à prática docente, à educação e ao relacionamento humano.

²³ Entendo aqui o ineditismo dos termos *artefato multimídia* e *intermultimedialidade*, quando aplicados à área de pesquisa deste trabalho. O que se comprova por buscas realizadas por meio do Google Acadêmico (Disponível em: www.scholar.google.com.br. Acesso em: 19 mar. 2017) e do banco de teses e dissertações da Capes (Disponível em: www.bancodeteses.capes.gov.br. Acesso em: 19 mar. 2017), que não retornaram outras pesquisas que utilizam esses termos da forma como utilizei.

Não é porque uma pessoa não se enquadra em um padrão pré-determinado que ela deixa de merecer respeito enquanto ser humano, com suas múltiplas cores e formas. Há, no mundo, mais de sete bilhões de pessoas e cada uma tem a sua identidade, a sua subjetividade, a sua nuance de cor. Torna-se, então, complexo identificar se é a pessoa que carrega a subjetividade ou se é a subjetividade que carrega a pessoa. Ou seja, entendo que há um constante ciclo, já que cada pessoa é única e expressa isso em suas peculiaridades, como o modo de agir, falar, se expressar, mas, também, pode-se pensar que esses modos de ser e estar acabam sendo influenciados pelas relações sociais e interferindo na constituição da subjetividade de cada pessoa.

Para se discutir esse assunto, com tantos tons e nuances, são necessárias ferramentas, as quais podem ser as mais diversas possíveis, pois sem diversidade de meios não há como discutir nuances. Então, parece não haver alternativa: é preciso lançar mão de diferentes artefatos de comunicação. Nesta pesquisa, defendo serem os artefatos multimídias instrumentos que podem ser utilizados para se trabalhar, em sala de aula, com qualquer temática, tendo em vista serem contemporâneos e próprios da realidade de alunas e alunos. Mas, de acordo com o que demonstra Vani Moreira Kenski (2010),

Para que ocorra essa integração, é preciso que conhecimentos, valores, hábitos, atitudes e comportamentos do grupo sejam ensinados e aprendidos, ou seja, que se utilize a educação para ensinar sobre as tecnologias que estão na base da identidade e da ação do grupo e que se faça uso delas para ensinar as bases dessa educação. (p. 43).

De acordo com o que demonstra a autora, a educação precisa utilizar e refletir sobre a tecnologia, para que esta contribua para a educação. O dicionário indica que tecnologia²⁴ é um “conjunto de processos, métodos, técnicas e ferramentas relativos a arte, indústria, educação etc.; conhecimento técnico e científico e suas aplicações a um campo particular” e, por extensão, “tudo o que é novo em matéria de conhecimento técnico e científico”. A isso corrobora Vani Moreira Kenski (2010, p. 24), que define tecnologia como “conjunto de conhecimentos e princípios científicos que se aplicam ao planejamento, à construção e à utilização de um equipamento em um determinado tipo de atividade”. Assim, a tecnologia irá variar conforme a época e o local de cada sociedade.

A tecnologia, que hoje é sinônimo de *smartphones*, computadores e internet, na verdade, é aquilo que a humanidade usa a seu favor: desde a pedra, passando pela imprensa,

²⁴ **Tecnologia.** Acepção retirada do dicionário Michaelis online. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=tecnologia>. Acesso em: 11 mar. 2017.

até chegar aos *tablets*. Por isso, não é adequado dizer *novas tecnologias*, tendo em vista que elas serão novas de acordo com a época ou com quem as utiliza. Portanto, as mais recentes, são chamadas de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), por assim se caracterizarem. Mas, como a tecnologia relaciona-se às necessidades do ser humano, no passado, as tecnologias já foram, por exemplo, as técnicas utilizadas para fazer o fogo ou caçar (KENSKI, 2010).

Pode-se notar, então, que os artefatos são ferramentas que a sociedade usa, ao longo da sua história, e que, por isso, serão característicos de cada cultura. Como se vive em uma sociedade tecnológica e digital, o artefato atual é multimídia, o que pressupõe várias linguagens que convergem dentro de uma ferramenta; por exemplo, um vídeo que reúne imagem, som, texto, gesto, movimento, entre outros. Logo, observa-se que a utilização dos recursos citados, abordados nesta pesquisa para o trabalho com as sexualidades em sala de aula, pode-se estender para outras temáticas: consumismo, meio ambiente, literatura, entre outros.

1.3. Multiletramentos e a “leitura” de mídias

Para fazer uso adequado dos artefatos multimídias é necessária uma habilidade denominada multiletramentos que, na concepção de Roxane Rojo (2012), é a capacidade e a prática de compreender e produzir textos compostos por muitas linguagens (ou modos, ou semioses) e, portanto, chamados de textos multimodais ou multissemióticos. Esse conceito advém da noção de letramento que, por sua vez, é uma ampliação da alfabetização. Enquanto esta é uma habilidade de decodificação, aquele é a ampliação desse e busca sentido no que há além do simples decodificar. Do mero ato de juntar letras e formar palavras a entender o sentido que elas carregam – ou escondem – chega-se hoje à necessidade de saber “ler” imagens, vídeos, sons, o que constitui a habilidade de multiletramentos. Assim, ele acontece quando a decodificação é feita, não apenas no nível do texto, mas das imagens, do som, entre outros.

Mas a noção de multiletramentos é ainda mais que isso, de acordo com a autora supracitada, pois prevê a dimensão cultural da pessoa que tem contato com esses diferentes artefatos multimídias. A compreensão do que se vê, lê, escuta e a relação que se estabelece entre essas ações vai depender do conhecimento de mundo e das habilidades em lidar com esses artefatos. Dessa forma, por exemplo, no caso do *Curso Corpo, saúde, sexualidades*, a

forma como as/os participantes compreenderam os textos, os vídeos, as músicas e as imagens utilizadas nas atividades e os diálogos entre esses artefatos – e desses com outros – dependeu do conhecimento prévio que essas pessoas tinham sobre esse material.

Nesse contexto, Roxane Rojo e Jacqueline Barbosa (2015) ressaltam as possibilidades de interação que os textos multimodais possibilitam, especialmente no contexto virtual, já que

Frente o que se segue (ou ao que é de alguma forma publicado) na rede, é possível ter diferentes níveis de resposta: algumas acessíveis diretamente a quem publica o conteúdo – **curtir, comentar, redistribuir** (sem comentar), **redistribuir com comentário fundamentado** (redistribuição crítica) etc. –; outras não tão diretamente acessíveis: publicações em outras redes ou espaços sem referências diretas às origens. Essas publicações/respostas também podem ser multimodais: podem misturar diferentes linguagens (para além da verbal, vídeos, áudios, imagens de diferentes tipos, estáticas ou em movimento etc.). (p. 123, grifos das autoras).

A rede é exatamente aquilo que carrega sentido de multiplicidade, que propicia diferentes ações e modos de compreensão, seja por meio do relacionamento entre pessoas, tanto de forma presencial quanto a distância, seja pelo intercruzamento de artefatos multimídias. E esses recursos podem ser utilizados em conjunto, por meio dos pontos em que se intercruzam, tratando do mesmo tema ou de assuntos que dialogam entre si.

Sobre essa relação, Beth Brait (2013) indica que as atuais práticas de leitura requerem o letramento concomitante em linguagem verbal e em linguagem não verbal: “a dimensão visual interage constitutivamente com o verbal (ou vice-versa), acrescentando-lhe valores. Sem esse jogo não se dá a construção do objeto de conhecimento, nem dos sujeitos da construção e da recepção” (p. 62). É considerando isso que se defende a necessidade de uma formação docente que propicie ao/à futuro/a professor/a saber trabalhar com essas habilidades de leitura, já que a reflexão mobiliza possibilidades de interpretação. E, para conseguir sustentar essas possibilidades de refletir e interpretar, junto com os/as alunos/as, é necessário constituir um referencial teórico que possibilite suscitar direcionamentos de leitura dos textos, de interpretação de imagens e vídeos e das relações entre eles.

Em consonância a isso estão as ideias de Helena Maria Ferreira, Marco Antônio Villarta-Neder e Mauricéia Silva de Paula Vieira (2015), que discutem sobre como as práticas sociais interferem na relação do/a leitor/a com os múltiplos textos com os quais ele/ela tem contato. E, nesse contexto, estão as leituras em ambientes digitais, as quais podem ser de textos, imagens, vídeos, entre outros, e as relações que esses artefatos multimídias estabelecem entre si, como o que se propõe nesta pesquisa.

A ligação entre o uso social dos multiletramentos, as tecnologias, a linguagem e as opiniões que podem ser expressas por meio dela, inclusive para um posicionamento crítico sobre as temáticas relações de gêneros e sexualidades, advém de um conceito cunhado por David Barton e Carmen Lee (2015) sobre posturas. Segundo esse autor e essa autora, postura “se refere ao posicionamento das pessoas em relação a si mesmas, ao que é dito, e a outras pessoas ou objetos” (BARTON; LEE, 2015, p. 118). E esse conceito é central nas discussões que envolvem as tecnologias e redes sociais, tendo em vista ser esse um espaço muito utilizado para a expressão de opiniões. No terceiro capítulo, serão apresentadas as *tessituras*, forma como escolhi nomear os recortes das produções das/os participantes, advindas das postagens nas atividades do *Curso Corpo, saúde, sexualidades*, a fim evidenciar como o objetivo desta pesquisa foi atingido.

1.4. Intertextualidade/interdiscursividade e o diálogo entre textos/discursos

Essa relação advém da noção de textos que apresentam pontos semelhantes, ao que se denomina intertextualidade que, segundo Ingedore Koch, Anna Christina Bentes e Mônica Cavalcante (2008), é um conceito cunhado por Julia Kristeva, na década de 1960, para a literatura. Assim, o conceito de intertextualidade demonstra que não existe texto que não é intertextual, porque toda escrita, inclusive a acadêmica, utiliza outras fontes, ou seja, não existe um construto textual completamente inédito. Por isso, neste trabalho, utiliza-se a metáfora da tessitura, porque o tecido é feito de fios, os quais são cada autor/a lido/a, cada conhecimento de mundo, que vão se reunir e formar o tecido com o qual se envolve esta análise.

Ingedore Koch, Anna Christina Bentes e Mônica Cavalcante (2008) diferenciam dois tipos de intertextualidade: a *lato sensu* e a *stricto sensu*. Enquanto a primeira apresenta-se de modo amplo, no nível do discurso, a segunda é restrita e ocorre entre textos e enunciados. E elas ainda subdividem-se em: genérica e tipológica, no caso da *lato sensu*; e temática, estilística, explícita e implícita, no caso da *stricto sensu*.

Dessa forma, segundo as autoras, a intertextualidade genérica ocorre quando dois textos guardam semelhanças no modo como se apresentam em relação às características do gênero textual (por exemplo: conto de fadas; carta, entre outros); enquanto a intertextualidade tipológica advém de aproximações quanto às peculiaridades do tipo textual ao qual cada texto pertence (por exemplo: tipo narrativo, argumentativo, entre outros).

Por sua vez, a intertextualidade temática acontece quando dois textos partilham o mesmo tema; já a intertextualidade estilística, quando o estilo de escrita, a forma do texto, assemelha-se. A intertextualidade explícita ocorre quando há uma referência direta a um texto; enquanto a intertextualidade implícita acontece quando quem escreveu o texto conta com o conhecimento de mundo, a bagagem cultural, de quem lê (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2008).

Ainda sobre esse último tipo de intertextualidade, quando, ao contrário, quem escreve utiliza-se de outros textos, mas procura ocultar a cópia de trechos ou mesmo de ideias, o que ocorre é o plágio que, segundo as autoras:

seria um tipo particular de intertextualidade implícita, com valor de captação, mas no qual, ao contrário dos demais, o produtor do texto espera (ou deseja) que o interlocutor não tenha na memória o intertexto e sua fonte (ou não venha a proceder à sua ativação), procurando, para tanto, camuflá-lo por meio de operadores de ordem linguística, em sua maioria de pequena monta (apagamentos, substituição de termos, alterações de ordem sintática, transposições, etc.). (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2008, p. 31).

Esse tipo de abordagem, além de comprometer a produção intelectual, constitui-se crime de direitos autorais, tendo em vista que é roubo do que outra pessoa pensou antes. Apresentam-se essas tipologias, porque elas são utilizadas para explicar as formas como os/as participantes do curso estabeleceram as relações de intermultimedialidade ou, em uma das tessituras, como o plágio prejudicou a originalidade do que foi apresentado nas atividades.

Apresentam-se, ainda, três dimensões para o princípio da intertextualidade (VÉRON, 1980 *apud* KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2008). São elas: as relações de sentido são sempre intertextuais, dentro de um discurso específico; domínios discursivos diferentes também podem apresentar relação intertextual entre si; todo discurso advém de uma intertextualidade com discursos anônimos (manuscritos, rascunhos, primeiras versões, entre outros).

Assim, o conceito de intertextualidade se amplia para a interdiscursividade, que é o que esta pesquisa propõe a partir da análise de diferentes discursos, em diferentes linguagens: músicas que dialogam com imagens, vídeos que conversam com textos, entre outros. Esses discursos materializam-se em vídeos, imagens, sons, entre outros, o que leva à ampliação da noção de intertextualidade, para o que se denomina, ineditamente nesta pesquisa, intermultimedialidade, que são os diálogos entre os artefatos multimídias.

Essa relação sucede da noção de interdiscursividade que, segundo Jane Quintiliano Guimarães Silva (2014, s/p), advém da “concepção de que os discursos se relacionam a outros discursos. Um discurso traz, em sua constituição, outros discursos, é tecido por eles, seja pelos já ditos, em um dado lugar e momento histórico, seja por aqueles a serem ainda produzidos”. Assim, a interdiscursividade extrapola o diálogo entre textos, para chegar até as relações entre outros artefatos, como pintura, música, cinema etc.

Por isso, necessita-se, aqui, de uma distinção entre os conceitos de texto e discurso, os quais se diferenciam, pois, Segundo José Luiz Fiorin (2012),

Este é da ordem da imanência e aquele, do domínio da manifestação. (...) A manifestação é a presentificação da forma numa dada substância, o que significa que o discurso é do plano do conteúdo, enquanto o texto é do plano da expressão. Em outras palavras, este é da ordem do sensível, enquanto aquele é do domínio do inteligível. O texto é a manifestação de um discurso. Assim, o texto pressupõe logicamente o discurso, que é, por implicação, anterior a ele (p. 148).

Como, neste trabalho, não serão analisadas apenas as relações entre textos (intertextualidades), mas as relações entre artefatos multimídias (intermultimedialidade) e, portanto, entre os discursos que eles carregam (interdiscursividade), a abordagem conceitual se faz necessária. Torna-se, então, fundamental, a compreensão dos discursos veiculados pelos textos, pelas imagens, pelos vídeos e pelas músicas utilizados no *Curso Corpo, saúde, sexualidade*, o que será abordado com mais detalhes no terceiro capítulo.

1.5. Tecnologias no processo educacional

As potencialidades das TDIC para discutir sobre relações de gêneros e sexualidades advêm do fato de os artefatos multimídias oferecerem possibilidades de diferentes usos sociais dessas tecnologias para obter, processar, analisar, discutir, criticar informações, ou seja, a capacidade de multiletramentos. Dessa forma, assim como se utiliza o texto para fazer intertextualidade, utiliza-se o artefato multimídia para criar a intermultimedialidade, ou seja, estabelecer relações entre múltiplos artefatos. Os artefatos serão utilizados como ferramentas para levar para sala de aula o debate, a discussão e o embasamento no trabalho com as relações de gêneros e sexualidades.

Entre os muitos materiais empíricos advindos do *Curso Corpo, saúde, sexualidades*, apresento o que se segue: uma das atividades foi realizada propondo uma discussão sobre as

relações de gêneros. Para tanto, utilizou-se como mote a música *Meninos e Meninas*, composta por Renato Russo, Dado Villa-lobos e Marcelo Bonfá e interpretada pela banda Legião Urbana. Com base na música, foi pedido que as/os participantes destacassem trechos que lhes tivessem chamado atenção e pesquisassem outros textos, vídeos, músicas, imagens etc. que dialogassem com essa temática. Um dos participantes compartilhou o poema *Pertencer*, de Clarice Lispector, discutindo sobre como a música e o poema dialogavam. Outras/os participantes, por sua vez, estabeleceram outros diálogos.

Observa-se, contudo, que essa atividade funcionou com esse grupo, mas não necessariamente funcionaria em outras situações de formação. Isso porque as noções de intermultimedialidade – assim como de intertextualidade – dependem muito da experiência relacional com o mundo em que se está inserido e da bagagem cultural que cada pessoa carrega. Assim, na escola, o mesmo trabalho pode não funcionar em todas as turmas, porque pode ser que um tema inquiete um grupo, mas não outro. E isso vale tanto para temas como relações de gêneros e sexualidades quanto para qualquer outro assunto. Nota-se, portanto, que a necessidade de personalização do ensino nem sempre consegue ser contemplada pela forma como se tem apresentado o ensino brasileiro atualmente, o qual, muitas vezes, se assemelha a uma “padronização industrial” de formatação de alunos/as.

Ao contrário, o que se propõe para a abordagem sobre temáticas como relações de gêneros e sexualidades são atividades elaboradas de modo a atender às necessidades próprias de cada aluno/a ou turma. Assim, o conteúdo não advém apenas do que o/a professor/a quer e acha que tem que ser ensinado, mas do que a turma anseia discutir e das negociações decorrentes dessa relação entre docentes e discentes. Essa personalização não é um processo fácil de ser realizado, mas também não é impraticável. No terceiro capítulo, apresentarei algumas propostas, relacionadas ao *Curso Corpo, saúde, sexualidades*, para afirmar como o planejamento de uma aula pode ser alterado de acordo com as necessidades da turma.

Há ainda que se considerar que a tecnologia é a ponte para que os artefatos sejam utilizados em sala de aula, contribuindo para essa personalização por meio, por exemplo, do modelo de ensino híbrido (SUNAGA; CARVALHO, 2015). Mas é preciso lembrar que há escolas que não têm acesso à internet, ou mesmo possuam computadores. Podem, então, ser utilizados outros artefatos, como o celular, para apresentar uma música para as/os alunas/os; ou o datashow, para projetar um vídeo baixado anteriormente. E, caso não haja a tecnologia digital, podem-se inter-relacionar imagens impressas, revistas, materiais confeccionados, os mais variados, dependendo apenas da criatividade do/a professor/a.

1.5.1. *Facebook* como ferramenta pedagógica e o ensino híbrido

A execução do curso foi efetivada por meio da plataforma *Facebook*, uma rede social que foi criada em 2003 por Mark Zuckerberg, estudante da Universidade de Harvard, com o objetivo de propiciar a comunicação entre os/as estudantes desse centro acadêmico (CORREIA; MOREIRA, 2014). O serviço, que começou com 1.500 participantes, teve sucessivas expansões, até ser acessado, atualmente, por quase dois bilhões de pessoas²⁵. A página permite que pessoas que se conhecem possam estabelecer uma rede, compartilhando perfis, experiências, mensagens, imagens, vídeos, entre outros.

Assim, a escolha por esse artefato digital, como plataforma para as atividades virtuais do *Curso Corpo, saúde, sexualidades*, adveio do fato de essa rede ter por características principais a interação e ser parte da realidade atual. Isso acontece porque, “(...) de forma rápida e dinâmica, toda e qualquer informação pode ser compartilhada em *sites* de redes sociais, tornando possível que outros usuários tenham a oportunidade de visualizá-las e de comentá-las” (COUTO JUNIOR, 2012, p. 105).

Além disso, a escolha pelo *Facebook* também esteve ligada à necessidade de formação dos/as futuros professores, em relação às tecnologias, já que:

Ressignificar os processos de ensino-aprendizagem hoje vai além da implementação das mídias digitais nas instituições educacionais, mas inclui a necessidade de uma política de formação de professores que se comprometa a discutir a relação dos jovens com as redes sociais da internet. Isso possibilitaria refletir sobre as contribuições da dinâmica da cultura digital na educação, como a interação, a colaboração em/na rede. (COUTO JUNIOR, 2012, p. 136).

Nessa direção, o *Curso Corpo, saúde, sexualidades* permitiu, não apenas a formação docente no que concerne às relações de gêneros e sexualidades, mas também, por meio da prática com o uso das redes sociais, que os/as futuros professores/as pudessem ter contato com mais uma ferramenta de ensino. E, mais ainda, isso feito a partir de um novo modelo de ensino-aprendizagem, o qual está começando a ganhar corpo no Brasil: o ensino híbrido, que, segundo Alexsandro Sunaga e Camila Sanches de Carvalho (2015, p. 144), é “um programa de educação formal no qual o aluno aprende pelo menos em parte por meio do ensino *on-line*,

²⁵ Em 31 de dezembro de 2016, era 1,86 bilhão. Fonte: **Facebook anuncia aumento de lucros e usuários**. Disponível em: http://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2017/02/01/interna_internacional.844286/Facebook-anuncia-aumento-de-lucros-e-usuarios.shtml. Acesso em: 19 mar. 2017.

com algum elemento de controle do estudante sobre o tempo, lugar, modo e/ou ritmo do estudo, e em parte uma localidade física supervisionada, fora de sua residência”.

Dessa forma, o ensino híbrido não é apenas a realização de um curso em parte presencial e em parte a distância, ao que se denomina misto ou semipresencial, mas a exponenciação desse modelo, que busca tornar o/a aluno/a ativo no processo de ensino-aprendizagem:

O ensino híbrido vem ao encontro das necessidades recentes de descobrir a melhor prática educativa para professores e escolas. Trata-se de um modelo de ensino que pressupõe o uso da tecnologia para o desenvolvimento das atividades dentro e fora da classe, em que o aluno é estimulado a buscar o conhecimento com a mediação do professor e da escola. (SILVA; CAMARGO, 2015, p. 181)

O que Rodrigo Abrantes da Silva e Ailton Luiz Camargo (2015) apontam é que a diferença em relação à educação a distância (EAD) tradicional está no fato de que o foco deixa de ser a transmissão do conhecimento pelo/a professor/a e o/a aluno/a estuda em diferentes situações, ficando a sala de aula apenas como espaço para tirar dúvidas em relação ao que já foi estudado e discutido com colegas e professores/as antes.

O ensino híbrido mostra-se, portanto, ainda distante do modelo comumente adotado no Brasil, em que

é marcante o destaque para o seu caráter classificatório nivelado de cima para baixo pelo vestibular. Entretanto, a escola não pode ignorar sua função formativa e cultural diante do esgotamento do sistema de ensino, e os inúmeros problemas decorrentes dele refletem a urgência de que docentes, gestores e poder público repensem a realidade da educação atual. (SILVA; CAMARGO, 2015, p. 181).

Esses autores defendem uma postura com a qual esta pesquisa coaduna, por entender-se que a educação, segundo os moldes tradicionais atuais, tende a dar lugar a novas práticas pedagógicas. E, enquanto não se procurar entender mais demoradamente os contextos sociais dos/as alunos/as, deixando que essa realidade interfira, efetivamente, nas práticas educativas, é difícil que novas concepções de ensino sejam aplicadas na escola, em busca de tornar as metodologias de ensino mais ativas e dinâmicas. Quem concorda com isso, também, é José Manuel Moran (2011), que afiança:

Os principais obstáculos para a aprendizagem inovadora são: o currículo engessado, conteudista; a formação deficiente de professores e alunos; a cultura da aula tradicional, que leva os professores a privilegiarem o ensino, a informação e o monopólio da fala. Também são obstáculos: o excessivo número de alunos, de turmas e de matérias que muitos professores assumem e a obsessão pela preparação para o vestibular das melhores universidades, o que concentra a atenção no conteúdo provável desse exame e não na formação integral do adolescente. (MORAN, 2011, p. 45).

Esses obstáculos foram sentidos no *Curso Corpo, saúde, sexualidades*, pois as/os participantes não corresponderam às expectativas e aos objetivos propostos para o curso, ao que, suponho, se deve ao fato de elas/eles estarem acostumadas/os com o modelo tradicional da educação. Ou seja, a ideia geral era contribuir para a formação docente não apenas no que concerne às temáticas relações de gênero e sexualidades, mas, também, para que os/as participantes pudessem experimentar formas alternativas e dinâmicas de ensino-aprendizagem, utilizando as tecnologias e uma metodologia ativa na educação. Contudo, sobrepujado pela cultura vigente, o curso não foi percebido como uma forma de mudança de paradigma educacional. Essa discussão será tratada no capítulo 3.

2. A TRAMA

Ao referencial teórico apresentado no capítulo anterior, soma-se a descrição do *Curso Corpo, saúde, sexualidades*. Apresenta-se, a seguir, essa trama, a qual é composta pela contextualização, divulgação, inscrições, atividades a distância e presenciais e a reformulação do curso.

2.1. *Curso Corpo, saúde, sexualidades*

Em maio do ano de 2016 cursei, como parte da carga horária da minha área de concentração no Mestrado em Educação da UFLA, a disciplina *Materiais didáticos e recursos midiáticos digitais*, ministrada pelo professor Ronei Ximenes Martins. Como as/os alunas/os podem escolher as disciplinas que cursarão, apesar de a turma ter em torno de 25 estudantes, apenas eu e um colega participamos²⁶ dessa disciplina. O que foi enriquecedor, tendo em vista que pudemos potencializar o conteúdo da disciplina focado na nossa linha de pesquisa: *Gênero e diversidades na educação*. E foi o que motivou a elaboração do *Curso Corpo, saúde, sexualidades*.

Assim, em julho do mesmo ano, elaboramos a primeira versão de uma matriz de *design* instrucional para esse curso. De acordo com Andrea Filatro (2008), a matriz é um quadro panorâmico que reúne as principais informações para a organização de um curso: objetivos, atividades, conteúdos, ferramentas, avaliação, entre outros. Elaborar a matriz fez parte de uma atividade que propunha conhecer a forma de organização de um curso a distância, conforme demonstra a ementa da disciplina (ANEXO E):

EMENTA: (Síntese do Conteúdo)

Avaliação e produção de recursos didáticos para espaços virtuais de ensino e aprendizagem; Tipos e características; Integração de mídias; Produção de textos e roteiros; Produção de hipertexto; testagem de materiais.

[...]

Unidade II:

Design Instrucional (DI). Funções do *designer* instrucional e organização de equipes multidisciplinares. Modelo de desenvolvimento. Planejamento: identificação de necessidades, definição de objetivos, caracterização do público-alvo, análise dos objetivos educacionais, definição de estratégias de comunicação para orientar a aprendizagem.

²⁶ Diferentemente do capítulo anterior, neste capítulo, em algumas construções frasais, utilizarei a primeira pessoa do plural, tendo em vista a necessidade de descrever ações praticadas por mim juntamente com o colega Vinícius de Carvalho ou, ainda, com as/os participantes do curso.

Avaliação e testagem de materiais.
(BRASIL, s/d, p. 1-2)

A partir do que fora proposto para a disciplina, compreendemos a importância do/a *design* instrucional como um/a profissional que age em instâncias macro e micro para a organização de um curso de EAD (FILATRO, 2008). A sua atuação é voltada tanto para o gerenciamento do curso como um todo quanto para a comunicação entre as áreas pedagógica e técnica, ou seja, para que seja feita a ponte entre o que o/a professor/a do curso pensou e como isso será transposto para um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA).

No caso da disciplina em questão, não chegamos a aprofundar o estudo sobre as atribuições do *design* instrucional, já que o nosso foco esteve voltado para o aspecto micro da área, por termos que elaborar uma matriz, apontando como poderia ser proposto um curso EAD. Dessa forma, nós pensamos em uma atividade que tivesse a ver com a nossa linha de pesquisa e daí surgiu a ideia de um curso que reunisse os temas relações de gêneros e sexualidades.

Já na primeira versão da matriz de *design* instrucional (APÊNDICE A), vimos o potencial que o curso teria, caso saísse do papel e acontecesse efetivamente. Contudo, ser realizado e não ser analisado também seria um desperdício. Assim, eu decidi, junto com as minhas orientadoras, ter o curso como *corpus* da minha pesquisa. E, como eu já pretendia analisar relações de intertextualidade/interdiscursividade, trouxe esse foco para a presente pesquisa. Neste capítulo, descreveremos o curso como um todo, desde o seu planejamento, até o seu término. No próximo capítulo, enfocaremos as relações intermultimídia originadas do curso.

2.1.1. Divulgação e inscrições

Originalmente, o curso foi pensado para ter duração de 30 horas, as quais seriam divididas entre 22 horas a distância e 8 horas presenciais. Entretanto, viu-se que ele teria visibilidade junto aos/às alunos/as se fosse realizado em formato de curso de extensão, tendo, portanto 40 horas de duração, as quais foram divididas entre 30 horas a distância e 10 horas presenciais.

Assim, criei o material de divulgação, a fim de motivar as inscrições. Para tanto, foram estabelecidas as seguintes estratégias:

I. Criação de um evento no *Facebook*, para convidar virtualmente as pessoas²⁷;



Figura 1 – Página do *Facebook* com a divulgação do evento: Curso de extensão: *Corpo, saúde, sexualidades*

II. Criação de uma arte para ser disponibilizada e compartilhada como *post*²⁸, no *Facebook*;



Figura 2 – Postagem de divulgação²⁹, no *Facebook*, do Curso *Corpo, saúde, sexualidades*

²⁷ Criei o evento, no dia 30 de janeiro de 2017, no modo Privado, ou seja, só podem localizá-lo pessoas convidadas por mim. Disponível em: <https://www.Facebook.com/events/747105088793819/>. Acesso em: 30 jan. 2017.

²⁸ Escolhi utilizar o termo em inglês, por ser o comumente adotado quando a postagem se refere a redes sociais. post [póste] (palavra inglesa) substantivo masculino. Publicação numa página da Internet. = POSTAGEM. Disponível em: <https://www.priberam.pt/DLPO/post>. Acesso em: 19 mar. 2017.

²⁹ Postagem de divulgação, no *Facebook*, do curso *Corpo, saúde, sexualidades*. Disponível em: <https://www.Facebook.com/photo.php?fbid=1221765447919850&set=a.124617120968027.24184.100002592186948&type=3&theater> Acesso em: 31 jan. 2017.

III. Criação de um cartaz, a ser divulgado virtualmente e de modo impresso, para ser afixado em quadros da UFLA;

CURSO DE EXTENSÃO

CORPO, SAÚDE, SEXUALIDADES

Duração: 40h - 13 fev. a 25 mar. 2017 (Exceto Carnaval / 30h a distância, pelo Facebook, e 10h presenciais - dias 4 e 25 mar.)

Inscrições: 31 jan. a 12 fev. 2017, no SIG/UFLA: sig.ufla.br

Apresentação
O curso de extensão *Corpo, saúde, sexualidades* nasceu das atividades desenvolvidas em uma disciplina do Mestrado Profissional em Educação (MPE) do Departamento de Educação (DED) da Universidade Federal de Lavras (UFLA). Ele é uma tentativa de suprir possíveis lacunas das licenciaturas na formação de futuros/as professores/as, no que se refere às temáticas relações de gênero e sexualidades. Para tanto, o curso pretende utilizar diferentes artefatos culturais, por meio da habilidade de multiletramento e das relações de intertextualidade que eles estabelecem, criando possibilidades de problematização e reflexão sobre o tema.

Ementa
O corpo, a saúde e as sexualidades; as figuras dos masculinos e femininos; Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e a imagem das sexualidades; campanhas publicitárias sobre aids e o impacto social delas.

Objetivos

- Intervir no entendimento das relações entre os cuidados com a saúde, as sexualidades e o corpo na sociedade;
- Possibilitar a análise de campanhas de prevenção de IST's e sua relação com a construção das sexualidades;
- Discutir sobre as vozes enunciativas presentes nas campanhas: quem fala, com quem fala, como fala, com qual intenção fala, etc.;
- Problematizar questões ligadas a masculinidades e feminilidades;
- Contribuir para a formação docente de licenciandos/as da Ufla sobre a temática *Corpo, saúde, sexualidades*;
- Aprofundar as discussões sobre relações de gênero e sexualidades existentes nos cursos de licenciatura em relação à abordagem desse tema.

Avaliação

- Participação nos encontros presenciais/virtuais e contribuição na construção do conhecimento, por meio da elaboração de textos e participação nas postagens;
- Construção de uma exposição fotográfica, como álbum no Facebook. A exposição virtual será relacionada à temática *Corpo, saúde, sexualidades*, como forma de avaliar os aprendizados promovidos pelo curso.

Vagas: 50 participantes que estejam cursando licenciaturas na Ufla

Outras informações: Jaciluz Dias e Vinicius de Carvalho (Pelo Facebook ou pelo e-mail: csscurso@gmail.com)

Observações:

- Para realizar o curso, o/a participante precisará ter uma conta no Facebook, já que as atividades ocorrerão em grupos fechados nessa rede social;
- Entre 25 e 28 de fevereiro não haverá atividades (Carnaval);
- O curso será utilizado como *corpus* de análise para a pesquisa de Mestrado da estudante Jaciluz Dias. Portanto, para garantir o cumprimento de prerrogativas éticas e legais, os/as participantes deverão preencher, no dia do primeiro encontro presencial, o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)* e o *Termo de cessão para utilização de produção textual, imagem e som de voz da pesquisa*.

Apoio: Coordenadoria para Assuntos da Diversidade e das Diferenças / Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Comunitários (Praec)

Logos: DED, MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO, FESB, UFLA, Apoio: PRAEC

Figura 3 – Cartaz de divulgação³⁰ do *Curso Corpo, saúde, sexualidades*

A impressão do cartaz contou com o apoio da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Comunitários (Praec) da UFLA, por meio da Coordenadoria para Assuntos de Diversidade e Diferenças (CADD), a qual foi instituída no final do ano de 2016. Solicitei o apoio da CADD, por entender que o curso tem relação direta com a proposta da Coordenadoria.

Por conta disso, o curso foi divulgado, também, na página da Praec:

³⁰ Cartaz de divulgação do Curso *Corpo, saúde, sexualidades*. Disponível em: <https://www.Facebook.com/photo.php?fbid=1221764621253266&set=gm.752776918226636&type=3&theater>. Acesso em: 31 jan. 2017.

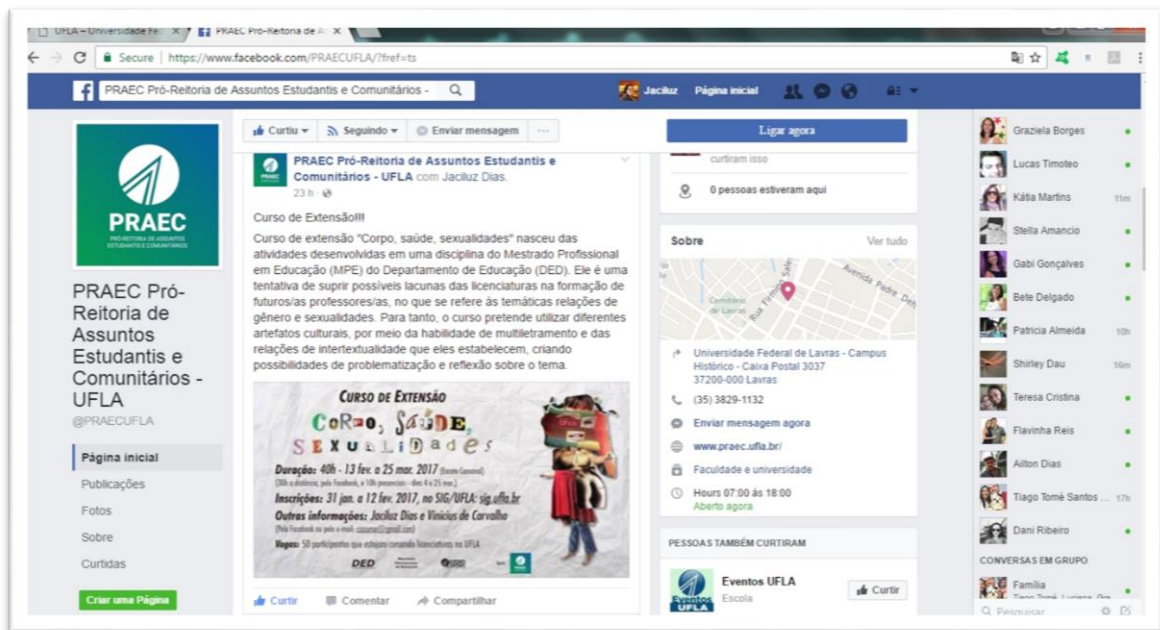


Figura 4 – Divulgação do *Curso Corpo, saúde, sexualidades* na página da Praec/UFLA³¹, no *Facebook*

IV. Elaboração de um vídeo para divulgação no *Facebook*;

O vídeo foi elaborado por nós, em julho de 2016, com base em um roteiro (APÊNDICE B) que nós criamos, ainda durante a realização da disciplina *Materiais didáticos e recursos midiáticos digitais*. Depois de feito o roteiro, parte das imagens foram gravadas no estúdio da Diretoria de Educação a Distância (Dired) da UFLA e parte por nós. Em seguida, editamos o vídeo e o apresentamos como parte da conclusão avaliativa da referida disciplina. Então, deixamos o vídeo guardado para ser divulgado no lançamento do *Curso Corpo, saúde, sexualidades*.

³¹ Divulgação do *Curso Corpo, saúde, sexualidades* na página da Praec/UFLA, no *Facebook*. Disponível em: <https://www.Facebook.com/PRAECUFLA/photos/a.178689575870989.1073741828.178647519208528/227339061006040/?type=3&theater>. Acesso em: 31 jan. 2017.

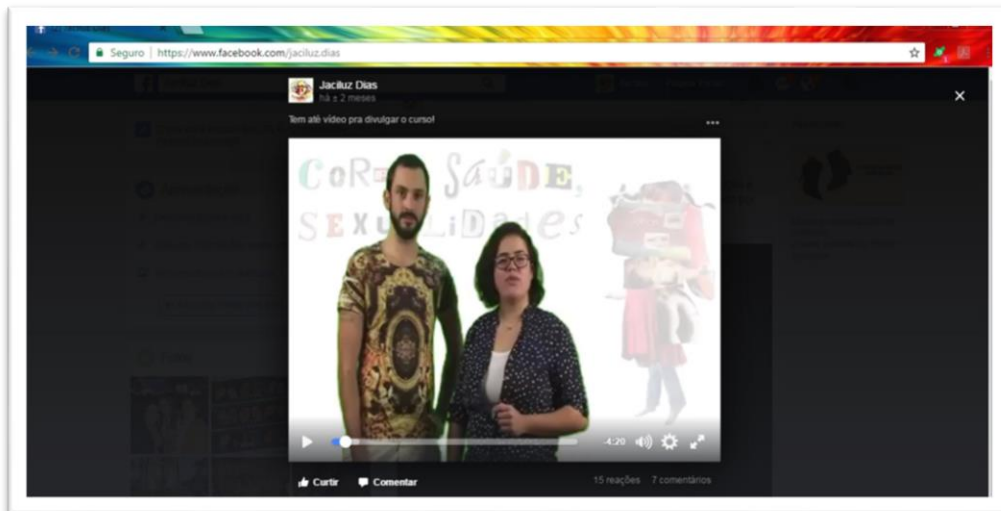


Figura 5 – Vídeo de divulgação³² do *Curso Corpo, saúde, sexualidades* no Facebook

V. Sugestão de pauta para divulgação junto à Diretoria da Comunicação (DCOM) da UFLA;

A Diretoria de Comunicação da UFLA (DCOM) da UFLA disponibiliza um sistema em que podem ser sugeridas pautas para notícias relacionadas à instituição. Qualquer pessoa (discentes e servidores/as docentes e técnico-administrativos/as) que tenha um e-mail institucional pode acessar o sistema e cadastrar uma solicitação, a qual pode ser aceita ou não.

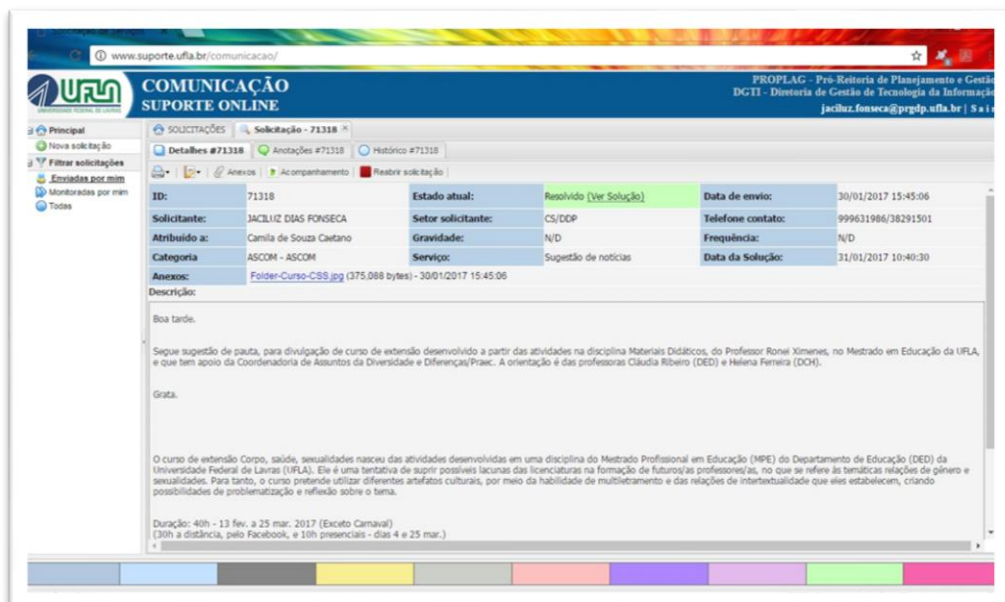


Figura 6 – Sugestão de pauta³³ para criação de notícia sobre o *Curso Corpo, saúde, sexualidades*

³² Vídeo de divulgação do *Curso Corpo, saúde, sexualidades* no Facebook. Disponível em: <https://www.Facebook.com/events/747105088793819/permalink/752233108281017/>. Acesso em: 30 jan. 2017.

³³ Sugestão de pauta para criação de notícia sobre o *Curso Corpo, saúde, sexualidades*. Disponível em: <http://www.suporte.ufla.br/comunicacao/>. Acesso em: 31 jan. 2017.

Depois que eu fiz a solicitação, conforme figura anterior, o curso foi divulgado na página principal e na página da DCOM do *site* institucional da UFLA, no perfil do *Facebook* da DCOM, sendo notícia, inclusive, na Rádio Universitária, que criou um *spot*³⁴ de divulgação. A seguir estão as figuras que ilustram a divulgação *on-line*:

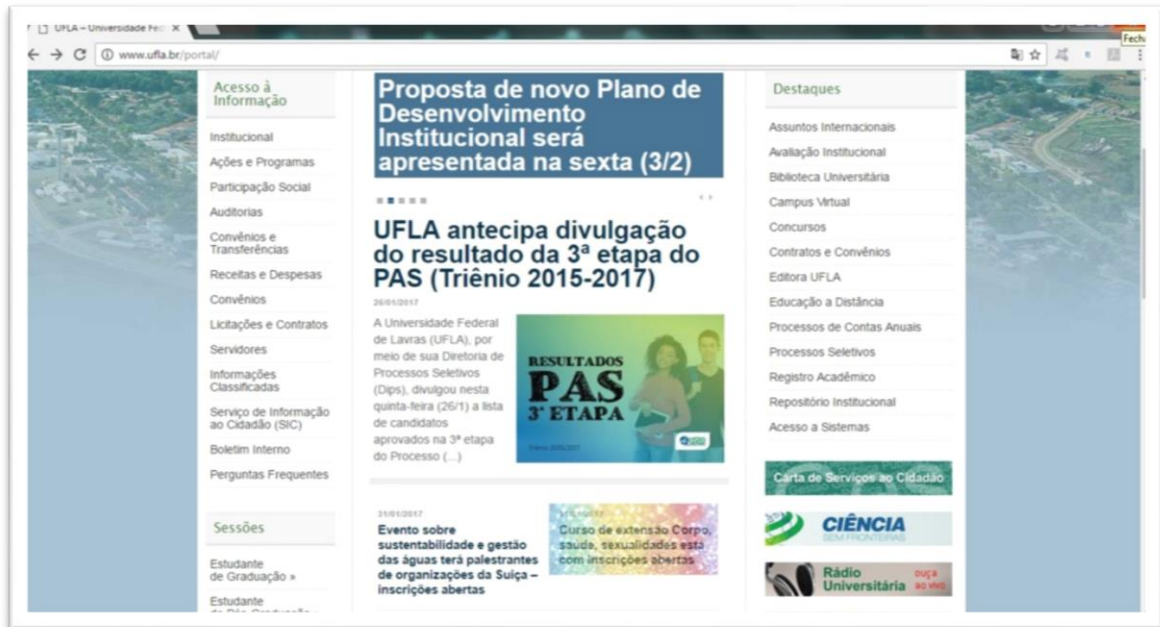


Figura 7 – Divulgação do *Curso Corpo, saúde, sexualidades* na página principal do *site* institucional da UFLA³⁵

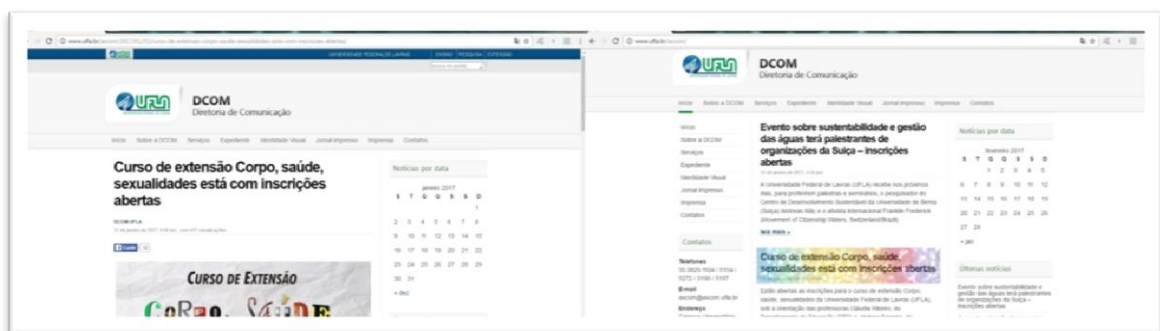


Figura 8 – Divulgação do *Curso Corpo, saúde, sexualidades* na página institucional da DCOM/UFLA³⁶

³⁴ *Spot* é um “Anúncio gravado com voz e efeitos sonoros de breve duração para veiculação em rádio ou televisão; espote.” Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=espote>. Acesso em: 19 mar. 2017.

³⁵ Divulgação do *Curso Corpo, saúde, sexualidades* na página principal do *site* institucional da UFLA: *vide* destaque colorido, no centro, embaixo. Disponível em: <http://www.ufla.br/portal/>. Acesso em: 31 jan. 2017.

³⁶ Divulgação do *Curso Corpo, saúde, sexualidades* na página institucional da DCOM/UFLA: à esquerda, a notícia principal; à direita, como parte das notícias da página da DCOM – *vide* destaque colorido. Disponível

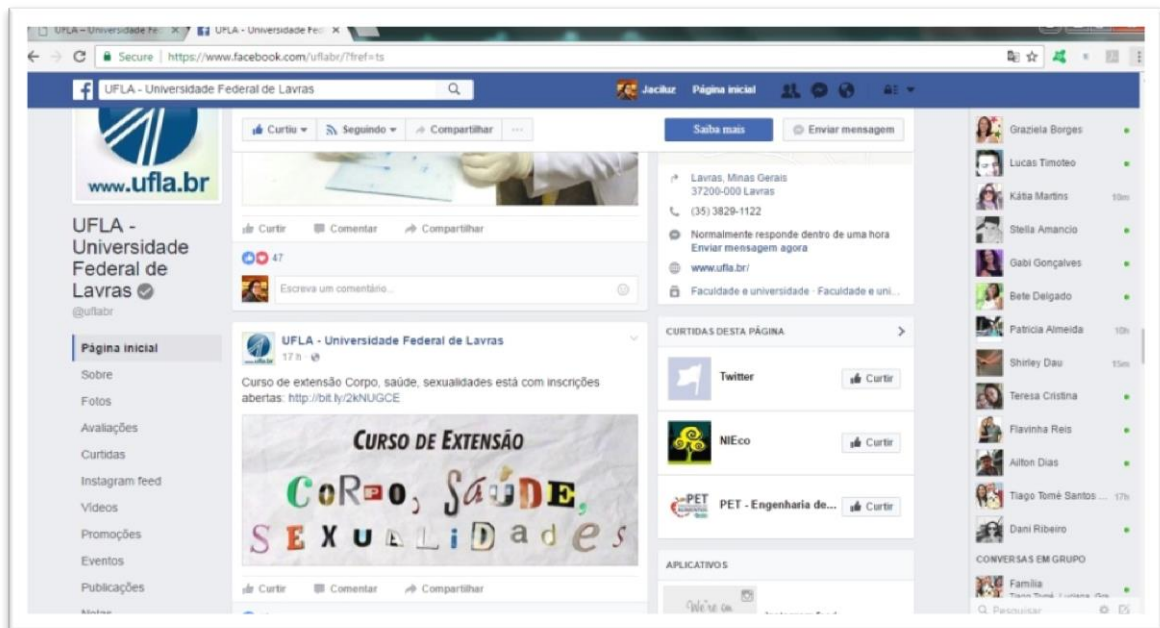


Figura 9 – Divulgação do *Curso Corpo, saúde, sexualidades* na página do Facebook da DCOM/UFLA³⁷

VI. Cadastro do curso no Sistema Integrado de Gestão (SIG) da UFLA;

A Universidade disponibiliza um sistema, o qual pode ser acessado por qualquer pessoa que possua e-mail institucional, que reúne informações relacionadas ao cotidiano da instituição. Dessa forma, o SIG é utilizado para consulta de notas, histórico, documentação; lançamento de notas e frequência; inscrição em eventos, entre outros, sendo que as funções disponíveis mudam, de acordo com o perfil de acesso (discente, docente ou técnico-administrativo).

Dessa forma, o SIG é a ferramenta para cadastro, inscrição e emissão de certificado para os eventos promovidos pela instituição. E, como sou assistente em administração da UFLA, tenho acesso à funcionalidade de criação de eventos, a qual utilizei para cadastrar o *Curso Corpo, saúde, sexualidades*. Sendo apenas aluna, eu não teria esse acesso e o curso teria que ser cadastrado por uma das minhas orientadoras.

Por meio do SIG, é possível acompanhar as inscrições, gerar folha de presença, emitir certificados, entre outros. Além disso, o sistema serve como mais uma forma de divulgação da

em: <http://www.ufla.br/ascom/2017/01/31/curso-de-extensao-corpo-saude-sexualidades-esta-com-inscricoes-abertas/>. Acesso em: 31 jan. 2017.

³⁷ Divulgação do *Curso Corpo, saúde, sexualidades* na página do Facebook da DCOM/UFLA. Disponível em: <https://www.facebook.com/uflabr/photos/a.159642337442885.39958.157846814289104/1794095820664187/?type=3&theater>. Acesso em: 31 jan. 2017.

atividade. Assim, no dia 27 de janeiro, cadastrei o curso como evento no SIG, conforme a figura a seguir.

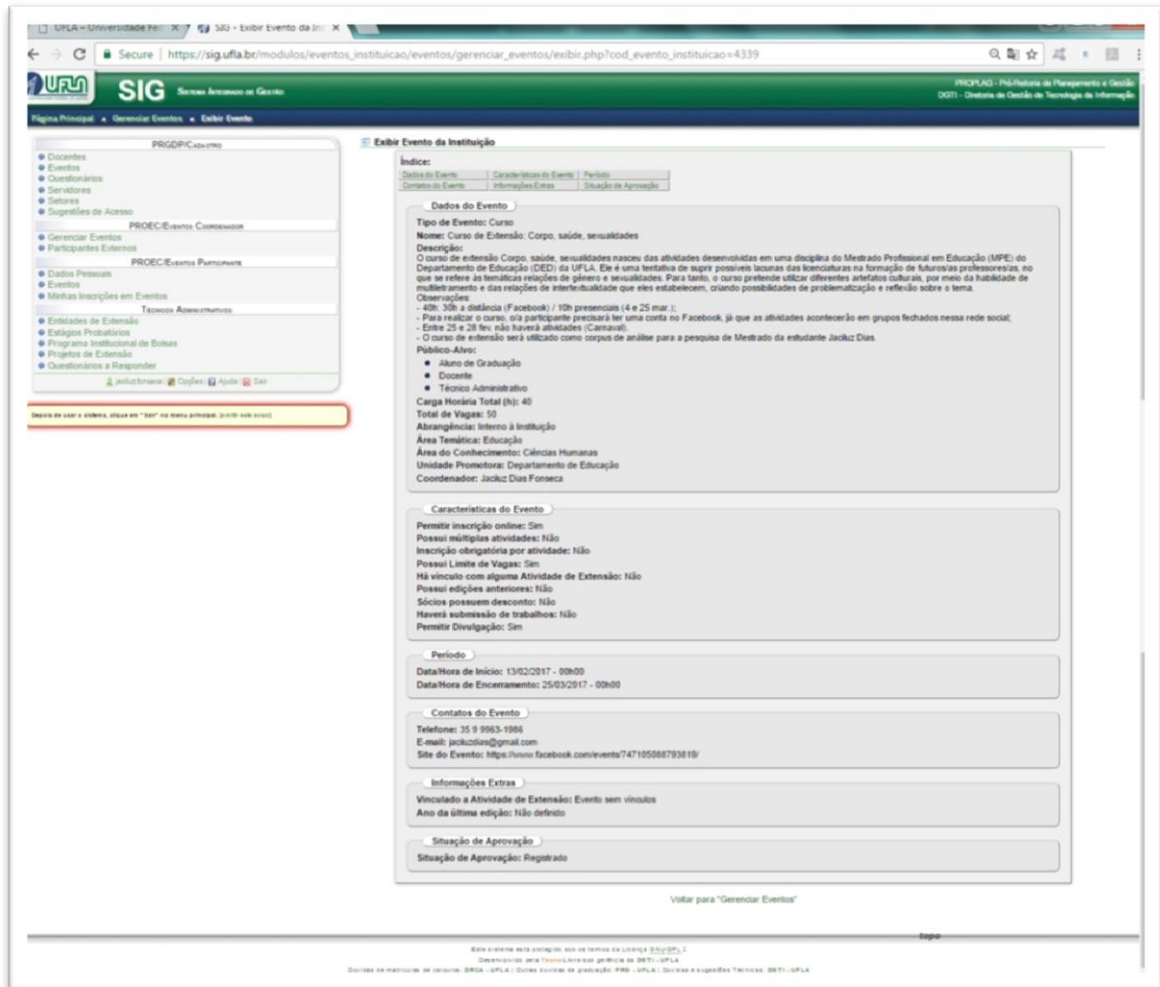


Figura 10 – Cadastro, no SIG, do *Curso Corpo, saúde, sexualidades*³⁸

VII. Divulgação nas salas de aula das licenciaturas.

A última forma de divulgação aconteceu, no dia 31 de janeiro, à noite, quando eu percorri as salas das licenciaturas, cujos cursos acontecem no período noturno, explicando como seria o curso e convidando licenciandas/os para participarem.

Depois da divulgação, as inscrições começariam, indo do dia 31 de janeiro ao dia 12 de fevereiro, já que o curso começou no dia 13 de fevereiro. Inicialmente, o curso havia sido pensado para 50 licenciandas/os dos cursos de graduação da UFLA, contudo, no dia 31 de

³⁸ Cadastro, no SIG, do Curso Corpo, saúde, sexualidades. Disponível em: https://sig.ufla.br/modulos/eventos_instituicao/eventos/gerenciar_eventos/exibir.php?cod_evento_instituicao=4339. Acesso em: 31 jan. 2017.

janeiro, antes mesmo de eu terminar de divulgar o curso nas licenciaturas, as vagas se esgotaram, conforme a figura a seguir.



Figura 11 – 50 vagas esgotadas para o *Curso Corpo, saúde, sexualidades*, no mesmo dia do início das inscrições

Dessa forma, no dia 1º de fevereiro, eu solicitei, junto à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (Proec), que gerencia a organização de eventos no SIG, que fossem abertas mais 20 vagas, as quais se esgotaram, novamente, no mesmo dia, antes mesmo que eu fizesse nova divulgação, conforme indica a figura a seguir.



Figura 12 – 70 vagas esgotadas para o *Curso Corpo, saúde, sexualidades*, no mesmo dia da nova abertura

Para dar apoio comunicativo ao curso, criei, também, uma conta de e-mail (csscurso@gmail.com), com o objetivo de ser utilizada para o caso de dúvidas e outras informações sobre as inscrições. Além disso, outra forma de contato poderia ser feita por meio do *Facebook*. Por meio desses dois canais, inclusive, recebi pedidos de pessoas que ainda gostariam de se inscrever. Contudo, tive que negar a inscrição, pelo menos nesse momento, pois a estrutura do curso não fora planejada para tantas pessoas.

No capítulo 3, em que se encontra a análise do material empírico, tratarei com mais detalhes sobre quão significativo foi esse fato relacionado ao quase instantâneo término das vagas, bem como sobre os reflexos disso no *Curso Corpo, saúde, sexualidades*.

Apesar de voltado para as licenciaturas, o curso teve inscritos/as também de outras graduações, tendo em vista que, no SIG, permite-se indicar qual é o público que pode se inscrever, mas não há distinção entre licenciaturas e outras graduações, apenas “aluno de graduação”, de acordo com o sistema.

Depois da inscrição via SIG, na semana anterior ao início do curso, com base nos dados informados pelo sistema, que incluem o e-mail institucional de cada inscrito/a, enviei um e-mail solicitando as/os participantes informassem curso, e-mail alternativo e perfil do *Facebook*, para serem incluídos nos grupos do curso. Assim, das 70 pessoas inscritas:

- 1 cursava Agronomia;
- 2 cursavam Direito;
- 4 cursavam Educação Física;
- 36 cursavam Letras – Português/Inglês (das quais duas comunicaram oficialmente a desistência, em mensagem pelo *Facebook*, alegando que não teriam tempo para realizar as atividades);
- 2 cursavam Matemática;
- 5 cursavam Pedagogia;
- 2 cursavam Química; e
- 18 não enviaram os dados solicitados e, portanto, não foram incluídas nos grupos.

Divididas em dois grupos com até 35 pessoas cada, as pessoas foram adicionadas no *Facebook*. Incluí, ainda, em ambos os grupos do *Facebook*, o colega que auxiliou na condução do curso; a minha coorientadora (não incluí a orientadora, porque esta não tem perfil nessa rede social); e a coordenadora do curso de Pedagogia EAD da UFLA, que solicitou participar como ouvinte, para conhecer a forma como o curso aconteceria.

2.1.2. Realização do curso

O *Curso Corpo, saúde, sexualidades* foi planejado tendo como objetivos: intervir no entendimento das relações entre os cuidados com a saúde, as sexualidades e o corpo na

sociedade; possibilitar a análise de campanhas de prevenção de IST³⁹ e sua relação com a construção das sexualidades; discutir sobre as vozes enunciativas presentes nas campanhas: quem fala, com quem fala, como fala, com qual intenção fala, entre outros; problematizar questões ligadas a masculinidades e feminilidades; contribuir para a formação docente de licenciandas/os da UFLA sobre a temática *Corpo, saúde, sexualidades*; e aprofundar as discussões sobre relações de gêneros e sexualidades existentes nos cursos de licenciatura em relação à abordagem desse tema.

Assim, as atividades foram planejadas para acontecerem entre os dias 13 de fevereiro e 25 de março de 2017, ao longo de 40 horas, sendo 30 horas a distância e 10 horas em dois encontros presenciais, os quais aconteceram nos dias 4 e 25 de março, das 8h às 12h, no Anfiteatro do Departamento de Ciências Humanas (DCH) da UFLA. Todas as atividades foram divulgadas, previamente, para os/as participantes, com a publicação do *design* instrucional do curso nos grupos do *Facebook* (APÊNDICE C).

Os momentos a distância aconteceram por meio da rede social virtual *Facebook*, tendo, para isso, sido criados dois grupos secretos⁴⁰, nos quais as/os participantes foram adicionadas/os para terem acesso ao material e poderem interagir na realização das atividades. Os grupos se chamavam Furta-cor (GFC) e Purpurina (GPR), sendo diferenciados porque, enquanto no primeiro todas as atividades de uma unidade eram postadas de uma vez, no segundo, as atividades eram postadas a cada dois dias ou três. Essa diferenciação teve duas motivações: facilitar o acompanhamento das postagens e observar se o fluxo da disponibilização das atividades favorecia a sua realização no prazo estipulado. O critério para inclusão de cada pessoa em um desses grupos foi a ordem de inscrição, sendo as 35 primeiras adicionadas no primeiro grupo e as 35 seguintes, ao segundo.

³⁹ O termo Doença Sexualmente Transmissível (DST) caiu em desuso, tendo em vista que não é necessário ter uma doença para se transmitir uma infecção. Haja vista a diferença entre HIV e aids: ter a infecção pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV) não é ter a condição de saúde chamada síndrome da imunodeficiência adquirida (aids), já que essa advém do agravamento da infecção por HIV. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pagina/oque-sao-dst>. Acesso em: 6 ago. 2016.

⁴⁰ O Grupo Secreto é um dos três tipos de grupos de afinidade que podem ser organizados no *Facebook*. Nele, qualquer pessoa pode entrar, mas ela deve ser adicionada ou convidada por um membro. Há, ainda, os tipos Público (qualquer pessoa pode participar ou ser adicionada ou convidada por um membro) e Fechado (qualquer pessoa pode pedir para participar ou ser adicionada ou convidada por um membro). Fonte: **O que são as configurações de privacidade para grupos?** Disponível em: <https://pt-br.Facebook.com/help/220336891328465>. Acesso em: 19 mar. 2017.

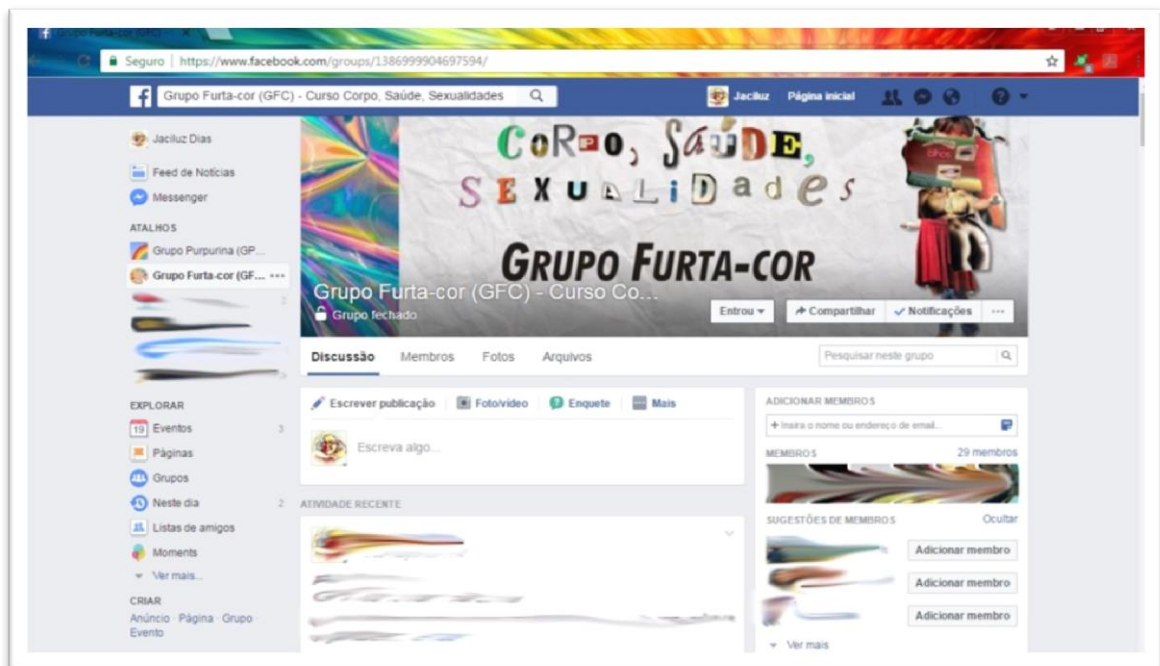


Figura 13 – Grupo secreto do Facebook para o Curso Corpo, saúde, sexualidades – Grupo Furta-cor⁴¹



Figura 14 – Grupo secreto do Facebook para o Curso Corpo, saúde, sexualidades – Grupo Purpurina⁴²

⁴¹ Grupo secreto do Facebook para o Curso Corpo, saúde, sexualidades – Grupo Furta-cor. Disponível em: <https://www.Facebook.com/groups/138699904697594/>. Acesso em: 19 mar. 2017.

⁴² Grupo secreto do Facebook para o Curso Corpo, saúde, sexualidades – Grupo Purpurina. Disponível em: <https://www.Facebook.com/groups/243608836086788/>. Acesso em: 19 mar. 2017.

Com base na primeira matriz de *design* instrucional elaborada nas referidas aulas do Mestrado, uma nova proposta de matriz foi feita (APÊNDICE C) e as atividades foram organizadas em quatro unidades, as quais, por sua vez, se dividiram em duas, três ou quatro subunidades, quais sejam:

1. O corpo, a saúde e as sexualidades

1.1. Historicizando o corpo

1.2. Entendendo o conceito de saúde

1.3. As construções culturais das sexualidades humanas

1.4. Relacionando os três eixos conceituais

2. As figuras dos masculinos e femininos

2.1. O que é ideologia de gênero?

2.2. Discutindo relações de gênero

2.3. Lugares sociais de meninos/homens e meninas/mulheres

3. ISTs e a imagem das sexualidades

3.1. Como a sociedade vê?

3.2. Como você vê?

4. Campanhas publicitárias sobre aids e o impacto social delas

4.1. O papel da publicidade nos discursos sobre os saberes

4.2. A construção social da imagem da aids

4.3. As campanhas contra a aids e a construção da representação social dos/das soropositivos/soropositivas

Observa-se que, apesar de o curso envolver três assuntos (corpo, saúde e sexualidades) para esta pesquisa, escolhi fazer um recorte de análise apenas das relações de intermultimedialidade decorrentes das atividades que suscitaram discussões acerca de gêneros e sexualidades, tendo em vista que o objetivo da minha pesquisa está diretamente relacionado a esses temas. Além disso, quando o curso foi originalmente pensado, os temas corpo e saúde, e mais especificamente ISTs e aids, eram foco de interesse do outro integrante da dupla. Mas, à medida que o curso transcorreu e, também, como houve uma necessidade de reformulação da segunda parte do curso (o que será descrito adiante), as relações de gêneros e sexualidades ganharam mais enfoque.

A seguir, descreverei cada uma das atividades, indicando o material de apoio utilizado para embasá-las, as formas como elas foram avaliadas, as datas de postagem e de entrega, bem como indicarei como foi a receptividade pelos grupos no *Facebook*. Para que as/os participantes conhecessem e aprendessem a utilizar as ferramentas do *Facebook* necessárias à realização do curso, elaborei um *Tutorial ferramentas Facebook* (APÊNDICE D), o qual disponibilizei para os grupos, na aba *Arquivos*.



Figura 15 – Capa do *Tutorial ferramentas Facebook* para o *Curso Corpo, saúde, sexualidades*

O tutorial disponibilizou instruções sobre: acesso ao *Facebook*; acesso ao grupo secreto; publicação na linha do tempo (FB⁴³/*Timeline* e FB/*Comentários-Respostas*); publicação de arquivos (FB/*Arquivos*); revisão de documentos (FB/*Doc compartilhado*); troca de mensagens (FB/*Bate-papo*); e outras ferramentas do curso (apresentação de slides). A seguir explicarei como cada uma delas foi utilizada durante as atividades virtuais.

⁴³ Utilizo a sigla FB em lugar de *Facebook*, para identificar as ferramentas dessa rede social que foram utilizadas ao longo do curso.

2.1.3. Atividades virtuais

Com base nas referências textuais e imagéticas que escolhemos para embasar o *design* instrucional que, conforme já dito, elaboramos para a disciplina do Mestrado, propus as atividades que foram postadas nos grupos GFC e GPR, no *Facebook*. Todas as atividades foram postadas na linha do tempo do *Facebook*, sendo diferenciadas apenas quanto ao prazo para realização, o qual variou de acordo com o grupo, conforme explicado anteriormente. De modo geral, as propostas solicitavam que as/os participantes trabalhassem, ora individualmente, ora em grupo, tendo que ler textos, ouvir músicas e assistir a vídeos para, em seguida, produzirem textos ou apresentações, trazendo para a discussão em grupo outros artefatos que dialogassem com o que fora proposto.

Ao longo da descrição das atividades, ainda não serão demonstradas as respostas, tendo em vista que isso será feito no capítulo terceiro, quando apresentarei as tessituras, utilizando como recorte temático a análise das intermultimedialidades realizadas pelos/as participantes do curso.

Na Atividade 1.1, as pessoas deveriam realizar a leitura crítica do texto *É possível realizar uma história do corpo?*⁴⁴, de Denise Sant'Anna, o qual estava disponível na aba *Arquivos*. Após a leitura, precisariam destacar as principais ideias tratadas; pesquisar termos, expressões, personalidades, fatos, entre outros elementos desconhecidos; e produzir um texto pequeno (três parágrafos), apresentando um resumo e as impressões sobre o texto lido (algo: de que mais gostou/não gostou; com o que concorda/não concorda; por quê?). Em seguida à postagem, deveriam ler o texto de um/a outro/a participante, para uma atividade que seria realizada no encontro presencial.

A atividade utilizou a ferramenta FB/Arquivos, pois o/a participante deveria compor o seu texto em um editor de textos e anexar o arquivo utilizando a ferramenta homônima, na página do grupo do *Facebook*. Para ambos os grupos, a atividade teve início no dia 13 de fevereiro, mas o GFC teria até o dia 22 do mesmo mês para entregar, enquanto o GPR teria até o dia 15 de fevereiro. Até a data prevista, sete participantes de cada grupo fizeram essa atividade.

⁴⁴ Disponibilizarei, por meio de nota de rodapé, as referências específicas utilizadas ao longo do *Curso Corpo, saúde, sexualidades*, as quais não comporão as referências, ao final, tendo em vista não terem sido utilizadas para o embasamento teórico deste trabalho.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *É possível realizar uma história do corpo?* In: SOARES, Carmen Lúcia. *Corpo e história*. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2006. p. 3-23.

Para a Atividade 1.2, não se indicou referência específica, sendo que, nela, deveria ser realizada uma pesquisa bibliográfica sobre o conceito de *saúde*, tendo viés histórico, etimológico ou vanguardista, desde que não fosse copiado, mas criado pelo/a próprio/a participante. Em seguida, as pessoas precisaram comentar os conceitos propostos pelos/as colegas, promovendo uma discussão sobre o tema. A atividade utilizou-se das ferramentas FB/*Timeline* e FB/Comentários-Respostas e as datas-limite para postagem foram: 17 e 22 de fevereiro, para GPR e GFC, respectivamente. Das/os participantes, sete pessoas do GPR e nove pessoas do GFC realizaram a atividade.

A criação de um texto coletivo foi a proposta da Atividade 1.3, conforme transcrita a seguir, de acordo com o que foi postado na linha do tempo dos grupos, no *Facebook*:

ATIVIDADE 1.3

GFC: Início: 13 fev. / Final: 22 fev.

GPR: Início: 17 fev. / Final: 22 fev.

Para essa atividade, vamos explorar o recurso FB DOC/COMPARTILHADO, conforme as instruções do TUTORIAL, disponível no Arquivo.

Você deverá:

1. Se organizar em um grupo e uma/um das/os participantes precisa postar a composição do grupo;
2. Com base nas referências textuais deste curso e em outras buscas na internet, o grupo deverá compor um TEXTO MULTICOLORIDO, que trate das construções culturais das sexualidades humanas, ou seja, O QUE É SEXUALIDADE E COMO ELA FOI E É VISTA AO LONGO DA HISTÓRIA E POR DIFERENTES SOCIEDADES E CULTURAS;
3. O grupo terá até o dia 22 DE FEVEREIRO para finalizar o texto. Quando ele estiver pronto, alguém do grupo deverá avisar isso nesta postagem.

AS PESQUISAS E OS TEXTOS SERVIRÃO DE BASE PARA A APRESENTAÇÃO DA ATIVIDADE 1.4.

Dúvidas? Comente esta postagem e nós responderemos...

Para tanto, os grupos utilizaram a ferramenta FB/Doc compartilhado, anexaram um arquivo e cada integrante criou uma revisão, com uma cor diferente. Conforme explicado no Tutorial, os textos deveriam ficar semelhantes ao modelo a seguir:

Facebook. No próximo tópico, em que descreverei os encontros presenciais, detalharei as apresentações.

A Atividade 2.1 também requereu a construção de um texto coletivo multicolorido, para o qual as/os participantes utilizaram a ferramenta FB/Doc compartilhado. Para realizá-la, tiveram que assistir ao vídeo *Entendendo Ideologia de Gênero em 2 minutos*⁴⁵, tendo que pesquisar outro vídeo que se contrapusesse à opinião nesse exposta. E, então, deveriam compor um texto com uma análise dessa relação. A postagem aconteceu no dia 6 de março, tendo como prazo final os dias 8 (GPR) e 13 (GFC) de março. Nenhum grupo realizou a atividade.

A Atividade 2.2 foi publicada nos grupos do *Facebook* conforme a seguir:

ATIVIDADE 2.2

GFC: Início: 6 mar. / Final: 13 mar.

GPR: Início: 8 mar. / Final: 10 mar.

Vamos falar sobre gênero?

Nessa atividade você precisará ler o material *Escola sem homofobia*⁴⁶, da página 19 a 46 (Disponível em: <http://acervo.novaescola.org.br/pdf/kit-gay-escola-sem-homofobia-mec.pdf>).

Em seguida, você deverá responder a esta postagem, destacando UM TRECHO que tenha chamado a sua atenção, justificando o motivo do destaque. A TRANSCRIÇÃO SERÁ LITERAL, então não se esqueça das ASPAS e de colocar a REFERÊNCIA.

E, para finalizar, você precisará COMENTAR A POSTAGEM DE OUTRAS DUAS PESSOAS, analisando o trecho escolhido e indicando o seu ponto de vista em relação a ele.

Você pode fazer perguntas, tirar dúvidas, fazer comentários. O importante é que discutamos o texto.

Contextualizando o material, ele despertou muita polêmica quando foi produzido. Veja na notícia⁴⁷:

<https://novaescola.org.br/conteudo/84/conheca-o-kit-gay-vetado-pelo-governo-federal-em-2011>

Dica: você pode usar a matéria para estabelecer uma relação com trecho escolhido por você e auxiliar na sua análise.

Dúvidas?

Comente esta postagem e nós responderemos...

⁴⁵ Vídeo **Entendendo Ideologia de Gênero em 2 minutos**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j7zbS1RYdpg>. Acesso em: 2 jul. 2016.

⁴⁶ ABGLT - Associação Brasileira de Gays, Lésbicas Travestis e Transexuais. **Caderno Escola Sem Homofobia**. 2015. Disponível em: <http://acervo.novaescola.org.br/pdf/kit-gay-escola-sem-homofobia-mec.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2016.

⁴⁷ SOARES, Wellington. **Conheça o "kit gay" vetado pelo governo federal em 2011**. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/84/conheca-o-kit-gay-vetado-pelo-governo-federal-em-2011>. Acesso em: 3 mar. 2017.

Para o GFC, a atividade foi postada no dia 6 de março, tendo o dia 13 do mesmo mês como prazo final. O GPR teve entre os dias 8 e 10 de março para realizar a atividade. Um grupo, composto por três integrantes do GPR, realizou a atividade.

Já a Atividade 2.3 foi a realização de uma discussão *on-line*, por meio do *Facebook Messenger*, que é uma ferramenta dentro dessa rede social para bate-papo. No dia da postagem da Atividade 2.1, o bate-papo foi agendado, para o dia 11 de março, em dois horários: 10h e 16h, com o objetivo de que todos e todas pudessem participar, em um ou nos dois momentos. A conversa foi motivada pela música *Meninos e Meninas*⁴⁸, composta por Renato Russo, Dado Villa-lobos e Marcelo Bonfá e interpretada pela banda Legião Urbana.

No período da manhã, cinco pessoas participaram do bate-papo, o qual durou cerca de 2 horas e 30 minutos. Já à tarde, a conversa durou cerca de 1 hora e meia e também contou com a participação de cinco pessoas, das quais apenas eu estive nos dois momentos. Além de conversarem sobre a música, alguns e algumas participantes apresentaram outros textos e imagens que estabeleciam relação com a música. Tratarei disso com mais detalhes no terceiro capítulo.

Depois que eu já havia postado essas atividades, antes de realizar o bate-papo, decidi fazer uma avaliação diagnóstica, por meio de um questionário, a fim de identificar o motivo de as pessoas não estarem participando do curso. Descreverei os resultados dessa avaliação no próximo tópico, mas a partir do que fora sugerido, alterei as atividades na segunda metade do curso. Assim, para a terceira unidade tinha proposto duas atividades, o que simplifiquei e transformei em apenas uma. E fiz o mesmo para a unidade 4, reduzindo as três atividades inicialmente propostas para duas mais simples. A íntegra das atividades antes e a reformulação, a partir da unidade 3, estão disponíveis no APÊNDICE E e no APÊNDICE F, respectivamente.

Além disso, os prazos para realização foram dilatados, para cada atividade e o prazo final para a entrega de todas as atividades, que seria o dia 25 de março, data do segundo e último encontro presencial, passou para 15 de abril. O motivo para a extensão das datas adveio das respostas dos/as participantes ao questionário, indicando não estarem fazendo as atividades por falta de tempo e prazos curtos.

A Atividade 3.1, então, passou a ser a seguinte, conforme publicado para os grupos:

⁴⁸ Música **Meninos e Meninas**, Legião Urbana. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/legiao-urbana/meninos-e-meninas.html>. Acesso em: 2 jul. 2016.

ATIVIDADE 3.1

GFC: Início: 13 mar. / Final: 17 mar.

GPR: Início: 13 mar. / Final: 17 mar.

Depois de falarmos sobre corpo, saúde, sexualidades e relações de gênero, vamos começar a relacionar esses conceitos e analisar como essa relação aparece na sociedade. Especialmente em campanhas educativas sobre ISTs e aids.

Nesta atividade, você deverá se organizar em grupo, que pode ser o mesmo das atividades anteriores ou não.

O grupo deverá:

1. Pesquisar vídeos sobre campanhas educativas brasileiras, voltadas para pessoas com ISTs e aids. (O grupo pode fazer a discussão em uma conversa pelo Face). Sugestão de site: <http://www.aids.gov.br/campanhas>
2. Escolher um vídeo e postar na *Timeline* do Curso;
3. Todas as pessoas participantes deverão assistir aos vídeos postados por cada grupo e comentar em um post de resposta à atividade, fazendo um texto escrito pequeno sobre as campanhas. Atenção: o comentário pode ser para CADA vídeo, ou uma análise geral, relacionando todos os vídeos.

Dúvidas? Comente esta postagem e nós responderemos...

Para quem desejar ampliar o estudo sobre o tema, sugerimos a leitura (não obrigatória) de *Análise dos cartazes das campanhas governamentais contra DSTs e AIDS*⁴⁹, da (Disponível em: <http://acervo.novaescola.org.br/pdf/kit-gay-escola-sem-homofobia-mec.pdf>).

A sugestão de leitura para ampliação do estudo sobre o tema serviria de base para a Atividade 3.2, a qual foi suprimida, pelos motivos ora expostos. Além disso, o prazo para a realização da atividade, que seria de três dias para o GPR, passou a ser de cinco dias. Das/os participantes, cinco pessoas do GPR realizaram a atividade.

Encerrando o curso, a última unidade dividiu-se em duas propostas. A Atividade 4.1 aprofundou a pesquisa feita na atividade anterior, sugerindo dois vídeos para análise: *HIV e Aids - E não ia dar em nada*⁵⁰ e *Uma aula, com Gabriel Estrela e Jout Jout do Prazer*⁵¹. A partir deles, os/as participantes tiveram que produzir, individualmente, um texto curto, no qual discutiram sobre o papel da publicidade nos discursos sobre HIV/aids e a construção de saberes e verdades sobre esse assunto. A produção pôde ser postada na linha tempo

⁴⁹ FERNANDES, Patricia Braga. **Análise dos cartazes das campanhas governamentais contra DSTs e AIDS**. 2006. 46 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social, Centro Universitário de Brasília - Uniceub, Brasília, 2006. Disponível em: <http://www.repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/1507/2/20267118.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2016.

⁵⁰ Vídeo **HIV e Aids - E não ia dar em nada**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u0GTjRpUmds>. Acesso em: 18 jul. 2016.

⁵¹ Vídeo **Uma aula**, com Gabriel Estrela e Jout Jout do Prazer. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XpS0iatoNE8>. Acesso em: 18 jul. 2016.

(FB/*Timeline*) ou como arquivo (FB/Arquivo) e ambos os grupos tiveram nove dias para realizar a atividade, a qual foi feita por duas pessoas do GFC e quatro pessoas do GPR.

A Atividade 4.2 foi a última, sendo utilizada como critério avaliativo final do curso, e pedia que:

ATIVIDADE 4.2

GFC: Início: 13 mar. / Final: 25 mar.

GPR: Início: 13 mar. / Final: 25 mar.

Aproveitamos para já postar a atividade final do curso (4.2), para vocês se organizarem.

Para ela, vamos precisar de todo o conhecimento compartilhado até aqui.

No último encontro presencial, vamos fazer uma apresentação, mas, agora, será uma EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA, a ser disponibilizada como ÁLBUM, no grupo e apresentada no dia 25 DE MARÇO.

O tema da exposição é CORPO, SAÚDE, SEXUALIDADES.

Para isso, vocês precisarão:

1. Se organizar em grupo, novamente;
2. Escolher um recorte do tema do curso ou fazer um apanhado geral;
 - Alguns dos recortes temáticos podem ser:
 - a. Corpo;
 - b. Saúde;
 - c. Sexualidades humanas e relações de gênero;
 - d. Lugares sociais de meninos/homens e meninas/mulheres;
 - e. ISTs e sexualidades na sociedade;
 - f. A construção social da imagem da aids;
 - g. As campanhas contra a aids e a construção da representação social dos/das soropositivos/soropositivas.
3. Representar o tema escolhido por meio de fotografias, que podem ser capturadas pelo grupo, ou buscadas na internet (Se for esse o caso, as fontes precisam ser indicadas). A exposição precisa ter em torno de 20 imagens;
4. Organizar as imagens em uma exposição, que pode ser virtual, em forma de sequência de imagens ou vídeo com a montagem das mesmas, com a utilização de data-show; ou material, utilizando suportes de acordo com a criatividade do grupo.

Além disso, para o dia 25 DE MARÇO, pedimos que vocês recordem (e anotem, se quiserem), trechos dos materiais e das atividades que mais tenham lhes chamado atenção. **VAMOS UTILIZAR ISSO COMO MATÉRIA-PRIMA PARA UM DOS MOMENTOS DO ENCONTRO PRESENCIAL.**

Dúvidas? Comente esta postagem e nós responderemos...

Os/as participantes tiveram duas semanas para realizar a atividade, que deveria ser feita em grupo e apresentada no segundo e último encontro presencial, contudo, nenhum grupo a apresentou a atividade até a data do encontro. Dessa forma, solicitei que o fizessem

por meio do *Facebook* e das/os participantes, cinco pessoas do GPR e uma pessoa do GFC realizaram a atividade.

Com base na compilação das atividades que foram realizadas pelos/as participantes, bem como na participação nos encontros presenciais, foram emitidos os certificados de conclusão do *Curso Corpo, saúde, sexualidades*, por meio do SIG, conforme modelo a seguir:



Figura 17 - Modelo de certificado de conclusão do *Curso Corpo, saúde, sexualidades*

Ao todo, foram emitidos 14 certificados, sendo um para a coordenação, três para a comissão organizadora, dois para prelecionistas e oito para os/as participantes, sendo cinco para o GPR e três para o GFC.

2.1.4. Encontros presenciais

Conforme previsto no *design* instrucional do curso, a fim de serem cumpridas as 10 horas presenciais, ele contaria com dois encontros, os quais aconteceram, nos dias 4 e 25 de março, das 8h às 13h, no Anfiteatro do Departamento de Ciências Humanas (DCH) da UFLA. Para a divulgação dos encontros presenciais, foram criados dois eventos no *Facebook*, a fim de convidar os/as participantes do curso. Utilizei, para isso, artes específicas para a criação de

dois *posts*, que mantinham a identidade visual com todo o material elaborado para o curso e que foram postadas no *Facebook* a fim de chamar atenção e despertar o interesse dos/as participantes do curso para que comparecessem aos encontros:



Figura 18 – Artes para divulgação, no *Facebook*, dos dois encontros presenciais do *Curso Corpo, saúde, sexualidades*



Figura 19 – Imagem das páginas do *Facebook* com a divulgação dos dois encontros presenciais do *Curso Corpo, saúde, sexualidades*

Ambos os encontros foram fotografados e filmados, a fim de manterem-se os registros das atividades⁵². Contudo, as pessoas não serão identificadas⁵³, conforme explicitado no projeto enviado ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFLA, que autorizou a pesquisa, por meio do Parecer Consubstanciado número 1.873.060⁵⁴ (ANEXO H).

No dia 4 de março, aconteceu o 1º Encontro Presencial, que contou com a presença de dez participantes do curso, além de nós, que coordenamos. Após dar as boas-vindas e perguntar o que as pessoas esperavam do curso, aconteceu a *Dinâmica do Face*, que consistia na interação entre os/as participantes, a partir de cartões que eles/elas sorteavam, com os ícones dessa rede social. Assim, primeiramente, uma pessoa recebeu o cartão “No que você está pensando sobre o *Curso Corpo, saúde, sexualidades?*”; depois de ela responder, outra pessoa sorteou uma reação e comentou se estava sentindo aquilo em relação à resposta anterior ou não. E assim, sucessivamente, todas as pessoas foram sorteando cartões e interagindo, por meio dos ícones do *Facebook*.



Figura 20 – Imagens da *Dinâmica do Face*, no dia do 1º Encontro Presencial do *Curso Corpo, saúde, sexualidades*

A escolha por essa atividade foi feita para que se pudesse mostrar como as relações virtuais estabelecidas por meio do *Facebook* podem acontecer também no mundo real. Além

⁵² Para registrar os encontros presenciais, contei com a colaboração de Shirley Dau, a quem reitero meu agradecimento.

⁵³ Mesmo sabendo que não seriam identificadas, as pessoas participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (ANEXO F), e o Termo de cessão para utilização de produção textual, imagem e som de voz (ANEXO G). Ambos os documentos, assinados por cada um/a dos/as participantes, encontram-se arquivados comigo.

⁵⁴ O Parecer Consubstanciado número 1.873.060 (ANEXO H) tem por base o Parecer Consubstanciado número 1.836.767 (ANEXO I), que solicitou alterações na primeira versão do projeto submetido à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos, por meio da Plataforma Brasil (<http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil/login.jsf>). A tramitação do processo começou com o envio do projeto (ANEXO J), no dia 3 de novembro de 2016, e terminou com o Parecer Consubstanciado número 1.873.060 (ANEXO H), emitido no dia 15 de dezembro de 2016.

disso, escolheu-se realizar essa atividade em um espaço aberto, para propiciar mais interação entre as pessoas participantes. Apesar de o encontro ter sido marcado para acontecer no anfiteatro, procurou-se, em ambos os encontros, realizar atividades fora desse espaço fechado, por entender-se que o lugar também funciona como limitador dos corpos. Notou-se que, ao ar livre, as pessoas descontraíram mais e participaram mais ativamente das atividades, do que sentadas nas cadeiras do anfiteatro.

Em seguida, o outro coordenador realizou uma explanação sobre o texto utilizado na Atividade 1.1, procurando discutir com os/as participantes a forma como o corpo foi visto ao longo da história e como ele é representado na sociedade, atualmente. Passou-se, então, ao café partilhado, que se seguiu às apresentações em grupo, conforme solicitado pela Atividade 1.4. Dois grupos realizaram a apresentação, enfocando os conceitos de corpo, saúde e sexualidades, além de trazerem outras referências relacionadas à temática. Falarei sobre isso, com mais detalhes no capítulo 3.



Figura 21 – Apresentações da Atividade 1.4, no 1º Encontro Presencial do *Curso Corpo, saúde, sexualidades*

Depois que o grupo discutiu sobre as apresentações, relatando como os trabalhos refletem o que é visto culturalmente, seguiu-se para a atividade de encerramento, chamada de *Jogo da pérola*. Para realizá-lo, o grupo foi dividido em pares, sendo uma pessoa a pérola e a outra a/o guardiã/ão, deixando algumas pessoas sem pérola. A pérola ficou na frente da/o guardiã/ão, sentada. Quem não tinha pérola, teve que roubar a pérola da outra pessoa, piscando-lhe o olho. E a/o guardiã/ão, para proteger a sua pérola, teve que a agarrar, antes que ela fugisse para outra pessoa. Ao final, discutiu-se sobre como esse jogo representa as relações entre corpos que vê-se na sociedade e as relações de poder e dominação que algumas pessoas pensam ter sobre outras.

O 2º Encontro Presencial, que também foi o último, aconteceu no dia 25 de março, contando com a presença de sete participantes, além de mim. Como o outro coordenador não pôde participar, ele gravou pequenos vídeos, os quais eu passei ao longo das atividades. Iniciou-se com uma atividade chamada *É hora de improvisar*, que consistia em os/as participantes terem que inventar uma história, utilizando objetos e palavras contidas em uma caixa. À medida que eu mostrava as palavras ou os objetos, as pessoas iam narrando e, a cada três objetos/palavras, uma nova pessoa continuava.



Figura 22 – Imagens da atividade *É hora de improvisar*, no dia do 2º Encontro Presencial do *Curso Corpo, saúde, sexualidades*

Em seguida, passar-se-ia à apresentação fotográfica da proposta pela Atividade 4.2. Contudo, nenhuma das pessoas presentes realizou a atividade. Dessa forma, seguiu-se para a *Dinâmica da Representação*, em que os/as presentes tiveram que mostrar, em um cartaz, a forma como o seu corpo é visto e age em sociedade, considerando os conceitos de saúde e sexualidades. Antes, porém, eles/elas foram divididos em dupla, depois de receberem um chocolate, o qual deveria ser utilizado para se agruparem. Contudo, não havia chocolates repetidos e elas/eles tiveram que encontrar uma forma de identificarem afinidades. O objetivo dessa rápida atividade foi mostrar que a identificação com o/a outro/a não advém somente de similitudes, mas de uma série de subjetividades. Após essa organização em duplas, cada um/a apresentava a representação do/a seu/sua colega. E, depois de cada um/a falar sobre o/a outro/a, pedi que cada um/a falasse se a descrição do/a colega correspondia ao que a pessoa quis expressar e promoveu-se uma discussão acerca disso.



Figura 23 – Imagens da *Dinâmica da Representação*, no dia do 2º Encontro Presencial do *Curso Corpo, saúde, sexualidades*

Em seguida, propus que as/os participantes se organizassem novamente em duplas e pensassem em como dariam uma aula a partir de um recorte da temática do curso, descrevendo, por meio de um cartaz com imagens/palavras, como e para quem dariam essa aula.



Figura 24 – Cartazes sobre as aulas propostas pelas duplas, sobre um recorte da temática do curso, no dia do 2º Encontro Presencial do *Curso Corpo, saúde, sexualidades*

Ao longo desse encontro, exibi quadro pequenos vídeos do outro coordenador: um de boas-vindas, um explicando a *Dinâmica da Representação*, um tratando sobre sexualidades e o último sobre HIV/aids. Após este, realizei a última atividade do encontro, chamada *O que você faria?*, dando continuidade à atividade anterior, apresentava situações possíveis relacionados ao tema do curso, que as/os participantes poderiam vivenciar em sala de aula.

Assim, elas/eles precisam dizer o que fariam diante de cada situação: discriminação de alunos/as e/ou professores/as homoafetivos/as, transexuais ou com HIV/aids; suspeita de violência sexual contra aluno/a; entre outros.

Essa era, então, a culminância do objetivo relacionado a todas as outras atividades do curso. Começou-se com improvisação, sem saber como e o que utilizar para criar uma história e, ao longo do encontro, discutiu-se sobre elementos que contribuiriam para se tratar sobre a temática de relações de gênero e sexualidades. Assim, problematizou-se, ao final, sobre a necessidade de uma formação docente que prepare os/as futuros/as professores/as para situações as mais variadas que podem acontecer em sala de aula. E, em muitos casos, há necessidade de improvisação, a qual pode ser auxiliada por um estudo prévio, o que deve ser buscado por cada licenciando/a e pode ser oferecido por meio de cursos como o *Corpo, saúde, sexualidades*.

Antes do término, os/as participantes responderam a uma avaliação final (APÊNDICE G), em que a identificação era opcional, e na qual foi pedido que avaliassem a própria participação e o curso de modo geral. As sete pessoas presentes se dispuseram a responder à avaliação, das/os quais quatro participantes se identificaram e três não o fizeram. A seguir estão compiladas as respostas, cujos gráficos encontram-se no APÊNDICE H. Tais materiais empíricos serão analisados no próximo capítulo.

Perguntas	Bom	Regular	Ruim	Não respondeu
COMO FOI A MINHA PARTICIPAÇÃO	4	1		2
<i>Nas atividades virtuais</i>	3	1	2	1
Realizei as leituras	3	3	1	
Assisti aos vídeos	4	2	1	
Fiz postagens	2	4	1	
Interagi com os/as participantes	3	3	1	
<i>Nos encontros presenciais</i>	6	1		1
Fiz as apresentações	5	1	1	
Participei das dinâmicas	6	1		
Contribuí com as discussões	6	1		
COMO FOI O CURSO	5			2
<i>Atividades virtuais</i>	4	1		2
Referencial (textos, vídeos/músicas etc.)	6			1
Postagens da coordenação	7			
Interação da coord. com os/as participantes	7			
<i>Encontros presenciais</i>	5			2
Apresentações dos/as participantes	6	1		
Apresentações e falas da coordenação	7			

Dinâmicas	7			
Discussões	7			
Com identificação	4			
Sem identificação	3			
Total	7			

O questionário final, cujas respostas estão compilados no quadro anterior, procurou reunir a opinião dos/as participantes do segundo encontro presencial sobre o curso de modo geral e a participação individual nas atividades. Nota-se, por meio do material empírico, que a maior parte das pessoas considerou a sua participação e o curso como bons. Mas isso será tratado de modo mais detalhado no próximo capítulo. Além dos itens objetivos, os/as participantes poderiam fazer comentários e dar sugestões, os quais também serão analisados no capítulo terceiro:

Comentários

- 1) O curso está sendo para mim de grande valor epistemológico de estudo para o contexto atual que vivemos. (Comentário 1).
- 2) Final de semestre letivo cortado por greve foi um elemento inibidor de minha participação mais efetiva. (Comentário 2).
- 3) Amei o curso, foi uma experiência fantástica. (Comentário 3).
- 4) Excelente. Contribuiu muito para o meu aprendizado. (Comentário 4).
- 5) Me senti super tranquila nas atividades pela liberdade transmitida por todos. (Comentário 5).

Sugestões

- 1) Realizar mais cursos com as temáticas abordadas neste; e outras também. (Sugestão 1).
- 2) Poderia usar o email institucional para enviar as atividades. (Sugestão 2).
- 3) Estabelecer como atividade expor sua participação (digo, nossa) no curso em sala de aula e convidar outros colegas para participarem dele. (Sugestão 3).

E, encerrando o encontro, exibi um vídeo com a música *True Colors*, composta por Tom Kelly e Billy Steinberg, que ficou conhecida pela interpretação de Cyndi Lauper. No vídeo, crianças de várias etnias cantavam a música e brincavam com tinta em pó. Um trecho dessa música marcou, ainda, um cartão de agradecimento que entreguei aos/as participantes, ao final do encontro.



Figura 25 - Cartão entregue as pessoas presentes no 2º Encontro Presencial do *Curso Corpo, saúde, sexualidades*

Conforme citado anteriormente, no meio da realização do curso, identifiquei a necessidade de reformular as atividades do curso, sobre o que tratarei a seguir.

2.1.5. Reformulação do curso

Desde que comecei a postagem das atividades, pude notar que a participação das pessoas estava aquém do esperado. O que entrava em contradição com a grande procura e rápido término de vagas para o curso. Assim, por sugestão da professora Patricia Vasconcelos Almeida, com quem cursei, no Mestrado, a disciplina *Tecnologias e a Formação Docente*, decidi fazer uma avaliação diagnóstica, a fim de tentar entender o motivo de as pessoas não estarem participando do curso.

Assim, desenvolvi um questionário *on-line*, com 16 perguntas, por meio da ferramenta Google Formulários⁵⁵, o qual ficou disponível para respostas, entre os dias 9 e 19 de março de 2017, em um *link* divulgado para os/as participantes do curso⁵⁶, conforme a figura a seguir.

⁵⁵ Por meio do Google Formulários, podem ser feitas pesquisas, com base em perguntas objetivas e/ou dissertativas. Disponível em: <https://www.google.com/intl/pt-BR/forms/about/>. Acesso em: 19 mar. 2017.

⁵⁶ O convite foi feito por meio de postagens nos grupos Furta-cor e Purpurina e de mensagens via Facebook. Para responder, as pessoas deveriam acessar o link: <https://goo.gl/forms/NtjDBY14AeeJenKk2>.

Figura 26 – Primeira página da avaliação diagnóstica do *Curso Corpo, saúde, sexualidades*

A seguir, indicarei as perguntas e as respostas das/os 20 participantes que responderam ao questionário. A transcrição de tais respostas se faz importante porque expressam as opiniões das/os participantes acerca de como o curso estava transcorrendo até então e, com base nisso, é que foi possível fazer alterações em busca de aprimorar o curso. Após cada pergunta, determinaram-se como as respostas interferiram no curso e, caso tenha havido, qual modificação foi feita. No capítulo 3, analisar-se-ão mais detalhadamente as consequências dessa avaliação diagnóstica para o *Curso Corpo, saúde, sexualidades*.

Para a primeira pergunta, que foi: “Em relação ao *CURSO CORPO, SAÚDE, SEXUALIDADES*, você?”, 12⁵⁷ pessoas responderam “a) Está participando de todas (ou quase todas) as atividades”; 5 pessoas responderam “b) Só visualiza as postagens no *Facebook*, mas não responde”; e 3 pessoas responderam “c) Não está visualizando, nem respondendo às postagens”.

⁵⁷ Sei que a numeração entre zero e dez deve ser escrita por extenso e, em seguida, pode ser utilizado o numeral arábico. Contudo, a fim de facilitar a leitura, escolhi utilizar, nesta seção, a numeração arábica quando houver referência a material empírico.

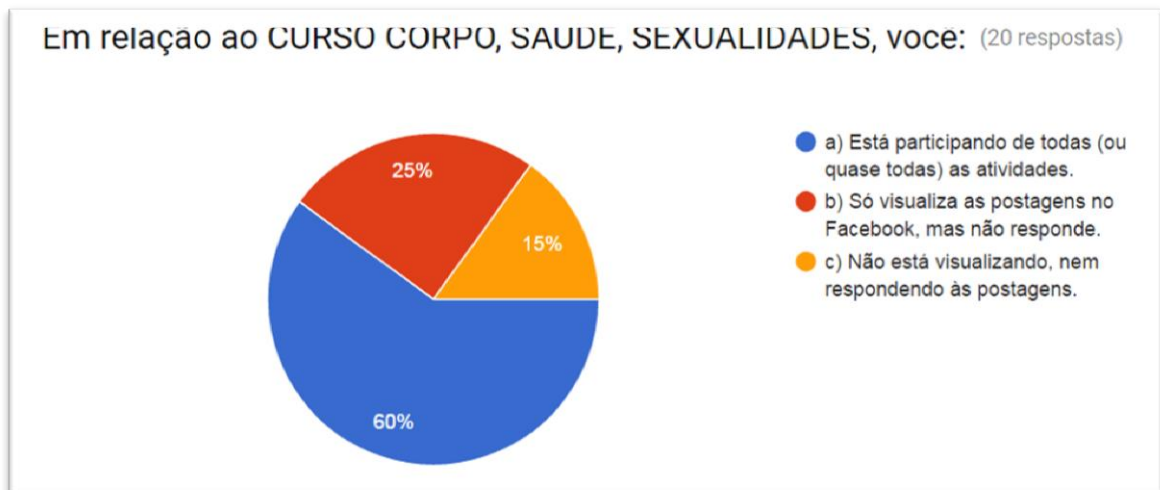


Figura 27 – Respostas à Questão 1 da avaliação diagnóstica do *Curso Corpo, saúde, sexualidades*

Para as pessoas que disseram não estarem participando, o questionário seguia para o tópico “O que não está bom?”, com duas perguntas. A primeira era: “Você NÃO ESTÁ participando por qual(is) motivo(s)? – Você pode escolher mais de um item.”, para a qual havia as seguintes possibilidades de respostas: “a) Falta de tempo”: escolhida por 7 pessoas; “b) Outras atividades” e “i) Não gostou do *Facebook* como plataforma para o curso”: 3 pessoas; “g) Não conhece os/as outros/as participantes” e “k) Não era o que esperava”: 1 pessoa. E ninguém escolheu os itens: “c) Tema desinteressante”; “d) Curso com muitas atividades”; “e) Textos muito extensos e difíceis”; “f) Vídeos/imagens ruins e desinteressantes”; “h) Não gosta de cursos na modalidade a distância”; e “j) Não gostou da forma como a Jaciluz e o Vinícius conduziram o curso”.

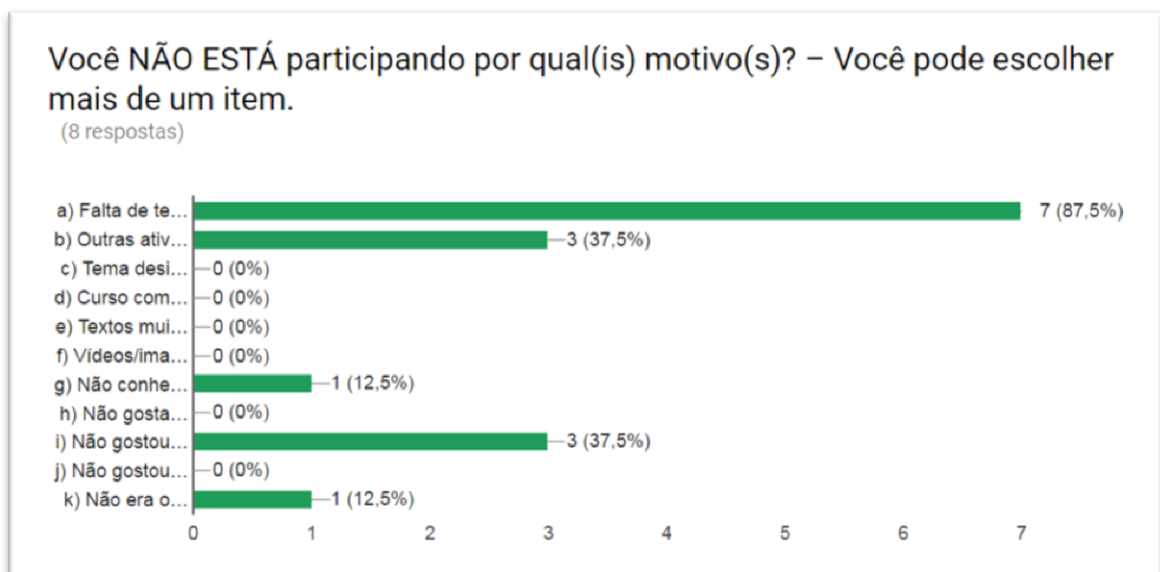


Figura 28 – Respostas à Questão 2 da avaliação diagnóstica do *Curso Corpo, saúde, sexualidades*

Ainda nesse tópico, havia uma segunda pergunta, a qual os/as participantes não eram obrigados/as a responder: “Se quiser, explique por qual motivo você não está participando, o que esperava, o que acha que pode melhorar etc. (Opcional).” Obteve-se duas respostas:

- 1) Deixei acumular matérias da licenciatura e não soube conciliar com o curso, acabei priorizando a licenciatura e quando aconteceu o encontro presencial, não tinha atividades prontas para apresentar. Fora o fato de só conhecer uma participante e não conseguir montar um grupo de 4 integrantes para a apresentação das atividades propostas. Procurei membros através do grupo no *Facebook* e não obtive resposta dos outros membros que estavam adicionados. Não tenho críticas ou sugestões, pois estou satisfeita com as propostas e métodos apresentados e fico chateada por não ter conseguido me dedicar tanto quanto eu gostaria a esse grupo enriquecedor. (Resposta 1).
- 2) Esse período foi bem conturbado, pois tivemos vários recessos, como greve, Natal, Carnaval. O curso se iniciou numa fase final do período e isso não favoreceu os alunos a participarem, pois como o semestre ficou confuso, temos muitos trabalhos para entregar e provas para fazer nessa etapa final. (Resposta 2).

Em seguida, todas as pessoas eram encaminhadas, no formulário, ao tópico “Ajude-nos a melhorar”, com a seguinte pergunta: “O que pode melhorar? – Você pode escolher mais de um item.” As possibilidades de respostas eram: “a) Modificar a temática geral”: respondida por 1 pessoa; “b) Aumentar o prazo para respostas”: 8 pessoas; “c) Diminuir a quantidade de atividades”: 6 pessoas; “d) Mudar textos, vídeos e imagens utilizadas”: 1 pessoa; “e) Modificar a abordagem do conteúdo nos temas específicos”: 2 pessoas; “f) Indiferente”: 5 pessoas.

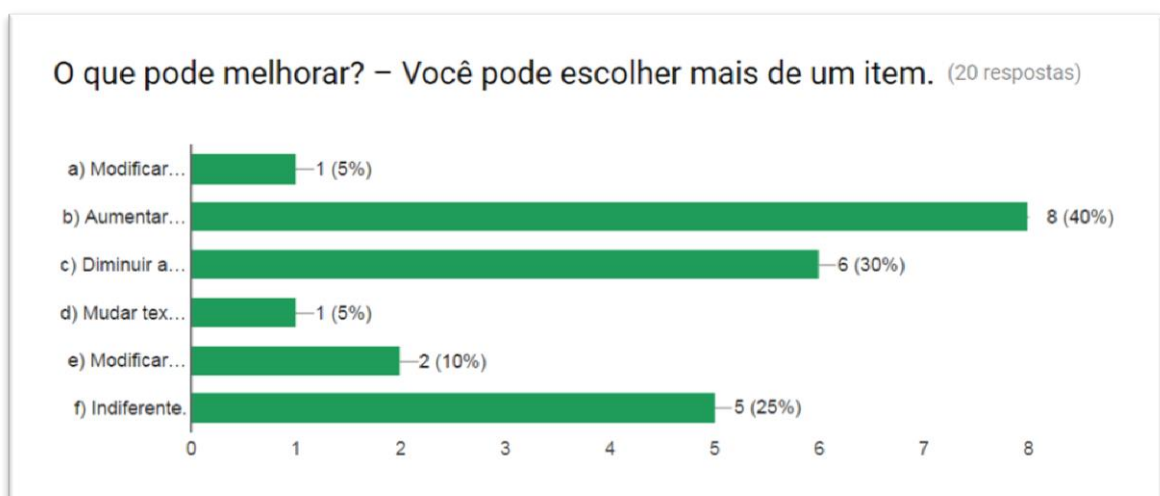


Figura 29 – Respostas à Questão 4 da avaliação diagnóstica do *Curso Corpo, saúde, sexualidades*

“Você se sente um(a) participante:” constituía a quinta pergunta do questionário, para o que 11 pessoas se consideraram “a) Ativo(a) no processo de construção do curso”; 6 pessoas “b) Apenas receptor(a) de conteúdo” e 3 pessoas escolheram “c) Indiferente”.

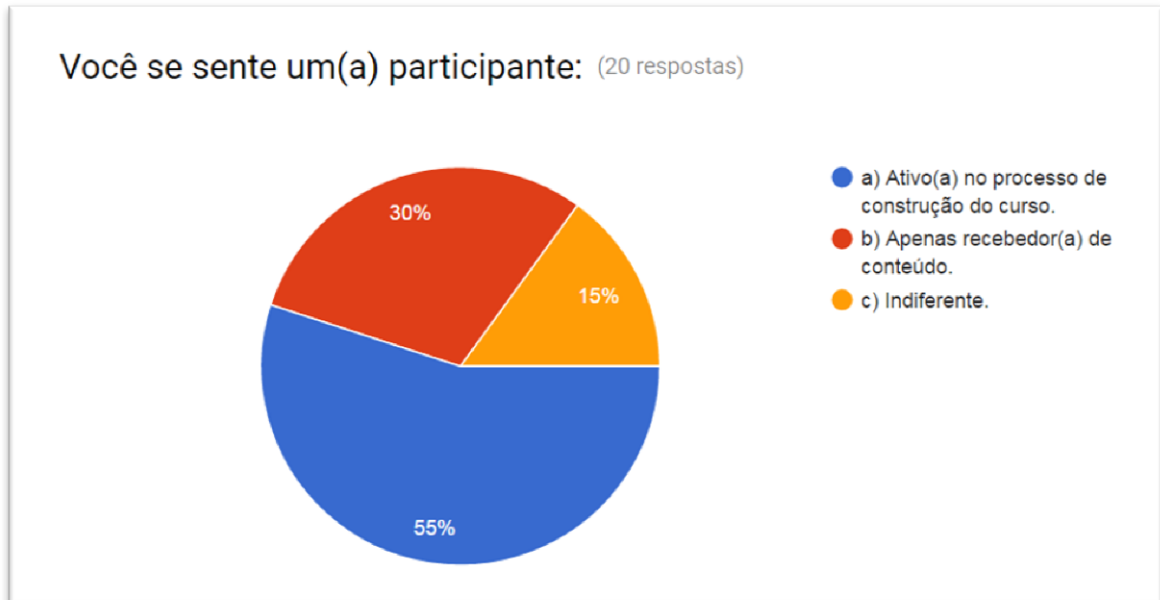


Figura 30 – Respostas à Questão 5 da avaliação diagnóstica do *Curso Corpo, saúde, sexualidades*

A sexta pergunta questionava “Sobre o TEMA DO CURSO (Corpo, Saúde, Sexualidades)”, que 100% das/os participantes indicaram ser “a) Necessário”, deixando as respostas “b) Desnecessário” e “c) Indiferente” sem serem escolhidas, conforme a figura a seguir:

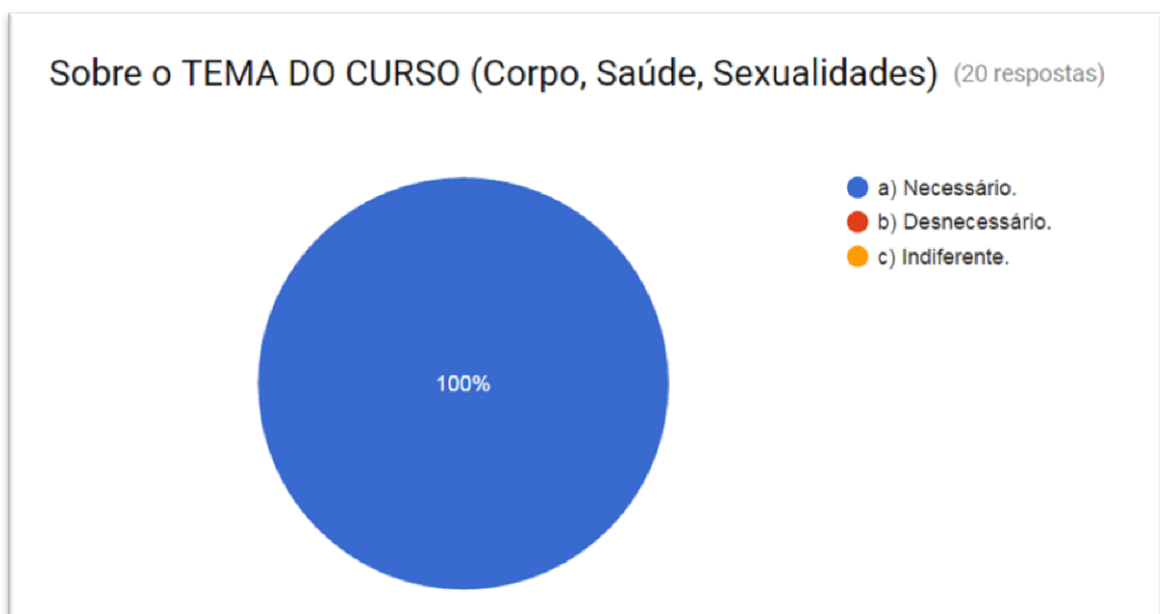


Figura 31 – Respostas à Questão 6 da avaliação diagnóstica do *Curso Corpo, saúde, sexualidades*

Quando questionados/as “Sobre a PLATAFORMA PARA O CURSO (*Facebook*):”, 14 pessoas responderam que “a) Funciona para o processo de ensino-aprendizagem”; 5 pessoas que “b) Serve apenas para postagens rápidas, conversas e informação sobre amigos” e 1 pessoa se disse “c) Indiferente”.

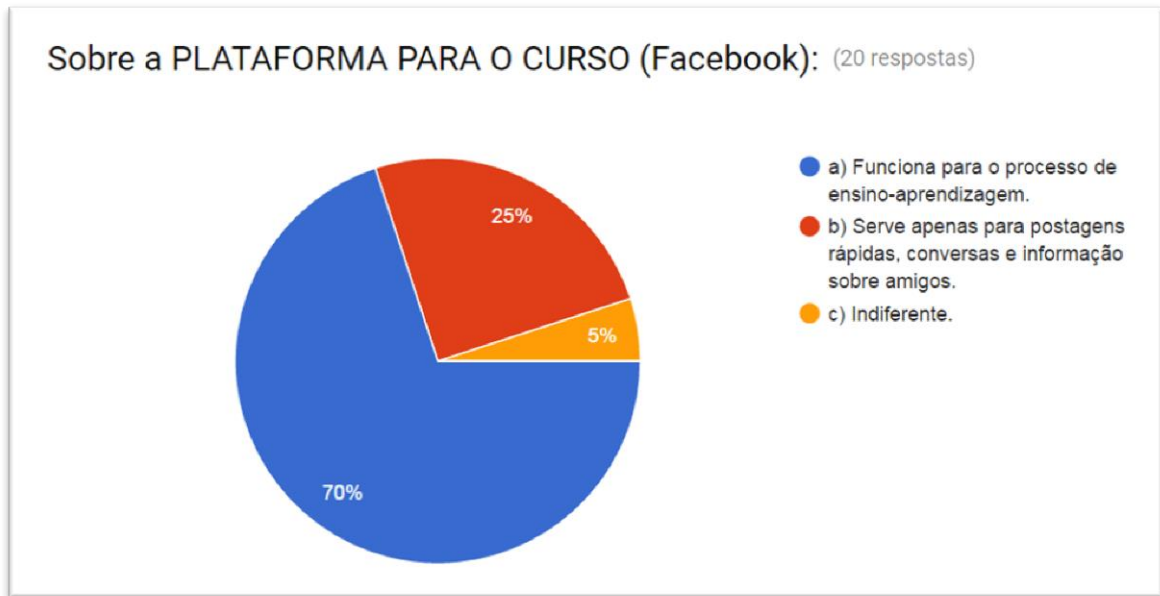


Figura 32 – Respostas à Questão 7 da avaliação diagnóstica do *Curso Corpo, saúde, sexualidades*

Em seguida, questioneei “Sobre a COORDENAÇÃO DO CURSO (*Jaciluz e Vinícius*):”, ao que 17 pessoas indicaram que “a) Estão conduzindo bem o curso (no que se refere ao tratamento do tema, relacionamento com participantes etc.)”; 3 pessoas escolheram “c) Indiferente”; e ninguém respondeu que “b) Não estão conduzindo bem o curso”.

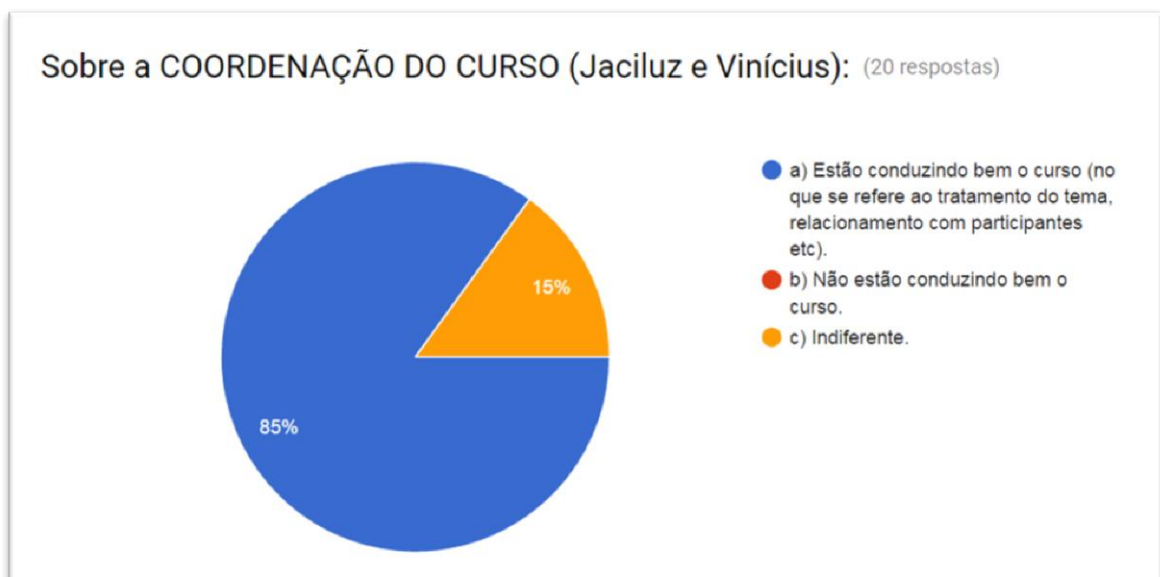


Figura 33 – Respostas à Questão 8 da avaliação diagnóstica do *Curso Corpo, saúde, sexualidades*

Nesse tópico, os/as participantes poderiam responder, ainda, caso quisessem, “Em que a coordenação do curso pode melhorar? (Opcional).” Para o que se obteve seis respostas, quais sejam:

- 1) Talvez se fosse algo que exigisse mais tempo em atividades presenciais. Infelizmente pra mim foi muito complicado, porque estou terminando meu curso e não tenho tido tempo! (Resposta 3).
- 2) Aumentar o tempo para postagem das atividades. (Resposta 4).
- 3) Utilizar outro meio para comunicação, envio de arquivos e textos que não seja o *Facebook*. Um email pode seria o ideal, pois no *Facebook* existem muitas distrações, então não é o local ideal para os estudos. (Resposta 5).
- 4) Não sei, ainda nao participei ativamente do grupo pois acabo de entrar, mas gostei muito da atenção que a Jaciluz me deu quando solicitei a entrada. (Resposta 6).
- 5) Queimação (Resposta 7).
- 6) diminuir as panelas. (Resposta 8).

Como o primeiro encontro presencial já havia ocorrido quando elaborei o questionário, perguntei: “Sobre o 1º Encontro Presencial (4 de março de 2017): – Você pode escolher mais de um item.”, dando as seguintes opções: “a) Não participei”: respondida por 12 pessoas; “b) Gostei das dinâmicas”, “d) Gostei das problematizações”, “f) Gostei das explicações da Jaciluz e do Vinícius” e “h) Gostei do café compartilhado”: cada uma escolhida por 8 pessoas; “j) Gostei das apresentações dos grupos”: respondida por 7 pessoas; “k) Não gostei das apresentações dos grupos”: 1 pessoa; “c) Não gostei das dinâmicas”, “e) Não gostei das problematizações”, “g) Não gostei das explicações da Jaciluz e do Vinícius” e “i) Não gostei do café compartilhado”: não foram escolhidas por ninguém.

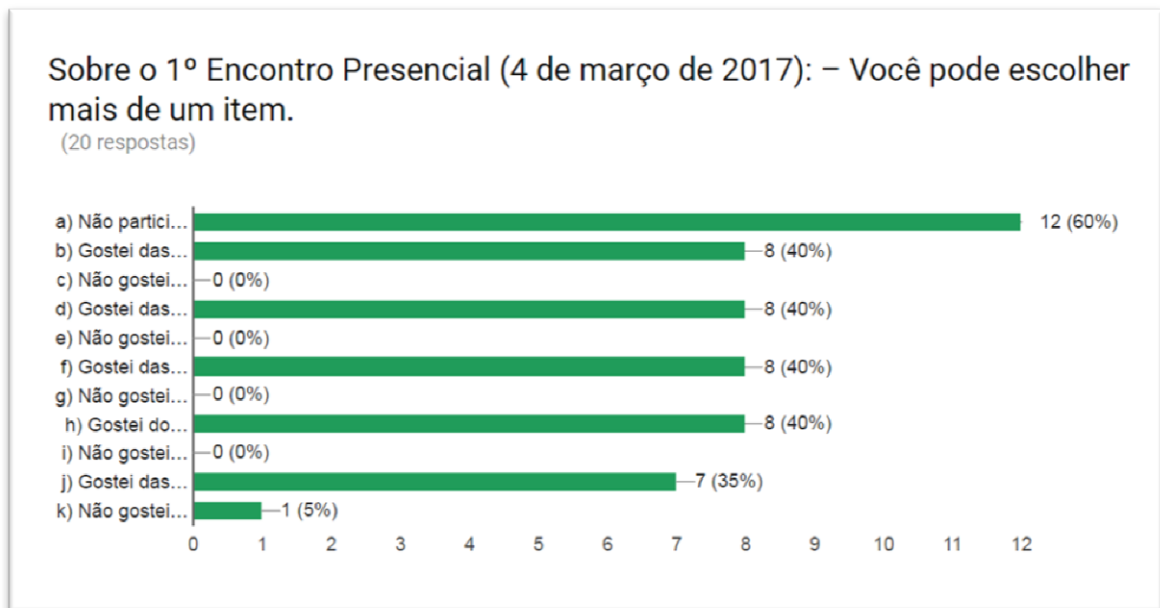


Figura 34 – Respostas à Questão 10 da avaliação diagnóstica do *Curso Corpo, saúde, sexualidades*

A partir dessa pergunta, pedi, ainda, que as/os participantes dessem sugestões para o segundo encontro presencial. As respostas obtidas foram:

- 1) Se houver apresentação que está seja no início, pois no final ficamos sem o que falar sendo que os assuntos já haviam sido discutidos. Ou modificar colocando uma dinâmica no lugar. (Resposta 9).
- 2) Que o Encontro fosse à noite, na sexta. Prefiro varar a madrugada do que ter de voltar no sábado à UFLA. (Resposta 10).
- 3) Todo mundo Transvestido e com Make Drag + Desfile no Palco da Cantina com direito a Fotos! (Resposta 11).

A pergunta seguinte foi: “Você acha que o curso está contribuindo para a sua formação como futuro(a) docente ou mesmo para a sua formação pessoal?”, a qual foi respondida afirmativamente por 17 pessoas, enquanto 3 pessoas se disseram indiferentes; e ninguém escolheu a alternativa “b) Não”, conforme a figura a seguir:

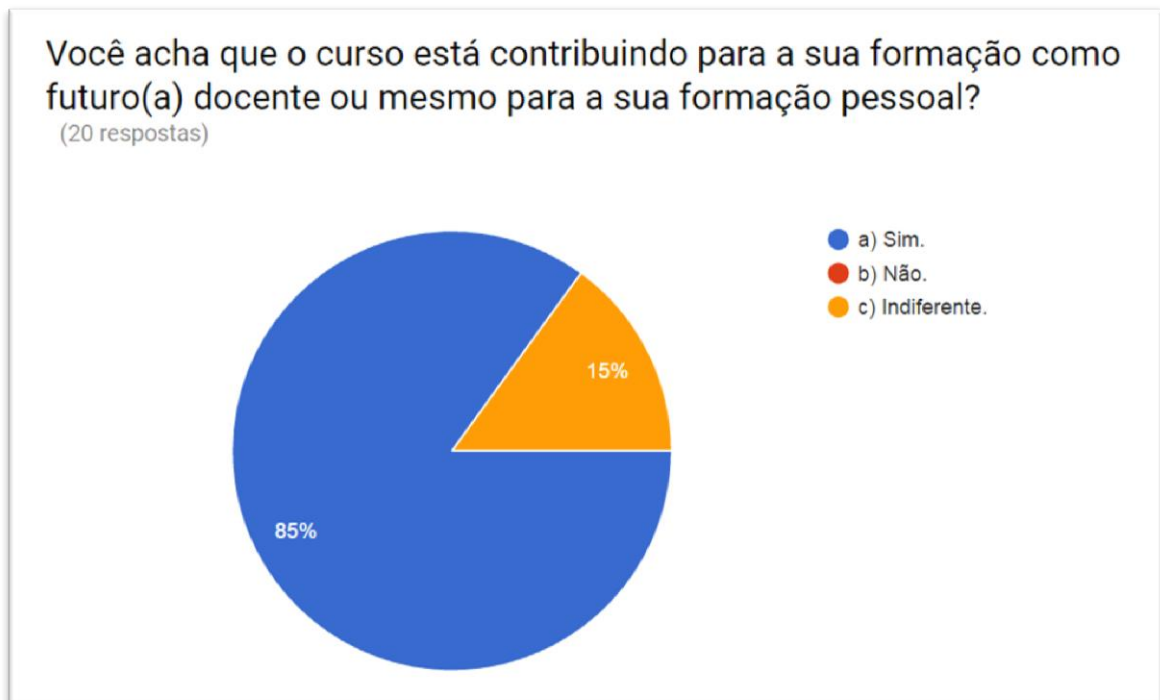


Figura 35 – Respostas à Questão 12 da avaliação diagnóstica do *Curso Corpo, saúde, sexualidades*

Continuando o questionário, perguntei se “Você tem interesse em participar de outra edição desse curso?”. A alternativa “a) Sim” foi escolhida por 19 pessoas, enquanto 1 disse que “c) Somente se o conteúdo for modificado”; e ninguém respondeu “b) Não”.



Figura 36 – Respostas à Questão 13 da avaliação diagnóstica do *Curso Corpo, saúde, sexualidades*

A seguir, perguntei aos/às participantes: “Você quer sugerir temas para outros cursos? (Opcional)” e eles/elas indicaram os seguintes temas:

- 1) Corpo e Poder. (Resposta 12).
- 2) Racismo, Liberdade de escolha, Feminismo, Inclusão etc. (Resposta 13).
- 3) Apropriação Cultural; A importância do Ser Diferente; kit Acorda Hétero. (Resposta 14).
- 4) algum filme. (Resposta 15).

Encaminhando para o final, a seguinte pergunta: “Você gostaria que esse curso fosse oferecido como disciplina eletiva durante a sua graduação?”, ao que 17 pessoas disseram que “a) Sim”; ninguém respondeu “b) Não” e 3 pessoas responderam “c) Indiferente”, conforme a figura que segue:

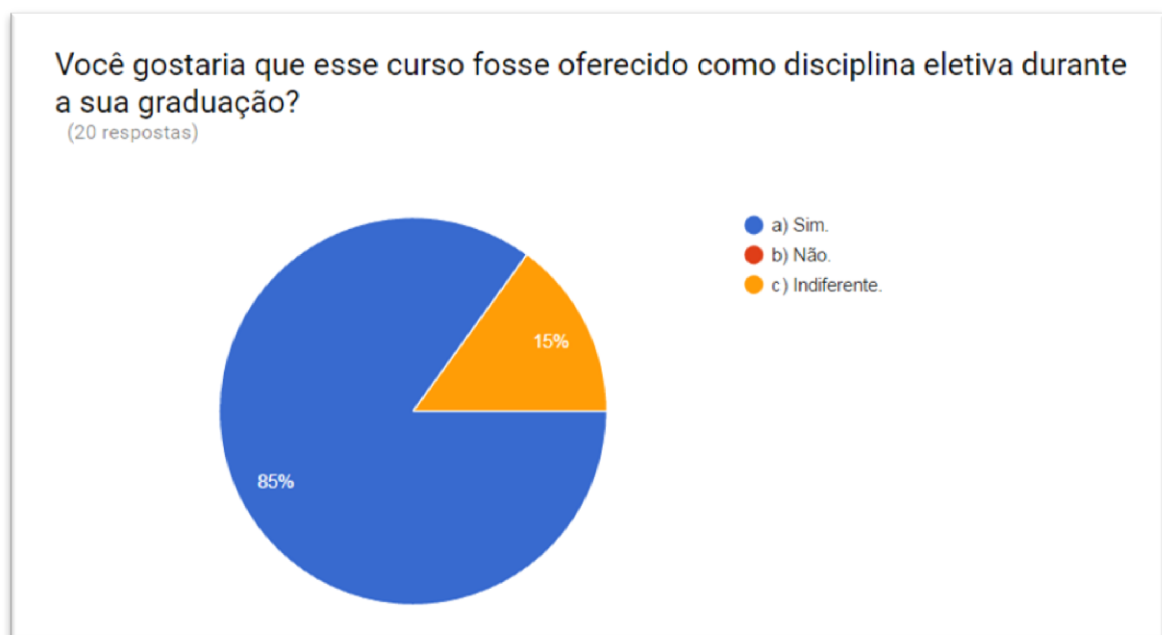


Figura 37 – Respostas à Questão 15 da avaliação diagnóstica do *Curso Corpo, saúde, sexualidades*

E, finalmente, encerrando o questionário, a Questão 16: “Caso você queira deixar sugestões, vamos gostar de saber! (Opcional)”. Apesar de não ser uma pergunta obrigatória, 4 pessoas se dispuseram a respondê-la, o que transcrevo a seguir:

- 1) Acho que deveria ter mais cursos como este, pois a formação como docente em maior parte não problematiza questões que estão fora da matéria que são programadas para ser aplicada. (Resposta 16).
- 2) Para oferecer como disciplina eletiva na graduação, sugiro que seja feito um vínculo com outros cursos (Educação Física, Administração Pública, Direito, etc), para abarcar diferentes linhas de pensamento e conhecimentos diversos sobre as mesmas temáticas. (Resposta 17).
- 3) Que o curso comece presencial para que possamos ter um primeiro contato de como será e que não seja fim de período. (Resposta 18).
- 4) Acredito que o *Facebook* seja uma ótima ferramenta, porém tem muita distração. Não tenho uma ideia de como lidar com isso, mas acho que é um ponto a se pensar. (Resposta 19).

Conforme mencionado anteriormente, no próximo capítulo, discutirei essas respostas e as implicações que elas provocaram na reformulação do curso ainda em andamento. Além disso, tratarei da metodologia de análise de todo esse material empírico.

3. A REDE

Para que uma rede se constitua, ela depende de muitos fios, os quais devem estar precisamente trançados para formar a trama. Apresento, então, neste capítulo, os caminhos metodológicos que se enredam para sustentar e envolver esta pesquisa. Além disso, a tecelagem é composta pela análise de como os fios foram alinhavados para que se chegasse aos enredamentos desta pesquisa.

3.1. Metodologia de análise do material empírico

A costura metodológica desta pesquisa utiliza o pós-estruturalismo como linha de alinhavo, buscando problematizar o uso de diferentes artefatos multimídias, sob a ótica dos multiletramentos e das relações de intermultimedialidade, que podem ser estabelecidas entre textos, imagens, vídeos, entre outros, criando possibilidades de reflexão sobre as temáticas de relações de gêneros e sexualidades. Por isso, esse enfoque constituiu o objetivo da pesquisa. Além disso, utilizaram-se diferentes procedimentos para a construção do conhecimento, entre os quais a revisão bibliográfica, o arquivamento de textos produzidos pelos/as participantes e o registro de imagens e vídeos dos encontros presenciais.

Este trabalho, por se propor a uma mudança na estrutura da forma de se pesquisar, adotou a metodologia pós-estruturalista ou pós-crítica, a qual se caracteriza, primordialmente, porque o seu desenho metodológico “não está (e nem poderia estar) fechado e decidido a priori e que não pode ser “replicado” do mesmo modo por qualquer pessoa, em qualquer tempo e lugar” (MEYER; PARAÍSO, 2014, p. 22). Dessa forma, a pesquisa com seres humanos, nesse caso com licenciandos/as, especialmente por meio de uma ferramenta tão dinâmica quanto uma rede social, envolve infinitas possibilidades de problematização, análise e produção do conhecimento, o que torna o processo ainda mais fascinante. E isso requer novos contornos metodológicos, como a que se utilizou nesta pesquisa.

Propôs, assim, uma metodologia em que estivessem imbricadas muitas formas de articulação de saberes, eliminando barreiras dicotômicas entre “teoria e prática, discurso e ‘realidade’, conhecimento e saberes do senso comum, representação e realidade” (MEYER; PARAÍSO, 2014, p. 35). A uma leitura atenta das referências teóricas, seguiu-se, então, um des/re/montar de novas possibilidades de respostas que, por sua vez, levaram a novas

perguntas e novos significados. Foi preciso, ainda, descrever, relatar em detalhes e, a partir disso, questionar, interrogar aquilo que se tinha e aquilo que se buscava.

Citando Gilles Deleuze (2002), Dagmar Estermann Meyer e Marlucy Alves Paraíso (2014) ressaltam que é importante estar sempre à espreita, porque nunca se sabe de onde virá a próxima ideia. E, como abóbora que se ajeita na carroça durante o andar (MARQUES *apud* SCHWENGBER, 2014), como “é no voo que se aprende a voar”⁵⁸, assim também o pesquisar vai acontecendo enquanto se pesquisa. O que requer de quem pesquisa o rigor, pois não há grandes métodos que indiquem que caminho seguir, sem, contudo, ter rigidez, mas abertura e flexibilidade às mudanças necessárias ao longo da pesquisa (MEYER; PARAÍSO, 2014).

Por isso, foi preciso disposição para experimentar junto, tanto na leitura e acompanhamento das atividades feitas a distância quanto na participação do que foi produzido presencialmente, ao longo do *Curso Corpo, saúde, sexualidades*. Isso foi feito por meio do acompanhamento das postagens na página do curso e da observação, com registros em fotografias e vídeos, das atividades presenciais. Somar a análise das relações entre os textos, as imagens e os vídeos produzidos virtualmente com registros fotográficos feitos *in loco*, nos dois encontros presenciais, foi essencial, já que “as imagens, como meio de comunicação e de representação de mundos, têm um lugar central na contemporaneidade, [sendo] material importante de compreensão da experiência humana contemporânea” (SCHWENGBER, 2014, p. 267).

Essas imagens, assim como vídeos, músicas e outros textos foram o foco da análise que se segue, sendo, portanto, identificadas, analisadas e problematizadas as relações intermultimídia advindas do *Curso Corpo, saúde, sexualidades*. Além disso, o mesmo procedimento foi feito em relação a alguns acontecimentos do curso, bem como às avaliações diagnóstica e final, aplicadas ao longo do mesmo, e como elas geraram modificações e possibilitaram que se chegasse às considerações finais desta pesquisa.

Foi necessário, para tanto, uma metodologia que sustentasse a análise das produções advindas do curso e, ao mesmo tempo, dialogasse com o referencial pós-estruturalista com que teci esta pesquisa. Para tanto, escolhi fazer, nas palavras de Roque Moraes (2003) “uma tempestade de luz” (p. 192), por meio da análise textual discursiva, também denominada por esse autor como análise textual qualitativa, um processo de análise que se situa entre a abordagem textual e a discursiva e

⁵⁸ BAYEH, Mônica Raouf El. **Você pode estar criando um coitadinho. É isso mesmo o que você quer?** Disponível em: <http://extra.globo.com/mulher/um-dedo-de-prosa/voce-pode-estar-criando-um-coitadinho-isso-mesmo-que-voce-quer-18107774.html>. Acesso em: 6 ago. 2016.

consiste em criar as condições de formação dessa tempestade em que, emergindo do meio caótico e desordenado, formam-se *flashes* fugazes de raios de luz iluminando os fenômenos investigados, que possibilitam, por meio de um esforço de comunicação intenso, expressar novas compreensões atingidas ao longo da análise. (MORAES, 2003, p. 192).

Considerarei adequada essa abordagem, pois ela pauta-se em um processo de desconstrução que, a partir das novas interpretações reconstruídas por quem pesquisa, procura, assim como afirmam Dagmar Estermann Meyer e Marlucy Alves Paraíso (2014, p. 59): “abrir mão de enfoques teóricos que priorizam o caráter explicativo e prescritivo do conhecimento para assumir enfoques que estimulam a desnaturalização e a problematização das coisas que aprendemos a tomar como dadas”.

Nesta pesquisa, nada estava dado, os sentidos foram sendo construídos a partir da ótica com que se observava o material advindo do curso, do qual selecionei algumas atividades, aqui denominadas tessituras, a fim de evidenciar como as relações de intermultimedialidade foram estabelecidas pelos/as participantes. Para tanto, utilizei os caminhos propostos pela análise textual discursiva que organiza a pesquisa em três momentos: a desconstrução textual; a análise das unidades escolhidas; e a problematização, que gera metatextos (textos que discorrem acerca de textos) sobre os recortes de análise (MORAES; GALIAZZI, 2016).

Dessa forma, no primeiro momento, o texto selecionado foi desconstruído e algumas partes dele foram separadas, para uma análise mais aprofundada. No caso desta pesquisa, o recorte foi feito a partir das relações de intermultimedialidade realizadas. Em um segundo momento, essas unidades foram identificadas a partir do referencial teórico escolhido, neste caso, a partir dos pressupostos de intertextualidade, segundo Ingedore Koch, Anna Christina Bentes e Mônica Cavalcante (2008). Assim, chegou-se ao terceiro momento, com a ressignificação dessas unidades em um contexto geral, o qual, neste trabalho, baseou-se nos estudos ligados às relações de gêneros e as sexualidades, com base em pesquisas na área (BUTLER, 2003; CASTRO, 2012; FOUCAULT, 2014; LOURO, 2016, 2012, 2001, 2000; RIBEIRO, 2014, 2010, 2009, 2008, 1996).

Os próprios estudos pós-críticos estabeleceram, então, uma relação dialógica (interdiscursiva) com a análise textual discursiva, pois esta, “mais do que um conjunto de procedimentos definidos constitui metodologia aberta, caminho para um pensamento investigativo, processo de colocar-se no movimento das verdades, participando de sua reconstrução” (MORAES; GALIAZZI, 2006, p. 119). E, para tanto, utiliza-se da linguagem, a

qual “se produz, se mantém e se modifica no contexto de lutas e de disputas pelo direito de significar” (MEYER; PARAÍSO, 2014, p. 54).

Significar e ressignificar foi justamente o que pretendi fazer com o material empírico advindo desta pesquisa, inclusive, em sua apresentação final. E aqui faço uma ressalva a essa palavra. Final não no sentido de completude, término, trabalho encerrado, mas de ciclo que tem uma finalidade: propiciar o começo de muitos outros caminhos, tecidos, fios, rizomas, redes...

Nas redes, o trabalho foi disponibilizado, em forma de um *site*, para que possibilite esse constante movimento de (re)significações que, em minha concepção, deve ser característica primordial do conhecimento. Em consonância com a proposta inovadora pretendida para esta pesquisa, bem como porque um dos seus pilares são as tecnologias digitais; e considerando, ainda, que o regulamento do Mestrado Profissional em Educação (MPE) prevê que o trabalho de conclusão do MPE pode ser apresentado por meio de: “III. desenvolvimento de processo, de tecnologia ou de materiais aplicáveis a processos ensino-aprendizagem, apresentado na forma de relatório técnico”⁵⁹, além de ser apresentado em formato impresso, esta pesquisa foi transposta para a realidade virtual, por meio da elaboração de um *site*. Assim, na página eletrônica é possível propiciar, na prática, as relações intermultimídia, com a criação de *hiperlinks* entre partes do texto e delas com artefatos multimidiáticos externos ao *site*.

A seguir, apresento a imagem da página principal do *site*:



Figura 38 - Imagem da página principal do *site* www.ded.ufla.br/tessituras

O *site* pode ser acessado no endereço: www.ded.ufla.br/tessituras

⁵⁹ **Regulamento do Programa de Mestrado Profissional em Educação.** Disponível em: <http://www.prrg.ufla.br/educacao/wp-content/uploads/2012/08/REGULAMENTO-final-2012.pdf>. Acesso em: 7 abr. 2014.

3.2. Intermultimedialidade nas discussões feitas no *Curso Corpo, saúde, sexualidades*

As relações entre textos são a premissa básica para o que caracteriza a intertextualidade (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2008), conceito que procurei ampliar nesta pesquisa, ao propor o termo intermultimedialidade para os diálogos possíveis entre artefatos multimídias (textos, imagens, músicas, vídeos, entre outros). Estabelecer essa relação constituiu a proposta principal para a realização das atividades do *Curso Corpo, saúde, sexualidades*.

Conforme será descrito a seguir, isso foi feito em algumas das atividades, mesmo com a pouca participação efetiva no curso, já que, das 70 pessoas inscritas, 22 fizeram pelo menos uma atividade e oito tiveram participação mais ativa, a qual possibilitou receberem o certificado de conclusão do curso. Contudo, mais importante do que a quantidade de atividades realizadas foi a qualidade das participações, conforme apresentado neste tópico.

Escolhi algumas atividades, doravante denominadas tessituras, para evidenciar como a intermultimedialidade foi realizada e, para tanto, utilizei como critério de abordagem a análise textual discursiva (MORAES; GALIAZZI, 2016), conforme explico em cada situação. Baseada nesse respaldo teórico, realizei a análise em três momentos: desconstrução textual, análise das unidades escolhidas e problematização.

O primeiro momento consistiu na seleção de um trecho do que foi escrito e postado pelo/a participante. No segundo momento, foram analisadas as intermultimedialidades em comparação com pressupostos de intertextualidade (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2008). E, finalmente, a problematização foi feita em relação ao uso dos multiletramentos (ROJO, 2012), à demonstração de postura do/a participante (BARTON; LEE, 2015) e às implicações desse posicionamento quanto à articulação com teorias que abordam as temáticas relações de gêneros e sexualidades (BUTLER, 2003; CASTRO, 2012; FOUCAULT, 2014; LOURO, 2016, 2012, 2001, 2000; RIBEIRO, 2014, 2010, 2009, 2008, 1996).

A organização das tessituras foi conforme a ordem em que as atividades foram propostas ao longo do curso, sendo que a maior parte dos casos analisados é relativa a atividades realizadas na primeira metade do curso, quando a participação dos grupos foi mais significativa.

Entendo que cada um desses materiais empíricos poderia render um novo texto, com uma análise mais detalhada, sobretudo para discutir relações de gêneros e sexualidades. Porém, o recorte que fiz foi voltado para as intermultimedialidades presentes em cada uma das

tessituras, bem como para a forma como entendi que esses diálogos, sejam textuais ou discursivos, contribuíram para que esta pesquisa atingisse o seu objetivo: problematizar o uso de diferentes artefatos multimídias, sob a ótica dos multiletramentos e das relações de intermultimedialidade, que podem ser estabelecidas entre textos, imagens, vídeos, entre outros, criando possibilidades de reflexão sobre as temáticas de relações de gêneros e sexualidades.

3.2.1. Tessitura 1: Texto *É possível realizar uma história do corpo* e filme *Distrito 9*

Na Atividade 1.1, foi solicitado que os/as participantes lessem *É possível realizar uma história do corpo?*, de Denise Sant’Anna (2006), e, em seguida, produzissem um pequeno texto com as impressões sobre o artigo. Destaco, nessa atividade, a postagem de Vermelho⁶⁰, que disse, respondendo ao *post* principal: “Pessoal, quando puderem, assistam o filme ‘*Distrito 9*’, ele faz uma crítica ao conceito de ser humano. O ser humano só é considerado ser humano se tiver um ‘corpo humano’? Acho que tem tudo a ver com o texto proposto acima!⁶¹”. Vermelho estabelece um diálogo entre o texto-base da atividade e o filme *Distrito 9*⁶², lançado em 2009, do diretor Neill Blomkamp, que conta a história de um gueto na África do Sul que reúne seres extraterrestres refugiados na Terra. O conflito começa quando o governo tenta transferir o grupo do local e um agente é contaminado por uma substância desconhecida que faz o seu corpo sofrer mutações.

O trecho que escolhi da postagem de Vermelho foi: “O ser humano só é considerado ser humano se tiver um ‘corpo humano’?”. Fazendo uma aproximação com os conceitos propostos por Ingedore Koch, Anna Christina Bentes e Mônica Cavalcante (2008), houve, nesse caso, semelhança com as intertextualidades: temática, pois tanto o texto quanto o filme têm o corpo como tema; e explícita, já que Vermelho indicou claramente a referência entre texto e filme. Ao fazer essa transposição, Vermelho demonstrou conhecimento de mundo e possuir habilidades relacionadas aos multiletramentos, já que consegue estabelecer relações entre o texto lido (texto-base) e a realidade social (interferências das tecnologias). Essa

⁶⁰ A fim de preservar a identidade das/os participantes, elas/eles serão denominados com cores, em vez de serem marcadas/os por números, o que, considero, transmite um sentido de objetificação da pessoa e vai de encontro aos princípios desta pesquisa.

⁶¹ As transcrições serão mantidas conforme foram postadas nas discussões do *Facebook*, mantendo a informalidade dos textos e até, em alguns casos, alguns desvios em relação à norma culta. Tendo em vista ser a postagem em redes sociais um gênero caracterizado pela coloquialidade, alterar os textos, adequando-os à norma padrão, comprometeria o sentido textual, além de ser uma interferência arbitrária na forma como as/os participantes se expressaram.

⁶² Sinopse disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-143026/>. Acesso em: 1 jun. 2017.

analogia acontece, pois o texto-base traça um panorama sobre a forma como o corpo foi e é visto ao longo da história da humanidade, tratando, inclusive das interferências tecnológicas provocadas nele (SANT'ANNA, 2006).

Além disso, Vermelho deixou clara a sua postura, a qual pode ser entendida como um ato público (BARTON; LEE, 2015), ao realizar um questionamento em sua postagem. E já que me baseei na análise textual discursiva, para a qual “interpretar é construir novos sentidos e compreensões, afastando-se do imediato e exercitando uma abstração” (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 58), pude inferir dessa indagação a demonstração de senso crítico de Vermelho em relação às formas como o corpo é visto em sociedade. Segundo Judith Butler (2003, p. 162), “as imagens corporais que não se encaixam em nenhum desses gêneros ficam fora do humano, constituem a rigor o domínio do desumanizado e do abjeto, em contraposição ao qual o próprio humano se estabelece”.

A postagem vai ao encontro do ponto de vista da autora supracitada, tendo em vista o questionamento de Vermelho sobre o que constitui a pessoa humana e a relação que pode ser estabelecida entre ela e seu corpo, seja como humano ou alienígena, no caso da aproximação com o filme, seja em relação aos papéis que a sociedade atribui aos gêneros. Dessa forma, como explicita Cláudia Ribeiro (1996, p. 23),

Não é possível construir primeiramente um corpo e somente depois um corpo sexuado. Os materiais significantes para essa construção provêm de duas origens: do organismo e da cultura. No organismo, os imperativos biológicos básicos que diferenciam homens e mulheres são o fecundar para o homem e o menstruar, gestar e amamentar para as mulheres. As outras diferenças são atribuídas socialmente e variam de acordo com a época, o local e a cultura.

Com base no que aponta a autora, diferenças orgânicas e culturais podem se confundir ao se dar significado ao ser humano, percepção essa que, entendo, foi compreendida também por Vermelho, tendo em vista a pergunta feita por ela na postagem, na tentativa de motivar uma discussão no *Curso Corpo, saúde, sexualidades*. Essa abordagem pode, ainda, suscitar outro questionamento: até que ponto as pessoas que se afastam dos “parâmetros de normalidade” esperados pela sociedade (masculino e heterossexual) também não são vistas – e perseguidas – como os alienígenas do *Distrito 9*?

3.2.2. Tessitura 2: Entrevista *O espelho é a nova submissão feminina e postagem Mulher é...*

Ainda no contexto sobre corpo, Vermelho criou uma nova postagem, em que questionou: “E por falar em CORPO e aproveitando a semana do Dia Internacional da Mulher, o que dizer da ditadura da beleza? "O espelho é a nova submissão feminina" - Mary Del Priore”, fazendo referência a uma entrevista concedida pela historiadora a uma revista (JORDÃO, 2010). Apesar de Vermelho não ter disponibilizado o *link* com a entrevista, o comentário gerou discussões, as quais foram motivadas por mim, com o seguinte *post*: “Excelente ideia para discutirmos. Tanto o que motivou a criação desse dia, passando pelo lento avanço mesmo diante de tanta luta, quanto pela inversão de conceitos em relação ao que buscamos! Vamos discutir, Purpurinas?!”.

Em seguida, Laranja respondeu à postagem:

Somos massacradas o tempo todo pela mídia e pelo "padrão" social. Somos ora exaltadas e ora diminuídas por esse "espelho". Podemos ainda atrelar essa discussão a SAÚDE, quantas de nós e quantas vezes, já nos submetemos a diversos procedimentos ? Dietas loucas? Modificamos nossos CORPOS e fragilizamos nossa SAÚDE.

Eu, então, fiz a seguinte sugestão: “Motivada pelo que você propôs, sugiro que discutamos como a mulher está sendo "homenageada" no dia de hoje. Compartilhem postagens de Face, Whats, Twitter, Instagram ou outras redes sociais ou outros tipos de homenagens, para que possamos problematizar essa questão...”

A resposta veio de Laranja, que postou a imagem a seguir, acompanhada do texto: “Essa me chamou muito a atenção! A Tentativa de naturalizar. Já nascemos para:”



Figura 39 - Intermultimedialidade realizada na Atividade 1.1

Sobre essa postagem, fiz o seguinte comentário: “Ótimas contribuições! O humor como recurso que perpetua os preconceitos e discriminações, como se ser engraçado fosse uma desculpa para poder ofender. Isso acontece não apenas com as mulheres, mas com vários grupos preteridos socialmente.” As discussões não continuaram, mas a entrevista proposta por Vermelho e a imagem postada por Laranja permitiram leituras que podem ser feitas a partir de diferentes artefatos multimídias.

Selecionei como recorte o que foi escrito por Vermelho: “E por falar em CORPO e aproveitando a semana do Dia Internacional da Mulher, o que dizer da ditadura da beleza?”, que pode estabelecer uma relação de intertextualidade com o seguinte trecho da entrevista:

O corpo se tornou fonte inesgotável de ansiedade e frustração. Diferentemente de nossas avós, não nos preocupamos mais em salvar nossas almas, mas em salvar nossos corpos da rejeição social. Nosso tormento não é o fogo do inferno, mas a balança e o espelho. É uma nova forma de submissão feminina. (JORDÃO, 2010, s.p.).

Ao estabelecer intertextualidades temática e explícita, Vermelho demonstrou claramente a sua postura, por meio da indagação que faz ao grupo. Além disso, pode-se depreender que há também intertextualidade tipológica (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2008), pois tanto a entrevista quanto a postagem contém posicionamento argumentativo. Postura essa que é complementada pela postagem de Laranja, a qual demonstra o seu descontentamento com uma imagem compartilhada em redes sociais. Esse *post*, por sua vez, também estabelece com a entrevista relação de intertextualidade temática, mas agora, implícita, a qual é, também, uma intermultimedialidade, por ser um diálogo entre um texto escrito e uma imagem. Além disso, a ausência de autoria da figura indica haver a assunção de um discurso consolidado, acatado socialmente.

A apresentação da postagem para discussão demonstrou a necessidade de se discutir sobre a forma como a mulher é vista na sociedade, já que

Não basta inquirir como as mulheres podem se fazer representar mais plenamente na linguagem e na política. A crítica feminista também deve compreender como a categoria das “mulheres”, o sujeito do feminismo, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais busca-se a emancipação. (BUTLER, 2003, p. 19).

O pensamento da autora indica como as relações de poder (FOUCAULT, 2014) interferem nas interações sociais, já há muito tempo, fazendo com que até a sexualidade seja hierarquizada, segundo Michel Foucault (2014), pois ela é “originária e historicamente burguesa e que induz, em seus deslocamentos sucessivos e em suas transposições, efeitos de classe específicos” (p. 139). Essas pré-concepções do passado ecoam ainda hoje, com a mulher sendo relegada ao papel de mãe, esposa e dona de casa, conforme demonstra a imagem apresentada que, no dia 8 de Março, foi amplamente veiculada em redes sociais.

Dessa forma, entendo que a discussão provocada por meio do *Curso Corpo, saúde, sexualidades* faz-se necessária, para que padrões sociais possam ser revistos, a começar pela cor da imagem, que perpetua a associação da mulher ao rosa, sendo mais um indicativo das marcas deixadas desde a ascensão da burguesia, quando

As mulheres eram responsáveis pela administração da casa e educação dos filhos. Os homens ampliavam e diversificavam suas profissões e atividades públicas. A esfera do público era tida como perigosa e amoral e a do privado, da casa, era o local dos prazeres amenos, refúgio do homem cansado e preocupado, responsável pela manutenção material do lar. O ideal burguês era de um marido que atendia às necessidades materiais da família e de uma mulher que se consagrava ao lar. Os homens eram cidadãos trabalhadores e responsáveis e as mulheres, reduzidas ao silêncio; eram esposas e mães. (RIBEIRO, 2008, p. 5).

Esse ideal da burguesia, ainda vigente, acaba por influenciar comportamentos e criar os padrões que tentam produzir “indivíduos normalizados e normatizados, articulados uns aos outros, segundo sistemas hierárquicos, sistema de valores, de submissão a ideias que são contrárias ao que se deseja” (RIBEIRO, 2008, p. 10). Esse processo gera, então, opressão e violência contra quem não aceita essas normas. Não seria, então, o primeiro passo dar-se conta disso para, em seguida, questionar o *status quo* dos padrões de beleza e do papel da mulher na sociedade, como fizeram Vermelho e Laranja, nessa postagem?

3.2.3. Tessitura 3: Referência a Schopenhauer e gráfico sobre saúde

Da Atividade 1.2, a qual propôs que os/as participantes elaborassem um conceito para saúde, apresenta-se uma tessitura que demonstra as intertextualidades temática e explícita, e, também, de intermultimedialidade. Verde fez a seguinte postagem:

Schopenhauer dizia que a saúde seria responsável por 90% de nossa felicidade; contudo, o mesmo admitia que felicidade fosse apenas a ausência de dor, tornando, por conseguinte, o indivíduo saudável apenas um não-doente, no sentido clínico no termo. Mediante explicação que, apesar de plausível, apresenta-se como rasa em demasia, é-nos agora coerente explicar a saúde em sua completude.

Indo para bastante além de um estado de não-doença, a saúde precisa ser interpretada como bem-estar físico e mental – admitindo desde já que dentro deste conceito não existem pessoas nem no polo extremo da saúde nem no da deficiência dela –, para ser entendida por completo. Para facilitar o entendimento elaboraremos um gráfico e aplicaremos um grupo amostral hipotético de três indivíduos neste. O gráfico representa a evolução da expectativa de saúde das personagens sob a interpretação de uma única pessoa no decorrer das descrições a seguir.

O indivíduo A apresenta um excelente estado fisiológico. Devido à boa alimentação e aos esportes, raramente contrai quaisquer tipos de doença física e não possui também qualquer doença psíquica, apresentando apenas uma alergia a pelos e penas de animais. É, basicamente, indivíduo saudável em relação ao conceito clínico do termo. Contudo, não tem família ou amigos – é bastante solitário –, trabalha 8 horas por dia em uma pequena sala isolada, a 3 horas de casa – esta que fica em local de extrema periculosidade –, sem qualquer contato humano, e, devido à alergia supracitada, não pode ter animais de estimação convencionais.

O indivíduo B vive cercado de amigos, dois cães lindos e muito carinhosos, e é muito querido pela família. Vive em uma vizinhança agradável, é muito sortudo em seus relacionamentos românticos e tem um bom emprego onde pode trabalhar quando e onde quiser desde que cumpra os resultados, que não são muito complicados. Porém, sabe que possui um tipo raro de tumor maligno desde a infância, tumor este que não pode ser tratado por meios químicos, radioativos ou cirúrgicos.

Já o indivíduo C é uma pessoa comum, só mais um entre os extremos. Possui um emprego que não lhe dá imensas alegrias, mas também não lhe suga a alma; tem alguns amigos e uma família relativamente feliz que briga de vez em quando; e mora numa vizinhança bastante diversa, com alguns vizinhos agradáveis e outros chatos. Tem rinite alérgica, como milhões de outras pessoas, alguns casos de viroses e parasitoses, mas nada de muito grave. É belo exemplo de indivíduo médio.

Os indivíduos A e B estão em situações completamente distintas, mas apresentam graus bastante parecidos de saúde. Entretanto, o indivíduo C, mais equilibrado, que não possui nada que o destaque dentro do nosso grupo de amostra hipotético, é o que apresenta a saúde mais considerável, sendo o único a terminar na metade de cima do nosso gráfico, sendo, portanto, o detentor de melhor saúde.

Os indivíduos A e B estão em situações completamente distintas, mas apresentam graus bastante parecidos de saúde. Entretanto, o indivíduo C, mais equilibrado, que não possui nada que o destaque dentro do nosso grupo de amostra hipotético, é o que apresenta a saúde mais considerável, sendo o único a terminar na metade de cima do nosso gráfico, sendo, portanto, o detentor de melhor saúde.

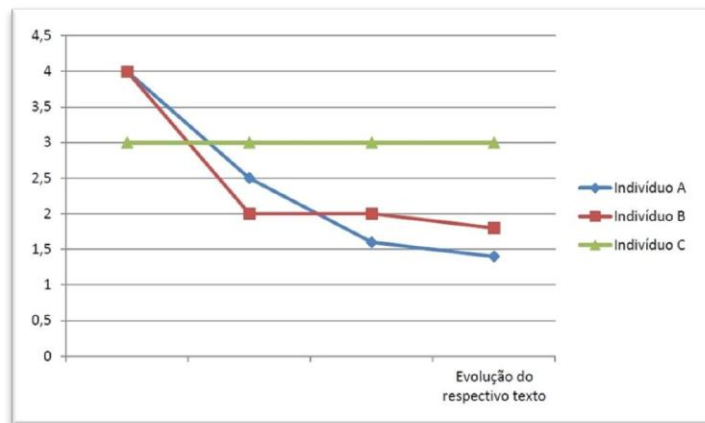


Figura 40 - Intermultimedialidade realizada na Atividade 1.2

O recorte que escolhi da postagem, a fim de ressignificá-lo, tendo como base a análise textual discursiva (MORAES; GALIAZZI, 2016), foi:

Schopenhauer dizia que a saúde seria responsável por 90% de nossa felicidade; contudo, o mesmo admitia que felicidade fosse apenas a ausência de dor, tornando, por conseguinte, o indivíduo saudável apenas um não-doente, no sentido clínico no termo. Mediante explicação que, apesar de plausível, apresenta-se como rasa em demasia, é-nos agora coerente explicar a saúde em sua completude. (Verde).

A intertextualidade explícita acontece quando Verde faz referência às ideias do filósofo Arthur Schopenhauer (2002), mesmo sem transcrever nenhuma citação direta, contando, então, com o conhecimento de mundo das pessoas que leem o seu texto. Além disso, Verde estabelece uma relação de intermultimedialidade, ao criar para o seu texto uma imagem que representa aquilo que a sua escrita procura transmitir, estabelecendo, assim, um diálogo entre as linguagens verbal e não verbal, cuja compreensão requer competência em multiletramento por parte de quem lê.

Além de senso de criatividade, Verde demonstra, claramente, a sua postura, ao construir um texto próprio em que elabora um conceito a partir de outras leituras, ilustrando essas ideias com um gráfico também inédito. Essa postagem requer, então, uma leitura pautada em inferências que, conforme defendem Roque Moraes e Maria do Carmo Galiazzi (2016, p. 83), geram “esforço de captar mensagens conscientes e inconscientes [que] implica um movimento de ultrapassagem de uma leitura de primeiro plano para outra de maior profundidade” (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 83).

Essa leitura aprofundada foi imprescindível, porque a compreensão sobre o conceito de saúde se fez necessária, no início do curso, tendo em vista os desdobramentos que se

seguiriam, sobretudo para o entendimento sobre a relação entre saúde, corpo e sexualidades, já que, conforme indica Guacira Louro (2001)

As imposições de saúde, vigor, vitalidade, juventude, beleza, força são distintamente significadas, nas mais variadas culturas e são também, nas distintas culturas, diferentemente atribuídas aos corpos de homens ou de mulheres. Através de muitos processos, de cuidados físicos, exercícios, roupas, aromas, adornos, inscrevemos nos corpos marcas de identidades e, conseqüentemente, de diferenciação. (p. 9).

Esses cuidados têm relação direta com a forma como os corpos são vistos e compreendidos na sociedade, sobretudo porque, conforme indica Michel Foucault (2014), o sexo passou a ser discutido sob o aspecto da saúde, com os corpos sendo regulados também pela medicina. Logo, a sexualidade também passou a ser entendida como “imersa no universo de relações do meio social, que inclui civilização, mitos, costumes, síntese de experiências vivenciadas” (RIBEIRO, 1996, p. 29).

Ao discutir as relações entre corpo, saúde e sexualidades, o *Curso Corpo, saúde, sexualidades* buscou, por meio das intermultimedialidades, conforme a estabelecida por Verde, despertar nas/os participantes um senso crítico capaz de questionar: será que saúde é sinônimo de ter um corpo saudável? E saudável em relação a quê?

3.2.4. Tessitura 4: Plágio e ideologia *versus* identidade de gênero

A Atividade 2.1 consistia na criação de um texto multicolorido, o qual deveria ser composto coletivamente, com uma discussão sobre a diferença entre ideologia e identidade de gênero. Como Roxo não conseguiu fazer a atividade no prazo, realizou a seguinte postagem, algum tempo depois, com um texto e um vídeo⁶³:

A ideologia de gênero ou a “ideologia da ausência de gênero”, como também ficou conhecida, é a ideia de que a sexualidade humana seja parte de “construções sociais e culturais” e não um fator biológico.

De acordo com esta ideologia, os seres humanos nasceriam “neutros” e poderiam, ao longo da vida, escolher o seu gênero sexual.

Outra característica da ideologia de gênero é a multiplicidade dos gêneros, ou seja, a existência de vários gêneros sexuais mais complexos, além do masculino e feminino.

Os seres humanos estariam disponíveis para assumir a identidade de gênero que mais se identificam.

⁶³ Luis Felipe Pondé Fala sobre ideologia de Gênero. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KtjXD2PbHTc>. Acesso em: 3 jun. 2017.

Contudo, suspeitei que o texto não era de Roxo e realizei uma pesquisa na internet, encontrando a origem⁶⁴. Vendo que se tratava de cópia literal, fiz o seguinte comentário, como resposta, sem, contudo, ter retorno de Roxo:

Agradeço por você ter trazido outros vídeos para a nossa discussão. Eles são muito importantes para conhecermos outros pontos de vista. Com relação ao seu texto, por favor, identifique as fontes de onde você o tirou e tente, em atividades futuras, ler referências, mas compor o seu próprio texto. E faltou você dizer para nós o que você achou os vídeos e do que leu sobre o tema...

Nota-se, portanto, nesse caso, a ocorrência de um tipo de intertextualidade implícita conhecida como plágio (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2008). A cópia indevida, além de ser antiética e ilegal, parece sugerir falta de atenção e de empenho em realizar a atividade, já que a simples reprodução de algo já pronto é mais fácil do que a criação de um texto novo, articulado com outros e, portanto, mais rico para a discussão. Assim, ao contrário da tessitura anterior, Roxo não demonstrou posicionamento, pelo contrário, sua postura acabou indicando uma perda de oportunidade em expor seu ponto de vista. Fato corroborado pela sugestão do um vídeo, o qual acabou ficando descontextualizado, porque Roxo não o problematizou ou relacionou com o que escreveu/copiou.

A cópia tornou-se, então, um entrave para discussões e para que as/os participantes do curso pudessem ter acesso ao ponto de vista de Roxo sobre o assunto. “Criar é resistir!”, conforme lembra Cláudia Ribeiro (2008, p. 11), a qual ainda acrescenta:

No processo de formação de educadores e educadoras, joga-se um jogo decisivo: disseminar possibilidades de ressignificar os significados e os sentidos dominantes – a heteronormatividade, as relações de gênero, a produção de saberes sobre sexualidade, sobre infância, sobre direitos, dentre tantos outros temas. (RIBEIRO, 2009, p. 3).

Ao copiar, Roxo abriu mão da possibilidade de elaborar significados e discutir as diferenças entre ideologia e identidade de gênero. Perdeu, portanto, assim como as/os outras/os participantes, a oportunidade de refletir que

[...] as identidades sexuais e de gênero estão profundamente inter-relacionadas, por discursos e práticas que frequentemente as confundem. [...] Elas estarão sempre se constituindo, sempre em transformação. Assim, não

⁶⁴ Disponível em: <https://www.significados.com.br/ideologia/>. Acesso em: 1 jun. 2017.

haveria uma única identidade, mas identidades plurais, com múltiplas formas de masculinidades e feminilidades, múltiplas heterossexualidades e homossexualidades. (CASTRO, 2012, p. 149).

Tal discussão seria profícua para o trabalho que foi proposto para o *Curso Corpo, saúde, sexualidades*, tendo em vista a necessidade de uma caminhada, partindo da compreensão dos conceitos de corpo e de saúde até se chegar às discussões sobre as relações de gêneros e sexualidades e como essas são constituídas com base em muitos discursos, conforme defende Michel Foucault (2014, p. 77): “a história da sexualidade [...] deve ser feita, antes de mais nada, do ponto de vista de uma história dos discursos”. O que me leva a questionar: a escolha por copiar não seria também um discurso, nesse caso, de omissão? E quais implicações essa postura pode gerar, como permitir que violências continuem acontecendo?

3.2.5. Tessitura 5: Música *Meninos e Meninas* e Crônica *Pertencer*

Na Atividade 2.3, foi proposto que as/os participantes ouvissem a música *Meninos e Meninas*, composta por Renato Russo, Dado Villa-lobos, Marcelo Bonfá e interpretada pela banda Legião Urbana, e refletissem sobre como a letra aborda os papéis sociais de meninos/homens e meninas/mulheres. Com base nisso, aconteceu uma discussão, por meio da ferramenta de bate-papo do *Facebook*, em que as/os participantes deveriam trazer outras referências, que dialogassem com a música. Destaco, desta atividade, o comentário de Amarelo:

Bom, acho que eu nunca tinha parado para realmente ouvir a música... E foi bem pesada... Quando eu ouvia em casa eu era criança e ficava lá brincando com minhas bonecas escondido das pessoas, não era a pessoa que “estou” hoje, eu prefiro usar o verbo estar ao verbo ser pois estamos sempre em constantes mutações... O trecho que mais me tocou foi este:

“Vai ver que é assim mesmo e vai ser assim pra sempre
Vai ficando complicado e ao mesmo tempo diferente
Estou cansado de bater e ninguém abrir
Você me deixou sentindo tanto frio
Não sei mais o que dizer”

Acho que este trecho define minhas maiores angústias, que é a de não me encaixar entre os padrões de gêneros que temos, e este trecho me leva pra uma trama de dúvidas sobre a minha esfera pessoal com a esfera social, das coisas que tenho que fazer para ser “aceito” ou pelo menos respeitado nessa sociedade que oprime e machuca, percebo que fico preso nisso quando é mais fácil para eu responder: “o que os outros esperam de mim?” sem nem ao menos saber o que eu espero de mim ... Falando em angústia tem um

texto da maravilhosa Clarice Lispector chamado “Pertencer” que ela fala sobre a angústia de não pertencer a nada, de se sentir avulso, de graça. Posso postar aqui também, se quiserem 😊 (Amarelo)

Em seguida, Amarelo postou a crônica, de Clarice Lispector, *Pertencer*, publicada originalmente no *Jornal do Brasil*, no dia 15 de junho de 1968, e uma imagem⁶⁵ de um homem com os olhos e a boca cobertos por braços carregando as palavras: Celebrity (Celebridade), Consume (Consumo), Sensationalism (Sensacionalismo), Scandal (Escândalo), Sex tapes (Fitas de sexo)⁶⁶:

Um amigo meu, médico, assegurou-me que desde o berço a criança sente o ambiente, a criança quer: nela o ser humano, no berço mesmo, já começou. Tenho certeza de que no berço a minha primeira vontade foi a de pertencer. Por motivos que aqui não importam, eu de algum modo devia estar sentindo que não pertencia a nada e a ninguém. Nasci de graça. Se no berço experimentei esta fome humana, ela continua a me acompanhar pela vida afora, como se fosse um destino. A ponto de meu coração se contrair de inveja e desejo quando vejo uma freira: ela pertence a Deus. Exatamente porque é tão forte em mim a fome de me dar a algo ou a alguém, é que me tornei bastante arisca: tenho medo de revelar de quanto preciso e de como sou pobre. Sou, sim. Muito pobre. Só tenho um corpo e uma alma. E preciso de mais do que isso. Com o tempo, sobretudo os últimos anos, perdi o jeito de ser gente. Não sei mais como se é. E uma espécie toda nova de "solidão de não pertencer" começou a me invadir como heras num muro. Se meu desejo mais antigo é o de pertencer, por que então nunca fiz parte de clubes ou de associações? Porque não é isso que eu chamo de pertencer. O que eu queria, e não posso, é por exemplo que tudo o que me viesse de bom de dentro de mim eu pudesse dar àquilo que eu pertencço. Mesmo minhas alegrias, como são solitárias às vezes. E uma alegria solitária pode se tornar patética. É como ficar com um presente todo embrulhado em papel enfeitado de presente nas mãos - e não ter a quem dizer: tome, é seu, abra-o! Não querendo me ver em situações patéticas e, por uma espécie de contenção, evitando o tom de tragédia, raramente embrulho com papel de presente os meus sentimentos. Pertencer não vem apenas de ser fraca e precisar unir-se a algo ou a alguém mais forte. Muitas vezes a vontade intensa de pertencer vem em mim de minha própria força - eu quero pertencer para que minha força não seja inútil e fortifique uma pessoa ou uma coisa. Quase consigo me visualizar no berço, quase consigo reproduzir em mim a vaga e no entanto premente sensação de precisar pertencer. Por motivos que nem minha mãe nem meu pai podiam controlar, eu nasci e fiquei apenas: nascida. No entanto fui preparada para ser dada à luz de um modo tão bonito. Minha mãe já estava doente, e, por uma superstição bastante espalhada, acreditava-se que ter um filho curava uma mulher de uma doença. Então fui

⁶⁵ Imagem disponível em: <http://periodismeiconsciencia.org/wp-content/uploads/2014/03/censura-3.jpg>. Acesso em: 11 mar. 2017.

⁶⁶ Tradução minha.

deliberadamente criada: com amor e esperança. Só que não curei minha mãe. E sinto até hoje essa carga de culpa: fizeram-me para uma missão determinada e eu falhei. Como se contassem comigo nas trincheiras de uma guerra e eu tivesse desertado. Sei que meus pais me perdoaram por eu ter nascido em vão e tê-los traído na grande esperança.

Mas eu, eu não me perdo. Queria que simplesmente se tivesse feito um milagre: eu nascer e curar minha mãe. Então, sim: eu teria pertencido a meu pai e a minha mãe. Eu nem podia confiar a alguém essa espécie de solidão de não pertencer porque, como desertor, eu tinha o segredo da fuga que por vergonha não podia ser conhecido.

A vida me fez de vez em quando pertencer, como se fosse para me dar a medida do que eu perco não pertencendo. E então eu soube: pertencer é viver. Experimentei-o com a sede de quem está no deserto e bebe sôfrego os últimos goles de água de um cantil. E depois a sede volta e é no deserto mesmo que caminho. (LISPECTOR, 1999, p. 110).



Figura 41 – Intermultimedialidade realizada na Atividade 2.3

Apesar de ter recebido uma indagação minha, Amarelo não explicou em detalhes porque realizou as aproximações entre a música, a crônica e a imagem, a não ser por ter destacado um trecho da música (“Vai ver que é assim mesmo e vai ser assim pra sempre / Vai ficando complicado e ao mesmo tempo diferente / Estou cansado de bater e ninguém abrir / Você me deixou sentindo tanto frio / Não sei mais o que dizer”), dizendo: “Acho que este trecho define minhas maiores angústias, que é a de não me encaixar entre os padrões de gêneros que temos, e este trecho me leva pra uma trama de dúvidas sobre a minha esfera pessoal com a esfera social, das coisas que tenho que fazer para ser “aceito” ou pelo menos respeitado nessa sociedade que oprime e machuca”.

Além disso, Amarelo disse que se lembrou da crônica, porque “ela fala sobre a angústia de não pertencer a nada, de se sentir avulso, de graça”, em uma clara referência ao que diz o eu lírico do texto: “Por motivos que aqui não importam, eu de algum modo devia estar sentindo que não pertencia a nada e a ninguém. Nasci de graça” (LISPECTOR, 1999, p. 110). Por sua vez, a imagem representando um homem com os olhos e a boca também

remetem à angústia, sentido que, para ser apreendido, requer que seja acessada a habilidade de leitura de textos verbais e não verbais, como preceituam as concepções de Roxane Rojo (2012) sobre os multiletramentos. Nesse ínterim, propor uma imagem que possibilitou a ampliação das discussões demonstrou, ainda, uma marcação de postura, conforme indicam David Barton e Carmen Lee (2015).

A partir desses recortes, foi possível perceber que Amarelo estabeleceu uma relação de intermultimedialidade entre a letra da música, a crônica e a imagem. Nesse caso, quando citou a música e remeteu à crônica, Amarelo estabeleceu intertextualidades temática e explícita. Já, a aproximação entre os textos e a imagem se assemelhou ao que acontece na intertextualidade temática. Nesse caso, Amarelo fez uma clara demonstração de posicionamento, sobretudo porque explicou o motivo de suas escolhas e das relações que estabeleceu entre os artefatos multimídias.

Ao construir essa relação de intermultimedialidade, Amarelo conseguiu atingir o objetivo proposto para o curso, o qual dialoga com o que indica Cláudia Ribeiro (2010, p. 10):

Os processos do ensinar e do aprender; do aprender e do ensinar nas temáticas de gênero e sexualidade são desafiadores, pois tangenciam, transversalizam, estão no centro e nas margens e, portanto, são complexos, paradoxais, enigmáticos, polêmicos, muitas vezes proibidos, contraditórios, prazerosos.

Justamente por permitirem tantos diálogos, os processos de ensino-aprendizagem são tão complexos, mas, ao mesmo tempo, tão enriquecedores e especiais. E as muitas discussões que podem ser suscitadas referem-se a diversos aspectos. No caso dessa postagem, poderia ser discutida, por exemplo, a sensação de não pertencimento demonstrada por Amarelo, a qual advém, provavelmente, do fato de que, como afirma Roney Polato de Castro (2012, p. 148),

Em nossa sociedade, o “masculino” e o “heterossexual” têm sido considerados padrões, ou seja, eles têm caráter de norma, a partir da qual se constroem como referência para produzir a condição de marginais e inferiores daqueles que diferem desses padrões: mulheres, homossexuais, bissexuais, travesti, transexuais, entre outros.

A afirmação do autor indica que as temáticas relações de gêneros e sexualidades precisam ser discutidas, conforme o que foi proposto pelo *Curso Corpo, saúde, sexualidades*, a fim de suscitar debates como: o estabelecimento de padrões não deveria, então, ser questionado, para que as pessoas marginalizadas não acabassem como na figura: silenciadas?

3.2.6. Tessitura 6: Série *Quem sou eu?* e livro *Alice no País das Maravilhas*

As duas últimas tessituras não fazem parte de respostas a nenhuma das atividades propostas, pois foram postagens criadas por participantes, que acrescentaram outros materiais às discussões propostas no curso. O primeiro foi trazido por Rosa:



Figura 42 - Intermultimídia além das atividades - *Quem sou eu?*

Rosa estabeleceu uma relação de intermultimídia, ao apresentar uma nova referência: a série *Quem sou eu?*⁶⁷, produzida pelo programa Fantástico e que, dividida em quatro episódios, abordou a discussão sobre pessoas transgêneras. Um fato que merece destaque é que a série utilizou uma relação de interdiscursividade como fio condutor: as histórias da reportagem são comparadas com a obra *Alice no País das Maravilhas*, escrita em 1865, por Lewis Carroll.

Destaquei, no texto de Rosa, o seguinte: “Achei bem interessante e acredito que tenha bastante a ver com nosso curso!!!”. Essa opinião indica uma postura de pró-atividade, já que, até então, os diálogos estavam sendo feitos com os textos propostos pelo curso. Há, nesse caso, uma aproximação com as intertextualidades: temática e implícita, no caso da série com o curso, e temática e explícita, no caso da série com a obra *Alice no País das Maravilhas*.

Esse posicionamento de Rosa vai ao encontro do que preconiza Cláudia Ribeiro (2009), a qual afirma que:

⁶⁷ Disponível em: <http://especiais.g1.globo.com/fantastico/2017/quem-sou-eu/>. Acesso em: 3 jun. 2017.

A produção de conhecimento sobre sexualidade, o incitar a falar sobre, as perplexidades frente aos discursos exercem poderosos controles, mas também indicam possibilidades de resistências, instigando a pensar os processos de produção das diferenças, a provisoriedade das verdades, o questionamento dos binarismos, da heteronormatividade, da homofobia. (p. 8).

O *Curso Corpo, saúde, sexualidades* desempenhou, então, papel importante na contribuição para que os/as participantes tivessem posturas como a de Rosa. Além disso, esse posicionamento demonstrou, ainda, senso crítico que questiona as interações sociais por essas serem marcadas por relações de poder, em meio as quais “a sexualidade não é elemento mais rígido, mas um dos dotados de maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias”. (FOUCAULT, 2014, p. 112). Diante disso, fica a pergunta: será que são só os indivíduos transgêneros que se questionam (ou deveriam se questionar): Quem sou eu?

3.2.7. Tessitura 7: Clipe *The Arrow* e temática do *Curso Corpo, saúde, sexualidades*

Outra pessoa que estabeleceu uma relação de intermultimedialidade foi Azul, com a seguinte postagem:

Purpurinad@s, infelizmente, por razões de trabalho e faculdade, não consegui participar das discussões fantásticas que eclodiram nesse grupo divo! Antes que o curso acabe, quero sugerir a manutenção desse grupo, a fim de continuarmos nessa troca de energia e experiências!

Oportunamente, compartilho um vídeo de arte, purpurina e tombamento! O vídeo mostra dois homens talentosos que transformam sua história pessoal em uma performance emocionante para enviar uma mensagem poderosa.

Ótima noite a tod@s!



Figura 43 - Intermultimedialidade além das atividades – *The arrow*

Azul apresentou o vídeo *The Arrow* (O Arco)⁶⁸, com uma performance dos bailarinos Francis Perreault e Matthew Richardson, contando o surgimento de uma história de amor entre dois homens. Com música do coletivo artístico britânico *The Irrepressibles*, o vídeo

⁶⁸ Vídeo **Gay Acrobats Create Stunning Visual Art - THE ARROW**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YtnJUS30oIE>. Acesso em: 3 jun. 2017.

tornou-se uma homenagem às 49 vítimas do ataque que aconteceu em 2016, em Orlando (EUA), à boate Pulse⁶⁹, conhecida por seu público LGBTQ+.

Da postagem, destaquei o seguinte trecho: “Oportunamente, compartilho um vídeo de arte, purpurina e tombamento! O vídeo mostra dois homens talentosos que transformam sua história pessoal em uma performance emocionante para enviar uma mensagem poderosa.” Ao utilizar palavras como “arte”, “purpurina”, “tombamento” para se referir ao vídeo, “talentosos” para indicar como são os bailarinos, “emocionante” para caracterizar a performance e “poderosa” como característica da mensagem que clipe quer transmitir, Azul demonstrou a sua opinião e, portanto, deixou marcado o seu posicionamento.

Em relação à intermultimedialidade estabelecida por Azul, entre o vídeo e o curso, ela é interdiscursiva e se assemelha às intertextualidades temática e implícita, já que o clipe aborda um tema que está contemplado no *Curso Corpo, saúde, sexualidades: sexualidades*. E, mais, o curso buscou questionar as relações de poder que permeiam as sexualidades, já que “o poder está disseminado por todas as partes do mundo social, numa trama completa e heterogênea de relações de poder” (RIBEIRO, 2014, p. 25).

Questionar essas relações permite, então,

refletir de que forma tais práticas passam a se constituir como mecanismos que produzem nossas formas de pensar e de agir, problematizando, questionando, interrogando, perturbando essas práticas, entendendo que não nascemos com nossos pensamentos e ações, mas os produzimos a partir das possibilidades que a nossa sociedade e a nossa cultura nos apresentam. (CASTRO, 2012, p. 157).

Utilizando-se da primeira pessoa do plural, o autor supramencionado fez um convite à mudança na forma de ver a realidade e agir diante dela. Uma realidade semelhante a um caldeirão de ideias que reúne: “ideias produzidas a partir do próprio sujeito pesquisador, ideias obtidas a partir do diálogo com outros sujeitos, ideias produzidas a partir de interlocutores teóricos” (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 223). Ideias as quais, justamente por estarem em constante ebulição e processo mudança de estado, permitem-se ser significadas e ressignificadas, como o que busquei realizar ao longo desta pesquisa. E, diante disso, ainda faço mais um questionamento: quais são as tramas que ainda podem ser tecidas a partir de tais (re)significações?

⁶⁹ **Atirador abre fogo em boate gay em Orlando e deixa mortos e feridos.** Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/06/atirador-abre-fogo-dentro-de-boate-e-deixa-feridos-nos-eua.html>. Acesso em: 3 jun. 2017.

3.3. Inscrições versus participação no *Curso Corpo, saúde, sexualidades*

Após a análise de algumas relações de intermultimedialidade estabelecidas pelos/as participantes do *Curso Corpo, saúde, sexualidades*, entendo ser importante discutir a discrepância entre a quantidade de pessoas inscritas no curso e as que, de fato, participaram das atividades. Quando comecei a divulgação do curso, disponibilizei 50 vagas, as quais foram preenchidas no mesmo dia do início da divulgação, conforme descrito no capítulo anterior, tendo sido ampliadas para 70 vagas, que se esgotaram novamente, antes mesmo da nova divulgação. Este fato pode ser compreendido como um indicativo de interesse do público para o qual o curso estava voltado: licenciandas e licenciandos da UFLA.

Contudo, depois de inseridas nos grupos secretos do *Facebook*, apenas 22 pessoas realizaram atividades, mas de modo espaçado, e somente oito pessoas terminaram o curso, tendo feito as atividades de modo satisfatório. Ocorre, então, uma contraposição entre o que era esperado e o que aconteceu na realidade. Essa mesma quebra de expectativa aconteceu com Claudia Almeida Rodrigues Murta (2016), que pesquisou sobre os processos de interação no *Facebook*, em grupos secreto, fechado e público, de docentes e discentes dos cursos de Letras de três universidades brasileiras.

Era esperado que houvesse mais interação nos grupos secreto e fechado, devido à suposta afinidade entre as pessoas participantes. Contudo, o que mais aconteceu foram visualizações e curtidas, em vez de postagens e diálogos, o que levou a pesquisadora à perspectiva de “que os laços estabelecidos nesses grupos são dinâmicos e mudam conforme as interações estabelecidas e as apropriações que os grupos fazem da rede ao longo do tempo. De acordo com as ações e reações dos membros dos grupos, laços de diferentes naturezas podem ser constituídos” (MURTA, 2016, p. 224). Por isso, notar outras realidades semelhantes a minha, levou-me a pensar sobre quais seriam os motivos para a pouca participação.

Assim, levantei hipóteses relacionadas à falta de tempo e ao desinteresse dos/as inscritos/as, sobretudo porque o curso coincidiu com o término do período letivo da UFLA quando, geralmente, os/as alunos/as têm uma carga maior de atividades. E, como o *Curso Corpo, saúde, sexualidades* não era uma atividade obrigatória, acabou sendo relegado a segundo plano. Porém, há que se considerar, ainda, outra possibilidade, que concebo ser a mais pertinente: acostumados/as que estavam/estão com as metodologias tradicionais de ensino, as/os participantes não estavam preparados para conhecer e trabalhar com uma nova metodologia que exige empenho, criatividade e iniciativa das/os participantes.

A meu ver, a pouca participação efetiva não desqualifica a proposta de metodologia do curso, mas, ao contrário, indica que ainda é necessário muito trabalho para mudar os paradigmas atuais ainda arraigados na educação. Esse é, portanto, um indício de que as pesquisas que discutem novos fazeres pedagógicos estão no caminho certo, em busca de novas concepções de ensino, justamente o que tentei apresentar ao longo desta pesquisa.

3.4. Reflexões advindas da Avaliação Diagnóstica

No capítulo anterior, apresentei o questionário *on-line* com 16 perguntas, que criei com a intenção de fazer um diagnóstico sobre o andamento do *Curso Corpo, saúde, sexualidades*, bem como para tentar compreender os motivos da pouca participação, buscando aumentá-la, por meio de uma reformulação das atividades. Ao todo foram 20 participantes que responderam ao questionário, mesmo tendo sido convidadas a participarem as 70 pessoas inscritas, o que já reflete a pouca adesão que se pode notar também com as atividades.

As respostas foram anônimas e das pessoas que responderam, 60% indicaram estar participando das atividades, o que pode ser entendido como indício de que elas teriam mais propriedade para responder sobre o curso, por saberem como ele estava ocorrendo, já que os outros 40% ou só visualizavam as atividades ou nem isso.

O motivo para a não participação foi indicado na segunda pergunta, quando 87,5% das pessoas disseram não participar por falta de tempo e 37,5% por conta de outras atividades, sendo que duas pessoas comentaram a resposta, explicando o motivo da falta de tempo: a coincidência com o término do período letivo da UFLA. Destaco, ainda, que 37,5% responderam não terem gostado do *Facebook* como plataforma de ensino-aprendizagem, dado que coaduna com o fato constatado por Cláudia Murta (2016) para a pouca interação entre os/as participantes. Contudo, ninguém comentou essa resposta, indicando o motivo para não ter gostado do *Facebook* como plataforma, o que me levou a cogitar que seja pela falta de costume com um novo uso para um *site* que foi criado para que as pessoas se conhecessem e compartilhassem experiências (CORREIA; MOREIRA, 2014).

Quando perguntados/as sobre o que poderia melhorar no curso, 40% das respostas indicaram a necessidade de se aumentar o prazo para as respostas e 30%, diminuir a quantidade de atividades. E foi justamente isso que eu fiz, na segunda metade do curso, apesar de tal atitude não ter surtido efeito, conforme já explicado no capítulo segundo. O que é confirmado pela resposta seguinte: 55% das pessoas se consideraram ativas no processo de

construção do curso, enquanto 45% se disseram apenas receptoras ou indiferentes. Ou seja, apesar de metade do grupo se considerar ativo, pouco se empenhou em assumir a nova metodologia proposta; e a outra metade confirmou o despreparo para trabalhar com esse novo paradigma. Mesmo assim, 100% das pessoas consideraram o tema do curso necessário.

No que concerne à organização do curso, 70% das pessoas acharam que o *Facebook* funciona como plataforma de ensino-aprendizagem, do que discordaram 25%, índice que se aproxima da resposta ao motivo da não participação no curso. Além disso, 85% das pessoas se disseram satisfeitas com a coordenação do curso, enquanto 15% estiveram indiferentes, um indício de que o problema não estava na forma como o curso foi conduzido, o que foi corroborado pelos comentários que os/as participantes poderiam fazer como sugestão sobre como a coordenação poderia melhorar. Foram seis respostas que, de modo geral, indicaram sugestões relacionadas ao aumento do tempo e à utilização de outro meio para a comunicação, como o *e-mail* (ferramenta que, entendo, não funciona para a aplicação da metodologia interativa que propus).

Para a pergunta sobre o 1º Encontro Presencial, 60% responderam não terem participado, enquanto os outros 40% disseram ter gostado. E, quando perguntados/as sobre sugestões para o encontro seguinte, obtiveram-se três respostas, as quais discuto: a Resposta 9 sugeriu que, caso houvesse apresentação de grupos, que fosse no início, para possibilitar mais discussões. No 2º Encontro Presencial, as apresentações foram em duplas, tendo sido mais curtas e interativas, conforme descrito no capítulo anterior. A Resposta 10 indicou que o encontro presencial pudesse acontecer na sexta-feira à noite, o que não é possível, tendo em vista ser este um horário destinado para as aulas dos cursos de graduação. Já a Resposta 11 sugeriu: “Todo mundo Transvestido e com Make Drag + Desfile no Palco da Cantina com direito a Fotos!”, o que não pode ser atendido, por esse enfoque não fazer parte da proposta do *Curso Corpo, saúde, sexualidades*.

As três respostas seguintes dialogaram com a totalidade das pessoas que respondeu sobre considerar importante o tema do curso: 85% acharam que o curso estava contribuindo para a formação como futuro/a docente; 95% disseram ter interesse em participar de uma nova edição do curso e 85% gostariam que o curso fosse oferecido como disciplina eletiva. Tais informações são um indicativo de que a proposta do curso é válida e que há necessidade de se discutir a temática. Tanto que, ao serem questionados/as sobre outros temas que poderiam ser discutidos em um curso, as respostas foram: “Corpo e Poder” (Resposta 12);

“Racismo, Liberdade de escolha, Feminismo, Inclusão etc” (Resposta 13); “Apropriação Cultural; A importância do Ser Diferente; kit Acorda Hétero” (Resposta 14).

Na última questão, cuja resposta era opcional, os/as participantes poderiam deixar sugestões, as quais totalizaram quatro e indicaram: que deve haver mais cursos do tipo; que seja oferecido como disciplina eletiva da graduação; que comece com o momento presencial; e que o *Facebook* é uma boa ferramenta, apesar de propiciar distração. Tais propostas confirmam que a realização do curso logrou êxito e permitem vislumbrar novas possibilidades de organização, para futuros momentos de formação.

3.5. Contribuições da Avaliação Final

A compilação das respostas da avaliação final, apresentada no segundo capítulo, é coerente com as indicações advindas da avaliação diagnóstica. Participaram do questionário as pessoas que estiveram no 2º Encontro Presencial, sendo que a identificação era opcional. Assim, foram sete os questionários respondidos, sendo quatro com identificação e três sem. As perguntas foram divididas em dois blocos, em que as/os participantes tiveram que avaliar, em uma escala com “bom”, “regular” e “ruim”, como foi a participação individual e como foi o curso.

A maior parte das pessoas considerou boa a sua participação no curso, sobretudo nos encontros presenciais e quase a totalidade considerou o curso bom. Além disso, elas/eles poderiam fazer comentários, os quais giraram em torno de terem gostado do curso e da liberdade com que puderam se expressar, além de um comentário que indicou a falta de tempo para maior dedicação às atividades. As/os participantes puderam, ainda, dar sugestões, as quais se assemelharam às da avaliação diagnóstica: realizar mais cursos como esse, utilizar *e-mails* para o envio das atividades e integrar a participação no curso com as atividades das aulas de graduação.

Assim como no diagnóstico, que possibilitou a reformulação da segunda metade do curso, mas também confirmou que ele estava no caminho certo, a avaliação final demonstrou-se uma importante ferramenta para registrar as impressões dos/as participantes e contribuir para que sejam oferecidos novos cursos com o formato proposto pelo *Curso Corpo, saúde, sexualidades*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Rizomas, redes, tecidos... De muitos fios foram compostas estas *Tessituras multimidiáticas*, a começar, por *linguagens, tecnologias e sexualidades*, sendo esse apenas o início das muitas pontas que ainda podem ser puxadas a partir das ideias discutidas ao longo desta pesquisa. Os novos são, nesse caso, as discussões pós-estruturalistas, a partir das quais sustentei a minha argumentação e, mais que isso, a forma como compus este texto. Com o objetivo de problematizar o uso de diferentes artefatos multimídias, sob a ótica dos multiletramentos e das relações de intermultimedialidade, que podem ser estabelecidas entre textos, imagens, vídeos, entre outros, busquei criar possibilidades de reflexão sobre as temáticas de relações de gêneros e sexualidades.

As metas para o alcance do objetivo proposto foram instauradas a partir de trocas de ideias, leituras, discussões e ressignificações de conceitos e teorias. Essa discussão começou com uma ressignificação conceitual, a partir da escolha pela expressão *relações de gêneros*, com ambos os termos no plural, para demonstrar que os gêneros estão relacionados a ações e atitudes próprias de cada pessoa. Outro posicionamento que assumi, a partir de diferentes pressupostos teóricos, foi recontextualizar a terminologia *artefatos multimídias* e cunhar, para as relações entre eles estabelecidas, o termo *intermultimedialidade*.

A aplicação de tais relações se tornou, então, a metodologia para o curso de extensão *Corpo, saúde, sexualidades*. Com duração de 40 horas, o curso teve formato híbrido, sendo dividido em dois encontros presenciais (10 horas) e em atividades realizadas virtualmente (30 horas), utilizando, para isso, o *Facebook* como plataforma de ensino-aprendizagem. O curso foi voltado para licenciandas/os da Universidade Federal de Lavras (UFLA) e contou com a inscrição de 70 pessoas, as quais foram divididas em dois grupos: Furta-cor e Purpurina, para a realização de atividades.

Contribuir para a formação docente sobre as temáticas relações de gêneros e sexualidades foi a proposta do curso de extensão, tendo em vista que esses temas ainda não são discutidos com a profundidade necessária, tanto no ensino superior quanto na educação básica. Dessa forma, professoras/es acabam chegando, em sala de aula, com concepções teóricas e conhecimentos sobre metodologias de ensino ainda limitados e não sabem lidar com situações cotidianas que, ao não serem problematizadas na escola, muitas vezes se transformam em casos de discriminação, opressão e violência.

Além disso, com a realização do curso utilizando uma rede social como o *Facebook*, quis demonstrar como as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) podem ser utilizadas na educação, sobremaneira, para se aplicar o ensino híbrido, que busca rever os papéis de alunos/as e professores/as, para que haja mais interação e protagonismo estudantil na organização das aulas.

Com base nessa premissa, o *Curso Corpo, saúde, sexualidades* aconteceu em fevereiro e março de 2017, depois de uma expressiva divulgação: com vídeos e postagens em redes sociais; notícias veiculadas no *site* institucional, nas redes sociais e na Rádio da UFLA; por meio de cartazes distribuídos pela Universidade e com convites às/aos licenciandas/os, nas salas de aula. Tanto pela publicidade quanto por ser um tema que desperta o interesse dos/as alunos/as, as inscrições se esgotaram rapidamente, tendo sido ampliadas de 50 para 70 vagas.

As atividades foram divulgadas, por meio da solicitação para que os/as participantes as realizassem promovendo relações de intermultimedialidade entre diferentes textos, vídeos, músicas, imagens, entre outros, a fim de que o grupo pudesse analisar, discutir e problematizar questões voltadas para as relações de gêneros e sexualidades. Mesmo que, das 70 pessoas, apenas 22 tenham realizado atividades, sendo 8 com participação realmente significativa, as produções advindas do curso geraram um material empírico rico e diversificado.

A participação aquém do esperado demonstrou, ainda, que propostas como a que fiz nesta pesquisa são válidas, significativas e necessárias, justamente para que se busque uma mudança no paradigma atual da educação. Para que novas metodologias sejam utilizadas, é preciso haver, não apenas uma mudança de concepções teóricas, mas atitudes inovadoras de professoras/es e alunas/os, que culminem em autonomia para a busca de novos aprendizados. Cada vez mais diminui o espaço para aulas em que apenas uma pessoa fala, transmitindo informações. O futuro da educação está em processos colaborativos e dialógicos, em que todas as pessoas envolvidas partilham conhecimento.

Pensando nisso, discuto como um texto, um filme, uma entrevista, uma postagem, uma referência filosófica, um gráfico, uma música, uma crônica, uma imagem, uma série, um livro e um clipe se tornaram fios de uma tessitura que demonstrou como foram ricas as discussões promovidas pelo *Curso Corpo, saúde, sexualidades*. Essas tessituras foram problematizadas sob a ótica das teorias pós-críticas e das relações de intertextualidade, diálogo que foi possível graças à análise textual discursiva.

As significações e ressignificações possibilitadas por esse material indicam como um curso de extensão pode contribuir para a formação docente. Fato esse comprovado pela aplicação de uma avaliação diagnóstica, que reformulou a segunda metade do curso, e de uma avaliação final. Ambos os momentos avaliativos reuniram opiniões e informações das/os participantes, indicando serem as relações de gêneros e sexualidades temas que precisam ser discutidos na formação docente. E não apenas aí.

Afinal, se uma educação de qualidade é aquela que procura contribuir para que as pessoas evoluam, isso inclui as discussões sobre como a sociedade se organiza e como os seres humanos interagem. Para tanto, é preciso respeito e diálogo. E isso inclui falar sobre como as relações de gêneros e as sexualidades refletem as subjetividades humanas em todas as suas nuances de cores, formas, sons, sabores, percepções...

O diálogo entre pessoas pode começar pelo diálogo entre artefatos multimídias, cujas leituras, discussões, problematizações e criação de intermultimedialidades se transformam em metodologia que permite discussões críticas e amplas sobre relações de gêneros e sexualidades. E não apenas sobre esses assuntos, mas abarcando qualquer outro tema. Além disso, essa prática pedagógica pode ser utilizada com qualquer faixa etária, de acordo com os objetivos de ensino-aprendizagem que o/a professor/a tenha.

Os fios se tornaram trama e as tramas viraram rede, tecido que evoca o infinito, as múltiplas possibilidades de interligar, aproximar, compartilhar... E isso pode ser feito por meio do *site* www.ded.ufla.br/tessituras, onde disponibilizei esta pesquisa, desejando que esses entrelaçamentos continuem...

Justamente por essa característica de continuidade desta pesquisa, ela não se encerrou na defesa, ocorrida em 13 de julho de 2017, o que me permitiu o acréscimo do que se poderia chamar de um epílogo ao que já fora apresentado. Assim, por sugestão de um dos integrantes da banca, o professor Ronei Ximenes Martins, há que se discutir, ainda, o fato de este trabalho não se restringir apenas a uma dissertação, já que ele reúne: um processo investigativo; a organização de um curso de extensão; a elaboração de um relatório técnico desse curso, descrevendo detalhadamente como ele foi concebido; a análise crítica do material empírico produzido nesse curso, inclusive por meio de uma avaliação diagnóstica que permitiu repensar a sua organização; um *site*, a fim de possibilitar a continuação das discussões propostas pela pesquisa e, também, como uma forma de devolutiva aos participantes; e, ainda, esta pesquisa constitui-se uma articulação com as diferentes formações propostas pelo Programa do

Mestrado Profissional em Educação, tornando-se, portanto, resultado das relações de ensino-aprendizagem dos dois anos de curso.

A partir desses apontamentos, pode-se ressaltar, portanto, a relevância científica e social desta pesquisa, devido à necessidade de se discutir a educação mediada por tecnologias e a formação docente, sobretudo no que se refere às relações de gêneros e sexualidades. Exatamente por isso, foi necessário realizar uma pesquisa exploratória, sem uma hipótese predefinida, fazendo com que os rumos da pesquisa se delineassem na medida em que a pesquisa foi acontecendo, depois de se ir a campo para entender o fenômeno pesquisado.

Dessa feita, mais que apenas um resumo da pesquisa, faz-se necessário problematizar: os limites da investigação; as dificuldades encontradas; as críticas e contribuições da pesquisa e do Mestrado Profissional em Educação para mim; as possíveis contribuições para a área do conhecimento (educação/formação de professores); as possibilidades de aprofundamento da investigação; e a indicação de novas questões de pesquisa a serem desenvolvidas.

A investigação teve como limitadores a quantidade de pessoas que participaram, de fato, do *Curso Corpo, saúde, sexualidades* e os/as participantes não demonstrarem estar preparados/as e dispostos/as a trabalhar com a metodologia ativa proposta. Entendo que, quanto maior a interação entre os/as participantes, mais discussões aconteceriam e mais relações de intermultimedialidade seriam possíveis, as quais, por sua vez, gerariam novas discussões e possibilidades de aprendizagem.

As dificuldades encontradas ao longo da pesquisa foram o curso de extensão ter coincidido com o término do período letivo da UFLA, o que, segundo as/os próprias/os participantes, dificultou a realização das atividades. Junto a isso, o tempo de dois anos do Mestrado, o que impossibilitou que se pudesse organizar uma nova edição do curso de extensão, ou mesmo que o curso fosse realizado de modo mais gradativo. No campo da educação, discutir formação não é algo que se faz de modo rápido, por ser necessário analisar, não um fato, mas um processo.

Tanto a pesquisa quanto o Mestrado contribuíram para a minha formação como pesquisadora e para despertar ainda mais a minha vontade de tentar entender e contribuir para a educação. Além disso, foi significativo poder articular, ao longo da pesquisa, três das cinco áreas de interesse do Programa: *Educação mediada por tecnologias, Linguística Aplicada e Gênero e diversidades na educação* (as outras duas são: *Ciências, cultura e ambiente* e *Teoria crítica e educação*).

Por isso, esta pesquisa pretendeu contribuir para a discussão acerca da necessidade de uma educação que, verdadeiramente, incorpore as tecnologias em suas práticas diárias, seja por meio da utilização de sites, textos virtuais, vídeos, entre outros recursos, por meio do uso das redes sociais, para que haja mais interação, real e virtual, entre alunas/os e professoras/es. Mas que, nem por isso, deixe de ser uma educação mais humana, já que se buscou fornecer elementos que colaborassem para a formação de docentes que saibam fazer uso dessas tecnologias, mas que, antes, consigam discutir a importância do respeito às diversidades. E isso se torna mais viável quando o/a professor/a tem condições de levar para a escola as muitas discussões possíveis sobre as temáticas relações de gêneros e sexualidades.

Como as mudanças são próprias dos seres humanos, essas discussões são inúmeras e provavelmente nunca terão fim, fazendo com que sejam necessárias constantes pesquisas como esta, a qual, justamente por isso, não termina aqui. Esta investigação suscita aprofundamentos que possibilitarão novas questões de pesquisa, como: que outras metodologias ativas podem ser utilizadas para as discussões sobre relações de gêneros e sexualidades? Como a linguagem virtual se diferencia e é utilizada nos processos de ensino-aprendizagem? Que outras discussões podem ser feitas em relação às identidades das/os participantes do curso? Como a autonomia das/os participantes interfere nas metodologias escolhidas? Que outras relações de intertextualidade e interdiscursividade podem ser estabelecidas? Se o *Facebook* não funciona como plataforma de ensino-aprendizagem, que outra ferramenta pode ser utilizada? Ela já existe? Se não existe, o que precisa ter para atender aos propósitos do ensino híbrido?

Cada uma dessas perguntas são fios que poderão trançar novos tecidos, em um mundo de infinitas possibilidades...

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Patricia Vasconcelos. **Internet como fonte de material didático e como meio de ensino de língua estrangeira:** uma investigação baseada na Teoria da Atividade. 2006. 242p. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000380369>. Acesso em: 15 abr. 2017.

BARTON, David; LEE, Carmen. **Linguagem online:** textos e práticas digitais. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. 270 p.

BRAIT, Beth. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 2, n. 8, p.43-66, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bak/v8n2/04.pdf>. Acesso em: 7 abr. 2017.

BRASIL. Universidade Federal de Lavras. **Ementa e conteúdo programático: GDE174 - Educação, Gênero e Sexualidades.** 2016. 2 p. Disponível em: https://sig.ufla.br/modulos/publico/matrizes_curriculares/gerar_ementa.php?cod_disciplina=5182. Acesso em: 19 mar. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução nº 1, de 30 de maio de 2012:** estabelece diretrizes nacionais para a educação em direitos humanos. Brasília: MEC/CNE, 2012. 3 p. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10889-rcp001-12&category_slug=maio-2012-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 7 abr. 2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Volume 10 – Pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília: MEC/SEF, 1997. 110 p. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2017.

BRASIL. Universidade Federal de Lavras. **Matriz Curricular PPGE:** Ementa da disciplina eletiva PED 508 – Materiais Didáticos e Recursos Midiáticos Digitais. s/d a. 3 p. Disponível em: <http://www.pprg.ufla.br/educacao/matriz-curricular-ppge/>. Acesso em: 19 mar. 2017.

BRASIL. Universidade Federal de Lavras. **Ementa e conteúdo programático: GDE 186 – Sexualidades e Infâncias.** s/d b, 1 p. Disponível em: https://sig.ufla.br/modulos/publico/matrizes_curriculares/index.php?cod_matriz_curricular=248&op=abrir. Acesso em: 7 abr. 2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 236 p.

CASTRO, Roney Polato de. Perspectivas da formação docente no enfrentamento ao sexismo e à homofobia. In: RIBEIRO, Cláudia Maria (Org.). **Tecendo gênero e diversidade sexual nos currículos da educação infantil.** Lavras: UFLA, 2012. p. 142-159.

CORREIA, Pedro Miguel Alves Ribeiro; MOREIRA, Maria Faia Rafael. Novas formas de comunicação: história do *Facebook* - Uma história necessariamente breve. **Alceu: Revista do**

Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio, Rio de Janeiro, v. 14, n. 28, p.168-187, jan./jun. 2014. Disponível em: http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu_28_-_168-187.pdf. Acesso em: 20 mar. 2017.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro do. **Cibercultura, juventude e alteridade: aprendendo-ensinando com o outro no Facebook**. Jundiaí: Paco Editorial, 2013. 164 p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. I. São Paulo: Editora 34, 1995. 128 p.

DIAS, Jaciluz; ALMEIDA, Patricia Vasconcelos. Tessituras: relações intertextuais em redações de avaliação seriada. In: SIELP - SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA, 6., 2016, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia: Edufu, 2017. p. 1853 - 1866. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/arquivos/anais_sielp_2016.pdf. Acesso em: 22 abr. 2017. ISSN: 2237-8758.

FERREIRA, Helena Maria; VILLARTA-NEDER, Marco Antônio; VIEIRA, Mauricéia Silva de Paula. Letramento multimodal: múltiplas práticas na construção do sujeito-leitor. In: Rosângela Rodrigues Borges (org). **# sou + Tec: ensino de língua(gem) e literatura**. Campinas, SP: Pontes Editora, 2015, p. 69-86.

FILATRO, Andrea. **Design Instrucional na prática**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2008. 192 p.

FIORIN, José Luiz. Da necessidade da distinção entre texto e discurso. In: BRAIT, Beth; SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília (orgs.). **Texto ou discurso?** São Paulo: Contexto, 2012, p. 145-166.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. São Paulo: Paz e Terra, 2014. 176 p.

JORDÃO, Claudia. Mary Del Priore: O espelho é a nova submissão feminina. **Istoé**, São Paulo, Edição: 10 mar. 2010, n. 2104, s.p., mar. 2010. Disponível em: http://istoe.com.br/54698_O+ESPELHO+E+A+NOVA+SUBMISSAO+FEMININA+/. Acesso em: 3 jun. 2017.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 7. ed. Campinas: Papirus, 2010. 142 p.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008. 166 p.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo. Ed. 34, 1999. 272 p.

LISPECTOR, Clarice. **A Descoberta do Mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. 480 p.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, “o diferente” e o “excêntrico”. In: _____; GOELLNER, Silvana Vilodre; NECKEL, Jane Felipe. **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2016. p. 43-53.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. 184 p.

_____. Pedagogias da sexualidade. In: _____. (org). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 7-34.

_____. **Currículo, gênero e sexualidade**. Porto: Porto, 2000. 110 p.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais no ensino de língua. In: _____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008. p. 146-225.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; GOELLNER, Silvana Vilodre; NECKEL, Jane Felipe. **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2016. p. 11-29.

_____; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. 310 p.

MISKOLCI, Richard. **Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. 80 p.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação: Bauru, SP**, v. 9, n. 2, p. 191-210, 2003. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-73132003000200004>. Acesso em: 3 jun. 2017.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2016. 264 p.

_____. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência & Educação, Bauru**, v. 12, n. 1, p.117-128, abr. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v12n1/08.pdf>. Acesso em: 7 abr. 2017.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2011. 174 p.

MURTA, Cláudia Almeida Rodrigues. **Interações entre professores e alunos em grupos acadêmicos na rede social Facebook: um estudo à luz do paradigma da complexidade**. 2016. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016. 253 p. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/18322/1/InteracoesEntreProfessores.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2017.

OLIVEIRA, Tais Leal de. **Teoria Queer e estigma: a construção de performances homoafetivas em narrativas de histórias de vida**. Tese de Doutorado. Departamento de Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC/RJ, 2006. 397 p.

RIBEIRO, Cláudia Maria. A pequena sereia: Imaginário das águas, gênero e sexualidades de crianças pequenas. In: Constantina Xavier Filha. (Org.). **Sexualidades, Gênero e Infâncias**

no Cinema. Campo Grande: Editora UFMS, 2014, p. 15-27. Disponível em: <http://www.fastore.pt/museu/site/docs/Texto8.pdf>. Acesso em: 13 mai. 2017.

_____. Gênero e sexualidade na formação de educadoras e educadores: navegando pelas artes. In: ANPED SUL - ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 8., 2010, Londrina. **Anais...** . Londrina: UEL, 2010. p. 1 - 12. Disponível em: <http://www.fastore.pt/museu/site/docs/Texto4.pdf>. Acesso em: 13 mai. 2017.

_____. Nas Tendências da Sexualidade e Gênero: heterotopias no currículo. In: SEMINÁRIO CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE: COMPOSIÇÕES E DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO DOCENTE, 2009, Rio Grande. **Anais...** . Rio Grande: Furg, 2009. p. 1 - 14. Disponível em: <http://www.fastore.pt/museu/site/docs/Texto3.pdf>. Acesso em: 13 mai. 2017.

_____. Na produção das heterotopias as possibilidades de problematizar gênero e sexualidade navegando nas ambiguidades das águas. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 7., 2008, Itajaí. **Anais...** . Itajaí: Editora da Univali, 2008. p. 1 - 13. Disponível em: <http://www.fastore.pt/museu/site/docs/Texto1.pdf>. Acesso em: 13 mai. 2017.

_____. **A fala da criança sobre sexualidade humana:** o dito, o explícito e o oculto. Lavras, MG: UFLA, Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996. 136 p.

_____; ALVARENGA, Carolina Faria (Org.). **Borbulhando Enfrentamentos às Violências Sexuais nas Infâncias no Sul de Minas Gerais.** Lavras: F&F, 2016, 364 p.

_____. “Tranca a porta! Não deixa elas saírem” – um contexto para emergir as expressões das crianças sobre gênero e sexualidade. **Textura**, Canoas, n.32, set./dez. 2014, p. 187-207,

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos.** São Paulo: Parábola Editorial, 2015. 150 p.

_____. Diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola, 2012. p. 11-31.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, Carmen Lúcia. **Corpo e história.** 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2006. p. 3-23.

SARAIVA, Francisco Rodrigues dos Santos. **Novíssimo dicionário latino-português.** 12. ed. Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2006. 1297 p.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Aforismos para a sabedoria de vida.** São Paulo: Martins Fontes, 2002. 224 p.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione. O uso das imagens como recurso metodológico. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucey Alves. **Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação.** 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. p. 263-280.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade.** Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995, p. 71-99. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf. Acesso em: 7 abr. 2017.

SILVA, Jane Quintiliano G. Interdiscursividade. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; COSTA VAL, Maria da Graça; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro (orgs.). **Glossário Ceale on-line**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014, s/p. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/interdiscursividade>. Acesso em: 7 abr. 2017.

SILVA, Kelly da. **Currículo e gênero**: a sexualidade na formação docente. Curitiba: Appris, 2015. 250 p.

SILVA, Rodrigo Abrantes da; CAMARGO, Ailton Luiz. A cultura escolar na era digital: o impacto da aceleração tecnológica na relação professor-aluno, no currículo e na organização escolar. In: BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello. **Ensino híbrido**: personalização e tecnologia na educação. São Paulo: Penso, 2015. p. 169-190.

STELLMANN, Renata. **A masculinidade na clínica**. 2007. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Psicologia, Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. 248 p. Disponível em: http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=0510402_07_Indice.html. Acesso em: 1 maio 2017.

SUNAGA, Alexsandro; CARVALHO, Camila Sanches de. As tecnologias digitais no ensino híbrido. In: BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello. **Ensino híbrido**: personalização e tecnologia na educação. São Paulo: Penso, 2015. p. 141-154.

ANEXO A – Ementa da disciplina *Sociologia da Educação*, da graduação da UFLA

Código:	GDE106
Revisão:	1
Emissão:	16/04/2010
Página:	1/2

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO**

EMENTA E CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

CÓDIGO	DENOMINAÇÃO	CR.	CARGA HORÁRIA		
			TEÓRICA	PRÁTICA	TOTAL
GDE106	Sociologia da Educação	3	51	0	51

EMENTA

Relações entre sociedade e educação nos planos macro (a sociedade brasileira) e micro as relações entre educadores e educandos. Cultura, movimentos sociais e educação. Questões étnico-raciais e de gênero, democracia e cidadania.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

Introdução: O conhecimento sociológico na problematização da relação entre educação e sociedade brasileira;
 Item 1. A educação como produção e reprodução das relações sociais;
 Item 2. A sala de aula, a escola construções sociais e culturais, ou o espaço micro como lugar significativo da formação humana ? a Nova Sociologia da Educação;
 Item 3. Os educadores e educandos como sujeitos sócio culturais;
 Item 4. Estrutura social, classes sociais e desigualdade;
 Item 5. Cultura e diversidade cultural brasileira :questões étnico-raciais e de gênero;
 Item 6. Movimentos Sociais e Educação: ideologia, poder e participação na construção da democracia e cidadania;
 Item 7. Saber Popular e Educação Popular;
 Item 8. Educação e mudança social;
 Item 9. Análise de problemas sociais e suas relações com a educação (textos de Jornais e revistas, seleção e discussão de filmes).
 Avaliação: A avaliação do processo ensino-aprendizagem será realizada em distintos momentos do percurso formativo, sempre considerando as necessárias aprendizagens no processo de estudos. Diferentes instrumentos serão usados: elaboração de fichamentos dos textos estudados; resumos críticos de textos trabalhados; realização de seminários; trabalhos em grupos e individuais; avaliações escritas, dentre outros instrumentos avaliativos e sempre conforme as especificidades disciplinares.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

DAMATTA, R. Carnavais, Malandros e Heróis ? para uma sociologia do dilema brasileiro, Rio de Janeiro: Rocco, 1997. 350 p.

DAYRELL, Juarez (org.) Múltiplos olhares sobre a educação e a cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG. 1996.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.184 p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AQUINO, J. G. (org.) Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo : Summus, 1998 .214 p.

- BRANDÃO, C. R. (org). A questão política da educação popular. São Paulo: Brasiliense, 1980.

- CHAUI, M. Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas. São Paulo: Cortez, 2003.

- FREIRE, A. M. A. (org). Pedagogia dos Sonhos Possíveis. São Paulo:UNESP, 2001.

- FREIRE, P. Educação e Mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1981. 79 p.

_____. Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 176 p.

- SILVA, T. T. O que produz e reproduz em educação: ensaios de sociologia da educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. 188 p.

Revistas, jornais e filmes relacionados à temática do conteúdo programático, do interesse dos alunos e da conjuntura da sociedade e da educação no Brasil.

ANEXO B – Ementa da disciplina *Relações de Gênero no Mundo do Trabalho*, da graduação da UFLA

Código:	GAE236
Revisão:	1
Emissão:	16/11/2010
Página:	1/2

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO**

EMENTA E CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

CÓDIGO	DENOMINAÇÃO	CR.	CARGA HORÁRIA		
			TEÓRICA	PRÁTICA	TOTAL
GAE236	Relações de Gênero no Mundo do Trabalho	2	34	0	34

EMENTA

A sociedade contemporânea enfrenta desafios, para os quais a definição rígida de papéis para homens e mulheres não tem dado conta da complexidade social, também expressa em diferentes naturezas organizacionais, seja nos espaços público ou privado, rurais ou urbanos. As estratégias de desenvolvimento nacional cada vez mais consideram a importância de inserção das mulheres no desenvolvimento local, regional e nacional através, entre outras questões, de políticas públicas que abriguem a diversidade de gênero e racial. Diante deste contexto, a disciplina se propõe a oferecer fundamentos teóricos e de prática de investigação sociológica para o estudo e compreensão das diferenças de gênero no mundo do trabalho. O conceito de relações de gênero será apresentado, segundo abordagens diversas. A noção de espaço público e privado focalizando processos de trabalho mercantis e domésticos associados à processos de empoderamento será discutida, considerando a transversalidade entre relações entre gênero/classe/ geração e raça. Exemplos de pesquisa serão apresentados no final da disciplina.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1 CONTEXTUALIZAÇÃO 1.1 História social e participação das mulheres. 1.2 Construção da noção de espaço público e privado. 2 ONDE FICAM AS MULHERES? 2.1 Lugares, palavras e profissões. 2.2 História das mulheres no Brasil. 2.3 Presença em movimentos feministas. 3. CONTRIBUIÇÕES CONTEMPORÂNEAS: RELAÇÕES DE GÊNERO EM CIÊNCIAS HUMANAS. 3.1 Diálogos transdisciplinares e contribuições das ciências humanas. 4 PROCESSOS DE TRABALHO E RELAÇÕES DE GÊNERO NO ESPAÇO RURAL E URBANO. 4.1 Dados censitários sobre a localização das Mulheres no mercado de trabalho. 4.2 Inserção das mulheres negras no mundo do trabalho. 4.3 Espaço rural e processos de trabalho. 5 EXEMPLOS DE PESQUISAS. 5.1 Congresso de sociologia e administração- alguns exemplos. 5.2 Trabalho qualificado e não qualificado ? alguns exemplos de políticas públicas e Possibilidades de associações entre ensino de graduação e pós e atividades de extensão. METODOLOGIA DE ENSINO As aulas serão conduzidas intercalando sessões expositivas e debates através de seminários e oficinas. O processo de avaliação associará atividades individuais e coletivas, contemplando produção de textos, uma prova e seminários.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

DEERE, Carmem; LEÓN, Magdalena. O empoderamento da mulher: direitos à terra e direitos de propriedade na América Latina. Porto Alegre: UFRGS, 02. HIRATA, HELENA. Nova Divisão Sexual do Trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a Sociedade. Boitempo Editorial, São Paulo, 2002.

SOIHET, RACHEL. História, mulheres, gênero: contribuições para um debate. In: AGUIAR, Neuma. Gênero e ciências humanas: desafios às ciências desde a perspectiva das mulheres. Rio de Janeiro: Ed Rosa dos Tempos, 1997, pp. 95-115.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ARAÚJO, C; PICANÇO, F; SCALON, C. (orgs). Novas Conciliações e antigas tensões? Gênero, família e trabalho em perspectiva comparada. Edusc, Bauru, SP, 2007.

AZEREDO, S. Teorizando sobre gênero e relações raciais. Estudos Feministas. Número especial, out., 1994.

BEAUVOIR, SIMONE. O Segundo Sexo. Fatos e Mitos- tradução de Sérgio Millier, - Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1949.

BRUSCHINI, CRISTINA. Fazendo as perguntas certas: como tornar visível a contribuição econômica das mulheres para a sociedade? In: _____. Gênero e trabalho na sociologia latino-americana. São Paulo: Atlas, 1998.

BERNHOFER, RENATO. A feminização das carreiras. In: IOB Comenta. Belo Horizonte: IOB, v. 2. n. 1. Jan/2000.

BOURDIEU, PIERRE. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. 159p.

Brasil. Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. 4º Prêmio

Construindo Igualdade de Gênero ? Redações e Artigos Científicos vencedores ? 2009. Brasília

CAPPELLE, M.C.A.; MELO, M.C.O.L.; BRITO, M.J.M.; BRITO, M.J. Uma análise da dinâmica do poder e das relações de gênero no espaço organizacional. RAE. Volume especial de Estudos Críticos, 2004

COSTA, A. DE O; BRUSCHINI, C; SORJ, B; (orgs). Mercado de Trabalho e Gênero. Ed. FGV, Rio de Janeiro, 2008.

HIRATA, HELENA (org.); et al. Dicionário crítico do feminismo. Editora Unesp, São Paulo, 2009.

IZQUIERDO, M.J. Uso y abuso del concepto de género. In: VILANOVA, M. (Org.). Pensar las diferencias. Barcelona: Universitat de Barcelona/ICD, 1994.

Código:	GAE236
Revisão:	1
Emissão:	16/11/2010
Página:	2/2

LISBOA, T.K. Mulheres migrantes de origem cabocla e seu processo de empoderamento. Gênero, Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero, Niterói, v.2, n.2, p.131-149, 2002.

LOURO, GUACIRA LOPES. Gênero, sexualidade e poder. In: LOURO, G.L. Gênero, sexualidade e educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. p37-56.

NADER, MARIA BEATRIZ. Mulher: do destino biológico ao destino social. Editora Edufes:Vitória, 2001

OLIVEIRA, MARIA DE LOURDES SOUZA. Mulheres na liderança, relações de gênero e empoderamento em assentamentos de reforma agrária: o caso do saco do Rio Preto em Minas Gerais. Rio de Janeiro, UFRRJ, 2006. (Tese de Doutorado)

PERROT, MICHELLE. Os excluídos da história - operários, mulheres, prisioneiros.Ed. Paz e Terra, São Paulo, 2010.

PRIORI, MARY DEL. História das mulheres no Brasil. Unesp e Contexto: São Paulo,2001.

RIBEIRO, MATILDE. Relações Sociais nas Pesquisas e Processos Sociais ? em busca de visibilidade para as mulheres negras. In: A mulher brasileira nos espaços público e privado.Org.Venturi, Gustavo, et al. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo.2004, pp 87:105.

SCOTT, JOAN. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Recife: SOS Corpo, 1989.

SEGNINI, LILIANA R. P. Mulher em tempo novo: mudanças tecnológicas nas relações de trabalho. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1995. (Tese Livre Docência)



ANEXO C – Ementa da disciplina *Educação, Gênero e Sexualidades*, da graduação da UFLA

Código:	GDE174
Revisão:	1
Emissão:	05/02/2016
Página:	1/1

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO**

EMENTA E CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

CÓDIGO	DENOMINAÇÃO	CR.	CARGA HORÁRIA		
			TEÓRICA	PRÁTICA	TOTAL
GDE174	Educação, Gênero e Sexualidades	3	34	17	51

EMENTA

Sexualidade como dispositivo histórico. Gênero como categoria analítica e como constituição identitária. Educação para as sexualidades. Gênero e educação: relações e vivências na prática pedagógica.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

Definido e revisado, a cada semestre, pelo professor responsável pela disciplina.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: A vontade de saber. 12ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

RIBEIRO, Cláudia Maria (Org.). Tecendo gênero e diversidade sexual nos currículos da educação infantil. Lavras: Editora da UFLA, 2012.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CAMARGO, Ana Maria Faccioli de; RIBEIRO, Cláudia. Sexualidade(s) e infância(s): a sexualidade como um tema transversal. São Paulo: Moderna; Campinas, SP: Editora da Universidade de Campinas, 1999.

CESAR, Maria Rita de Assis. A invenção da adolescência no discurso psicopedagógico. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SANTOS, Benedito Rodrigues dos; IPOLITO, Rita. Guia Escolar: identificação de sinais de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes. Seropédica, RJ: EDUR, 2011.

XAVIER FILHA, Constantina (Org.). Sexualidades, Gênero e Diferenças na Educação das Infâncias. Campo Grande: Ed. UFMS, 2012.



ANEXO D – Ementa da disciplina *Sexualidades e Infâncias*, da graduação da UFLA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS	DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
--------------------------------	--------------------------

Profa. Cláudia Maria Ribeiro

I. EMENTA

Análise de temas pertinentes a Sexualidade Humana, por meio de reflexões que se inserem em linguagens culturais, tendo em vista o processo de construção do corpo sexuado, numa perspectiva pós-crítica da cultura. Discussão dessa temática no contexto da educação básica e das práticas pedagógicas relacionadas a educação para a sexualidade nas infâncias.

II. OBJETIVOS

GERAL:

- possibilitar uma reflexão histórica e filosófica sobre a sexualidade da criança, tendo em vista a constituição dos corpos sexuados.

ESPECÍFICO:

- discutir práticas de intervenção na Educação Infantil e séries iniciais da Educação Básica.

III. CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- x Ampliação do conceito de sexualidade;
- x Teorias sexuais infantis;
- x Educação para a sexualidade na infância;
- x Princípios metodológicos da educação para a sexualidade.
- x Visita a Museu em São Paulo

IV. METODOLOGIA

Técnicas participativas - Imagens, fotografias, vídeos

V. AVALIAÇÃO

Processual

VI. BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

CAMARGO, Ana Maria Facioli de e RIBEIRO, Cláudia. *Sexualidade(s) e Infância(s). A sexualidade como tema transversal*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; São Paulo: SP. Editora Vozes, 1999.
 RIBEIRO, Cláudia Maria e SOUZA, Ila Maria Silva de. *Educação Inclusiva: tecendo gênero e diversidade sexual nas redes de proteção*. Lavras, MG: Editora UFLA. 2008.
 RIBEIRO, Cláudia Maria. *Tecendo gênero e diversidade sexual nos currículos da Educação Infantil*. Lavras, MG: Editora UFLA. 2012

VII. BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

JAGSTAIDT, Vèronique. *A sexualidade e a criança*. São Paulo: Editora Manole. 1987.
 LOURO, Gênero, sexualidade e educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
 RIBEIRO, Cláudia Maria. *Educação para a sexualidade nas nuvens: quando há o anúncio das tempestades...* In: XAVIER FILHA, Constantina. (Org.). **Sexualidades, gênero e diferenças na educação das infâncias**. 1a.ed.Campo Grande MS: Editora da UFMS, 2012, v. 01, p. 35-46.
 _____. 'A pequena sereia': Imaginário das águas, gênero e sexualidades de crianças pequenas. In: Constantina Xavier Filha. (Org.). **Sexualidades, Gênero e Infâncias no Cinema**. 01ed.Campo Grande - MS: Editora UFMS, 2014, v. 01, p. 15-27.
 _____. Navegando pelo enigma da sexualidade da criança: "lá onde a polícia dos adultos não adivinha nem alcança". In: XAVIER FILHA. (Org.). **Educação para a sexualidade, para a equidade de gênero e para a diversidade sexual**. E24ed.Campo Grande - MS: Editora UFMS, 2009, v. 01, p. 06-268.

ANEXO E – Ementa da disciplina *Materiais didáticos e recursos midiáticos digitais*, da pós-graduação da UFLA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO COORDENADORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO <i>STRITO SENSU</i>					
DISCIPLINA					
Código	Denominação	Crédito(s) (*)	Carga Horária		
			Teórica	Prática	Total
PED 508	MATERIAIS DIDÁTICOS E RECURSOS MIDIÁTICOS DIGITAIS	3	45	-	45
DEPARTAMENTO			PROFESSOR(ES)		
DED			Ronei Ximenes Martins		

EMENTA: (Síntese do Conteúdo)

Avaliação e produção de recursos didáticos para espaços virtuais de ensino e aprendizagem; Tipos e características; Integração de mídias; Produção de textos e roteiros; Produção de hipertexto; testagem de materiais.

ASSINATURA(S): _____

Aprovado na Assembléia Departamental em

Chefe do Departamento de Educação

Lavras, ___ / ___ / ___

(*) 15 horas/aulas teóricas = 1 crédito
30 horas/aulas práticas = 1 crédito

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

Unidade I:

Tipos e características de Materiais Didáticos. Metodologias empregadas para produção de materiais. Suportes midiáticos e integração/convergência de mídias.

Unidade II:

Design Instrucional (DI). Funções do designer instrucional e organização de equipes multidisciplinares. Modelo de desenvolvimento. Planejamento: identificação de necessidades, definição de objetivos, caracterização do público-alvo, análise dos objetivos educacionais, definição de estratégias de comunicação para orientar a aprendizagem.

Avaliação e testagem de materiais.

Unidade III:

Organização de guias de estudos, produção de textos, roteiros e de atividades de aprendizagem.

Produção de hipertexto. Objetos de aprendizagem. Recursos Audiovisuais.

Ambientes virtuais de aprendizagem.

AVALIAÇÃO

O Processo avaliativo representará a síntese de todos os momentos vivenciados na disciplina.

Critérios:

Participação e contribuição com o grupo (20%)

Seminário de discussão (30%)

Projeto de trabalho aplicado (50%)

BIBLIOGRAFIA

Referências Básicas:

DICK,W., CAREY,L., CAREY,J. The systematic design of instruction. 6 th Edition Allyn & Bacon., 2004

PALLOF, R.M, PRATT, K. The virtual student: a profile and guide to working with online learners. USA:John,Wiley&Sons, 2003.

IVERS, K., BARRON, A. Multimedia Projects in Education. 3th Edition. Westport, CT: Greenwood Publishing Group, 2005.

RODRIGUES, B. Webwriting: Pensando o Texto para a Mídia Digital. São Paulo:Berkeley, 2001

Referências complementares

MOORE, M., KEARSLEY, G. Educação a Distância, uma visão integrada. Trad. Roberto Galman. Ed. Thomson, 2007.

ROCHA,H.V, BARABAUSKAS,M.C.C. Design e avaliação de interfaces humano-computador. Campinas:UNICAMP, 2003.

SARTORI, A. Educação superior a distância: gestão de aprendizagem e da produção de materiais didáticos impressos e on-line. Tubarão: Editora Unisul, 2005.

GAGNE, R.M., WAGER,W.W., GOLAS, K. & KELLER, J.M. Principles of Instrucional Design. 5th Edition. Wadsworth Publishing, 2004.

ANEXO F – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para participação no *Curso Corpo, saúde, sexualidades*



UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS-COEP

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

I - TÍTULO DO TRABALHO EXPERIMENTAL:

Tessituras multimidiáticas: relações de gênero e sexualidades em curso na formação docente

Pesquisadora responsável: Jaciluz Dias

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cláudia Ribeiro / **Coorientadora:** Prof.^a Dr.^a Helena Ferreira

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Lavras (Ufla) / Departamento de Educação (DED)

Telefone para contato: _____ / **E-mail:** _____

Local da coleta de dados: Universidade Federal de Lavras (Ufla)

Prezado(a) Senhor(a):

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa de forma totalmente voluntária da Universidade Federal de Lavras.

Antes de concordar em participar desta pesquisa, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento.

O(a) pesquisador(a) deverá responder a todas as suas dúvidas antes que você decida participar.

Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira.

Você tem o direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade e sem perder os benefícios aos quais tenha direito, não acarretando qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo(a) pesquisador(a).

As informações contidas neste termo visam firmar acordo por escrito, mediante o qual o(a) responsável pelo menor ou o próprio sujeito objeto de pesquisa, autoriza sua participação, com pleno conhecimento da natureza dos procedimentos e riscos a que se submeterá, com capacidade de livre arbítrio e sem qualquer coação. O TCLE deve ser redigido em linguagem acessível ao(à) voluntário(à) de pesquisa.

II - OBJETIVOS

- Problematizar o uso de diferentes artefatos culturais, por meio do multiletramento e da intertextualidade, criando possibilidades de reflexão sobre as temáticas relações de gênero e sexualidades.
- Promover um curso de extensão (*Corpo, saúde e sexualidades*) de 40h (30h a distância – Facebook – e 10h presenciais), para 70 licenciandas/os da Ufla.

III - JUSTIFICATIVA

A pesquisa acontecerá a partir da análise dos materiais produzidos no curso *Corpo, saúde, sexualidades*, o qual será ministrado ao longo de 40h, por Jaciluz Dias e Vinícius de Carvalho, por meio do Facebook. Ao trabalhar com questões ligadas ao entendimento sobre cuidado com saúde e à construção social sobre corpo e sexualidades, o curso tem como objetivo tentar suprir possíveis lacunas existentes na formação de licenciandos/as.

Para tanto, quatro serão os recortes a serem abordados no curso: **a)** O corpo, a saúde e as sexualidades; **b)** As figuras dos masculinos e femininos; **c)** Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e a imagem das sexualidades; e **d)** Campanhas publicitárias sobre aids e o impacto social delas. Além disso, escolheu-se realizar o curso sobre esse tema utilizando uma rede social como o Facebook, pois esse é um recurso novo e que precisa ser explorado, pesquisado e descrito.

IV - PROCEDIMENTOS DO EXPERIMENTO

AMOSTRA

70 licenciandas/os dos cursos de licenciatura da Ufla.

EXAMES

A presente pesquisa será realizada com base na análise e descrição de materiais produzidos em um curso de extensão. Os/as participantes irão se inscrever pelo Sistema Integrado de Gestão (SIG) da Ufla e, em seguida, serão inseridos em um grupo fechado no Facebook para a realização das atividades a distância do curso. Além disso, acontecerão encontros presenciais, para que as questões discutidas virtualmente sejam aprofundadas. O material coletado, tanto por meio das postagens virtuais quanto pelas gravações em áudio e vídeo da parte presencial, constituirão a base desta pesquisa. Dessa forma, o foco



UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS-COEP

da análise serão as relações intertextuais e interdiscursivas que as/os licenciandas/os estabelecem entre textos e discursos e como isso influencia a sua formação docente.

V - RISCOS ESPERADOS

Apesar de as produções analisadas não serem identificadas e os/as participantes do curso assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e o Termo de cessão para utilização de produção textual, imagem e som de voz, a pesquisa apresenta como riscos o incômodo que os/as licenciandos/as participantes do curso podem apresentar ao discutirem um tema conhecido por suscitar muitas discussões e controvérsias. Para minimizar os riscos, todas as postagens, durante as atividades virtuais, e falas, durante os encontros presenciais, serão acompanhadas, de modo a ser evitado o uso de termos chulos ou preconceituosos. E, caso isso aconteça, será motivada uma reflexão acerca do assunto, já que o curso se trata da forma como a sociedade trata as questões de gênero e as sexualidades, bem como o/a participante que praticar tão ato será convidado a se retratar ou, caso não queira, a se retirar do curso.

VI – BENEFÍCIOS

A importância da realização de um curso para licenciandos/as está na necessidade de preencher uma lacuna na formação inicial de futuros professores/as, no que se refere às temáticas das sexualidades.

VII - RETIRADA DO CONSENTIMENTO

O sujeito da pesquisa tem a liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem qualquer prejuízo ao atendimento a que está sendo ou será submetido.

VIII – CRITÉRIOS PARA SUSPENDER OU ENCERRAR A PESQUISA

Apesar de não haver previsão de riscos significativos para os/as participantes da pesquisa, esta será imediatamente suspensa, caso haja a detecção de riscos para os sujeitos. Tal risco será avaliado por meio dos comentários dos/as próprios/as participantes e da solicitação, por parte de quaisquer deles/delas, para que a pesquisa seja suspensa, desde que por motivo plausível relacionado ao risco de dano moral ao/à participante da pesquisa. Além disso, nada impede que algum/a participante deixe de fazer parte desta, caso deseje. Não havendo motivo para interrupção, a pesquisa se encerrará com o término da coleta de dados a serem analisados, nesse caso, com o encerramento do curso *Corpo, saúde e sexualidades*.

IX – CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

PARTICIPANTE MAIOR DE IDADE

Eu _____, certifico que, tendo lido as informações acima e suficientemente esclarecido(a) de todos os itens, estou plenamente de acordo com a realização do experimento. Assim, eu autorizo a execução do trabalho de pesquisa exposto acima.

Lavras, 13 de fevereiro de 2017.

NOME (legível): _____

RG: _____

ASSINATURA: _____

ATENÇÃO: A sua participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária. Em caso de dúvida quanto aos seus direitos, escreva para o Comitê de Ética em Pesquisa em seres humanos da UFLA. Endereço – Campus Universitário da UFLA, Pró-reitoria de pesquisa, COEP, caixa postal 3037. Telefone: 3829-5182.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada com o pesquisador responsável e a outra será fornecida a você.

No caso de qualquer emergência entrar em contato com a pesquisadora responsável do Departamento de Educação – Jaciluz Dias. Telefone de contato: _____ / E-mail: _____

Campus Universitário

Fone 35 3829 5182

E-mail coep@nintec.ufla.br

ANEXO G – Termo de cessão para utilização de produção textual, imagem e som de voz para o Curso *Corpo, saúde, sexualidades*



UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS-COEP

**TERMO DE CESSÃO PARA UTILIZAÇÃO
DE PRODUÇÃO TEXTUAL, IMAGEM E SOM DE VOZ**

Eu,,
profissão, portador(a) da cédula de identidade
RG nº, inscrito(a) no CPF sob o nº, residente e
domiciliado(a) à, nº,
bairro na cidade de, estado de,
autorizo, por este instrumento, em caráter irrevogável e irrevogável, a pesquisadora **Jaciluz Dias**,
mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Lavras
(Ufla), profissão **professora**, portadora da cédula de identidade RG nº, inscrita
no CPF sob o nº, residente e domiciliada à, bairro
....., na cidade de, estado de, a utilizar a
minha produção textual, imagem e som da voz para a pesquisa intitulada **Tessituras
multimidiáticas: relações de gênero e sexualidades em curso na formação docente**,
produzidas durante a realização do curso **Corpo, Saúde, Sexualidades**, na Ufla.

Desde que mantido o sigilo sobre a identidade dos/as participantes, as imagens poderão
ser utilizadas e as produções textuais e o som da voz poderão ser transcritos e utilizados em
relatórios parciais e finais de projetos, em publicações e divulgações acadêmicas, em eventos e
premiações nacionais e internacionais, assim como disponibilizados no banco de dados resultante
da pesquisa e na internet, fazendo-se constarem os devidos créditos.

A pesquisadora e suas professoras orientadora e coorientadora ficam autorizadas a
realizarem a análise, edição e montagem dos textos, fotos, filmagens e áudios, conduzindo as
reproduções que entenderem necessárias, bem como a produzir os respectivos materiais de
comunicação, respeitando sempre os fins aqui estipulados, voltados para a educação.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos de
produção textual, imagem e som de voz.

Lavras, 13 de fevereiro de 2017.

Assinaturas:

Nome:
Telefone: (.....)
E-mail:

Jaciluz Dias
Telefone:
E-mail:

Campus Universitário
Caixa Postal 3037
E-mail coep@nintec.ufla.br
37200-000 Lavras-MG – Brasil

Fone 35 3829 5182
Sítio: http://www.prp.ufla.br/site/?page_id=440

CNPJ: 22.078.679/0001-74

ANEXO H – Parecer Consubstanciado número 1.873.060 - do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFLA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
LAVRAS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Tessituras multimidiáticas: relações de gênero e sexualidades em curso na formação docente

Pesquisador: JACILUZ DIAS FONSECA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 61569216.8.0000.5148

Instituição Proponente: Universidade Federal de Lavras

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.873.060

Apresentação do Projeto:

idem anterior

Objetivo da Pesquisa:

idem anterior

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

alterados conforme solicitado por este Comitê

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A referida pesquisa é de relevante importância para suprir uma lacuna na formação dos licenciandos e licenciandas no que diz respeito ao estudo de gêneros e sexualidade.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresentados conforme solicitados por este Comitê. Autorização da PRG e PRGDP.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências éticas conforme resolução 466/12 do CNS.

Considerações Finais a critério do CEP:

Ao Final do experimento o pesquisador deverá enviar relatório final, indicando ocorrências e efeitos adversos quando houver.

Endereço: Campus Universitário Cx Postal 3037

Bairro: PRP/COEP

CEP: 37.200-000

UF: MG

Município: LAVRAS

Telefone: (35)3829-5182

E-mail: coep@nintec.ufla.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE
LAVRAS**



Continuação do Parecer: 1.873.060

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES BÁSICAS_DO_PROJETO_818921.pdf	08/12/2016 17:20:30		Aceito
Outros	ANEXO_V_PRGDP_Autorizacao_uso_dependencias_UFLA.pdf	08/12/2016 17:20:14	JACILUZ DIAS FONSECA	Aceito
Outros	ANEXO_IV_PRG_Autorizacao_uso_dependencias_UFLA.pdf	08/12/2016 17:19:10	JACILUZ DIAS FONSECA	Aceito
Outros	ANEXO_III_VS_2_Termo_de_cessao_para_utilizacao_de_producao_textual_imagem_e_som_de_voz_COEP_8dez2016.pdf	08/12/2016 17:16:54	JACILUZ DIAS FONSECA	Aceito
Outros	ANEXO_II_VS_2_Comentarios_Eticos_sobre_o_projeto_de_pesquisa_COEP_8dez2016.pdf	08/12/2016 17:15:07	JACILUZ DIAS FONSECA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	ANEXO_I_VS_2_TCLE_Curso_CORPO_SAUDE_e_SEXUALIDADES_COEP_8dez2016.pdf	08/12/2016 17:14:29	JACILUZ DIAS FONSECA	Aceito
Outros	Carta_resposta_ao_PARECER_CONSUBSTANCIADO_CEP_1836767_Jaciluz_Dias_8dez2016.pdf	08/12/2016 17:12:08	JACILUZ DIAS FONSECA	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto_Jaciluz_Assinada.pdf	01/11/2016 10:47:27	JACILUZ DIAS FONSECA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ANEXO_I_Design_Intrucional_Curso_CORPO_SAUDE_e_SEXUALIDADES_COEP.pdf	31/10/2016 21:32:32	JACILUZ DIAS FONSECA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

LAVRAS, 15 de Dezembro de 2016

Assinado por:
Giancarla Aparecida Botelho Santos
(Coordenador)

Endereço: Campus Universitário Cx Postal 3037

Bairro: PRP/COEP

CEP: 37.200-000

UF: MG

Município: LAVRAS

Telefone: (35)3829-5182

E-mail: coep@nintec.ufla.br

ANEXO I – Parecer Consubstanciado número 1.836.767 - do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFLA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
LAVRAS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Tessituras multimidiáticas: relações de gênero e sexualidades em curso na formação docente

Pesquisador: JACILUZ DIAS FONSECA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 61569216.8.0000.5148

Instituição Proponente: Universidade Federal de Lavras

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.836.767

Apresentação do Projeto:

A pesquisa de que trata esse projeto partirá da organização de um curso de extensão, voltado para 50 alunas e alunos em formação dos cursos de licenciaturas da Universidade Federal de Lavras (Ufla). Intitulado Corpo, saúde e sexualidades, o curso terá duração de 30 horas e formato blended, ou seja, com alguns encontros presenciais (8 horas), mas primordialmente a distância (22 horas), o que acontecerá por intermédio da rede social Facebook. O desenvolvimento do curso é parte das atividades realizadas na disciplina Materiais Didáticos e Recursos Midiáticos Digitais, em que, sob orientação do professor doutor Ronei Ximenes Martins, foi desenvolvido, por mim e pelo colega de turma Vinícius de Carvalho, o design instrucional para um curso a distância, como forma de conhecer essa dinâmica de organização pedagógica.

Objetivo da Pesquisa:

Problematizar o uso de diferentes artefatos culturais, por meio da habilidade de multiletramento e das relações de intertextualidade que podem ser estabelecidas entre textos, imagens, vídeos, etc., criando possibilidades de reflexão sobre as temáticas relações de gênero e sexualidades.

Endereço: Campus Universitário Cx Postal 3037

Bairro: PRP/COEP

CEP: 37.200-000

UF: MG

Município: LAVRAS

Telefone: (35)3829-5182

E-mail: coep@nintec.ufla.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS



Continuação do Parecer: 1.836.767

Objetivo secundário

Promover a formação docente, por meio de um curso de extensão de 30h, sendo 22h a distância e 8h presenciais (blended), para 50 licenciandas/os da Universidade Federal de Lavras (Ufla), com as temáticas relações de gênero e sexualidades.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

V - RISCOS ESPERADOS

Apesar de as produções analisadas não serem identificadas e os/as participantes do curso assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Anexo II) e o Termo de cessão para utilização de produção textual, imagem e som de voz (Anexo III), a pesquisa apresenta como riscos o incômodo que os/as licenciandos/as participantes do curso podem apresentar ao discutirem um tema conhecido por suscitar muitas discussões e controvérsias.

O risco é minimizado, tendo em vista a maior parte das discussões acontecerem a distância, por meio de uma rede social, já que, naturalmente, a/o participante se sente menos exposta/o ao escrever do que ao falar pessoalmente. Além disso, será pré-requisito para participar do curso os/as licenciandos/as autorizarem o uso das suas produções, demonstrando ciência de que elas serão analisadas e comporão o corpus deste trabalho.

VI – BENEFÍCIOS

A importância da realização de um curso para licenciandos/as está na necessidade de preencher uma lacuna na formação inicial de futuros professores/as, no que se refere às temáticas das sexualidades.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A presente pesquisa é importante, a temática é muito polêmica e pouco discutida abertamente. O fato de que os encontros presenciais serão gravados comporão um riquíssimo material didático para formação dos futuros docentes da UFLA nesta temática, Corpo, a Saúde e as sexualidades.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados satisfatoriamente.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

1-TCLE muito extenso, linguagem técnica, apresenta informações que se destinam ao

Endereço: Campus Universitário Cx Postal 3037

Bairro: PRP/COEP

UF: MG

Telefone: (35)3829-5182

Município: LAVRAS

CEP: 37.200-000

E-mail: coep@nintec.ufla.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE
LAVRAS**



Continuação do Parecer: 1.836.767

pesquisador. Ex os exames.

2- Comentários éticos: (item 8) o pesquisador deverá se responsabilizar totalmente caso haja danos para o sujeito da pesquisa.

3-Comentários éticos: (item 9) Rever critérios para suspensão ou encerramento da pesquisa.

4-A pesquisadora cita que não há riscos físicos ou danos materiais, porém não menciona nada em relação a danos morais. Visto que, o fato de não estarem face a face, também pode dar margem para comentários ofensivos ou de baixo escalão advindo de pessoa com opinião contrária. Sugiro ao pesquisador considerar esta possibilidade no TCLE e nos Comentários éticos.

5. A pesquisadora deverá apresentar as declarações assinadas dos órgãos responsáveis pelos participantes da pesquisa (PRG, PRGDP).

Considerações Finais a critério do CEP:

A resposta ao parecer consubstanciado do COEP deve conter carta citando as modificações e os locais em que foram realizadas de acordo com as pendências indicadas.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_818921.pdf	01/11/2016 15:44:04		Aceito
Outros	ANEXO_IV_Comentarios_Eticos_sobre_o_projeto_de_pesquisa_COEP.pdf	01/11/2016 15:43:44	JACILUZ DIAS FONSECA	Aceito
Outros	ANEXO_III_Termo_de_cessao_para_utilizacao_de_producao_textual_imagem_e_som_de_voz_COEP.pdf	01/11/2016 15:43:15	JACILUZ DIAS FONSECA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	ANEXO_II_TCLE_Curso_CORPO_SAUDE_e_SEXUALIDADES_COEP.pdf	01/11/2016 15:40:24	JACILUZ DIAS FONSECA	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto_Jaciluz_Assinada.pdf	01/11/2016 10:47:27	JACILUZ DIAS FONSECA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ANEXO_I_Design_Intrucional_Curso_CORPO_SAUDE_e_SEXUALIDADES_COEP.pdf	31/10/2016 21:32:32	JACILUZ DIAS FONSECA	Aceito

Situação do Parecer:

Pendente

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Campus Universitário Cx Postal 3037

Bairro: PRP/COEP

CEP: 37.200-000

UF: MG

Município: LAVRAS

Telefone: (35)3829-5182

E-mail: coep@nintec.ufla.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
LAVRAS



Continuação do Parecer: 1.836.767

LAVRAS, 25 de Novembro de 2016

Assinado por:
Giancarla Aparecida Botelho Santos
(Coordenador)

Endereço: Campus Universitário Cx Postal 3037

Bairro: PRP/COEP

CEP: 37.200-000

UF: MG

Município: LAVRAS

Telefone: (35)3829-5182

E-mail: coep@nintec.ufla.br

ANEXO J - Comprovante de Envio do Projeto para a Plataforma Brasil

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
LAVRAS

**COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: Tessituras multimidiáticas: relações de gênero e sexualidades em curso na formação docente

Pesquisador: JACILUZ DIAS FONSECA

Versão: 1

CAAE: 61569216.8.0000.5148

Instituição Proponente: Universidade Federal de Lavras

DADOS DO COMPROVANTE

Número do Comprovante: 114029/2016

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

Informamos que o projeto Tessituras multimidiáticas: relações de gênero e sexualidades em curso na formação docente que tem como pesquisador responsável JACILUZ DIAS FONSECA, foi recebido para análise ética no CEP Universidade Federal de Lavras em 03/11/2016 às 08:46.

Endereço: Campus Universitário Cx Postal 3037

Bairro: PRP/COEP

UF: MG

Município: LAVRAS

Telefone: (35)3829-5182

CEP: 37.200-000

E-mail: coep@nintec.ufla.br

APÊNDICE A – Primeiro *Design* instrucional do Curso *Corpo, saúde, sexualidades*

**ESCOLA MODELO
ESCOLA FORMULÁRIO DE OFERTA
PROGRAMA TÓPICOS ESPECIAIS EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

Planejamento da Unidade de Curso: CORPO, SAÚDE E SEXUALIDADES

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	() ÁREAS DO CONHECIMENTO ou CBC (X) TEMAS TRANSVERSAIS () GESTÃO EDUCACIONAL () RELAÇÃO FAMÍLIA/ESCOLA/SOCIEDADE () OUTRO Especificar: _____
COORDENADOR(A)	Jaciluz Dias e Vinícius de Carvalho
EMAIL:	jaciluzdias@gmail.com / viniciuscarvalhopp@gmail.com
TELEFONES:	35 9 9963 1986 / 32 9 9131 2837
INSTITUIÇÃO:	Universidade Federal de Lavras - UFLA
MODALIDADE:	() PRESENCIAL (X) BLENDED () A DISTÂNCIA
CARGA HORÁRIA:	(x) 30h
PÚBLICO:	50 docentes em formação dos cursos de licenciatura da UFLA
EMENTA:	O corpo, a saúde e as sexualidades; as figuras dos masculinos e femininos; ISTs e a imagem das sexualidades; campanhas publicitárias sobre aids e o impacto social.
OBJETIVOS:	<ul style="list-style-type: none"> - Entender as relações entre os cuidados com a saúde, as sexualidades e o corpo na sociedade; - Compreender as campanhas de prevenção de DSTs e sua relação com a construção das sexualidades; - Problematizar questões ligadas a masculinidades e feminilidades; - Contribuir para a formação docente de licenciandas/os da Ufla sobre a temática corpo, saúde e sexualidade; - Auxiliar a suprir a lacuna existente nos cursos de licenciatura em relação à abordagem da temática de sexualidades.
BIBLIOGRAFIA: (Sugere-se, para um curso de 30 horas, que as leituras com estudo orientado, não ultrapassem 50 páginas)	<p>OBRIGATÓRIA PARA USO DURANTE O CURSO</p> <ul style="list-style-type: none"> - Música Meninos e Meninas, Legião Urbana. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/legiao-urbana/meninos-e-meninas.html>. Acesso em: 2 jul. 2016. - CADERNO ESCOLA SEM HOMOFOBIA. GALE - Aliança Global Para Educação LGBT / ABGLT Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, 2015. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2015/11/kit-gay-escola-sem-homofobia-mec1.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2016. - Entendendo Ideologia de Gênero em 2 minutos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j7zbS1RYdpg>. Acesso em: 2 jul. 2016. - FERNANDES, Patricia Braga. Análise dos cartazes das campanhas governamentais contra DSTs e AIDS. 2006. 46 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social, Centro Universitário de Brasília - Uniceub, Brasília, 2006. Disponível em: <http://www.repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/1507/2/20267118.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2016. - Vídeo HIV e Aids - E não ia dar em nada Disponível em:

	<p>https://www.youtube.com/watch?v=u0GTjRpUmds Acesso em: 18/07/2016</p> <p>- Vídeo Uma aula com Gabriel Estrela e Jout Jout do Prazer Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XpS0iatoNE8 Acesso em: 18/07/2016</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>- LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997. Disponível em: <http://www.mulheresprogressistas.org/AudioVideo/genero-sexualidade-e-educacao.pdf>. Acesso em: 1 jul. 2016.</p> <p>- SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. Rev. Estud. Fem. vol. 9, n.1, pp. 04-21, 2001.</p> <p>- SANTANNA, Denise Bernuzzi de. Uma história do corpo. In: SOARES, Carmen (org). Pesquisas sobre o corpo: ciências humanas e educação. Campinas, SP: Autores Associados; São Paulo: Fapesp, 2007. p. 67-80.</p> <p>- SANTOS, Luis Henrique Sacchi dos. Gênero e risco de HIV/Aids nas campanhas de educação em saúde através da mídia. 29 Reunião da Anped, GT 23. Disponível em: http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT23-2294--Int.pdf. Acesso em 18/07/2016</p> <p>- SOARES, Thereza Maria Zavarese. Sexualidade e publicidade: estratégias discursivas e suas implicações. Revista Vozes em Diálogo, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p.1-18, dez. 2008. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/vozesemdialogo/article/viewFile/929/861>. Acesso em: 3 jul. 2016.</p> <p>- Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Disponível em: http://www.aids.gov.br/. Acesso em: 30 jul. 2016.</p>
AVALIAÇÃO:	<p>- Participação nos encontros presenciais/virtuais e contribuição na construção do conhecimento, por meio da elaboração de textos e participação em fóruns;</p> <p>- Construção de uma exposição fotográfica, como álbum na rede social utilizada como suporte para o curso. A exposição virtual será relacionada à temática Corpo, Saúde e Sexualidades como forma de avaliar os aprendizados promovidos pelo curso.</p>
INFRA-ESTRUTURA:	Internet; Redes Sociais; Servidor de Vídeo; Blog; Recurso de vídeo conferência; Sala de aula (espaço físico que comporte 50 pessoas); Data Show; Som.
MATERIAL DIDÁTICO	INDICAR O QUE SERÁ POSTADO NA PLATAFORMA MOODLE.
AÇÕES ARTICULADAS EM CONTEXTO	<p>Proposta de atividade final com aplicabilidade do curso no contexto de trabalho do cursista</p> <p>Sugestões/ exemplos: elaborar atividades criativas sobre o conteúdo estudado para serem utilizadas em sala de aula com os alunos; organização de um evento na escola, com justificativa fundamentada; pesquisa com os alunos ou professores da escola, formatada com utilização dos referenciais teóricos, para produção de conhecimento da realidade; elaboração de catálogo de atividades para uso pedagógico, com busca em sites de domínio público, outros.</p>
OBSERVAÇÕES	

UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS
MATRIZ DE DESIGN INSTRUCIONAL

CURSO: CORPO, SAÚDE E SEXUALIDADES

DISCIPLINA/MÓDULO

PROFESSORA E PROFESSOR	ANO LETIVO E PERÍODO	CARGA HORÁRIA		
Jaciluz Dias e Vinícius de Carvalho	2016	30h		
	SEMESTRE	PRESENCIAL Ativ.Avaliaç.	EAD	TOTAL
	2º	8h	22h	30h

OBJETIVOS

- Entender as relações entre os cuidados com a saúde, as sexualidades e o corpo na sociedade;
- Compreender as campanhas de prevenção de DSTs e sua relação com a construção das sexualidades;
- Problematizar questões ligadas a masculinidades e feminilidades;
- Contribuir para a formação docente de licenciandas/os da Ufla sobre a temática corpo, saúde e sexualidade;
- Auxiliar a suprir a lacuna existente nos cursos de licenciatura em relação à abordagem da temática de sexualidades.

EMENTA

O corpo, a saúde e as sexualidades; as figuras dos masculinos e femininos; ISTs e a imagem das sexualidades; campanhas publicitárias sobre aids e o impacto social.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO (ORGANIZAÇÃO DA EMENTA EM UNIDADES)

Unidade	Descrição
1	O corpo, a saúde e as sexualidades
2	As figuras dos masculinos e femininos
3	ISTs e a imagem das sexualidades
4	Campanhas publicitárias sobre aids e o impacto social

PLANEJAMENTO DO CONTEÚDO E DAS ATIVIDADES

Un.	Tópico	CH	Conteúdo	Atividade *	E/P	I/G	Ferramenta**	Produção do/a aluno/a	Critérios Avaliação
1	1		O corpo, a saúde e as sexualidades						
	1.1	2	Historicizando o corpo	Leitura crítica do texto <i>Uma história do corpo</i>	E	I	FB/Arquivos	Leitura crítica	
	1.2	1	Entendendo o conceito de saúde	Busca temática em sites e livros	E	G	FB/Timeline Enunciado (1/grupo - disponibilizar fontes) FB/Comentários Respostas	Pesquisa de fontes e elaboração conceitual	
	1.3	3	As construções culturais das sexualidades humanas	Produção de texto	E	G	FB/Arquivos Orientações para a atividade publicadas em um post e a produção no recurso FB/Doc Compartilhado	Construção coletiva	Contribuições para o texto registradas no histórico da ferramenta
	1.4	4	Relacionando os três eixos conceituais	Exposição oral	P	G	Prezi ou Ppt disponibilizado no FB (Disponibilizar modelo e orientações)	Apresentação de seminário curto	Qualidade da apresentação e articulação das temáticas e da produção no FB
2	2		As figuras dos masculinos e femininos						
	2.1	3	O que é ideologia de gênero?	Vídeo <i>Entendendo Ideologia de Gênero em 2 minutos</i>	E	G	FB/Arquivos Orientações	Construção coletiva	

							para a atividade publicadas em um post e a produção no recurso FB/Doc Compartilhado		
	2.2	2	Discutindo relações de gênero	Leitura do material Escola sem homofobia p. 19-22	E	G	FB/Timeline Enunciado FB/Posts Respostas	Discussão coletiva	
	2.3	1	Lugares sociais de meninos/homens e meninas/mulheres	Discussão inicial a partir da música <i>Meninos e Meninas</i> Legião Urbana	E	G	FB/Bate-papo em grupo geral (Agendar desde o 1º dia da Unid 2)	Troca de ideias com os/as colegas	Qualidade da contribuição para as discussões
	3		ISTs e a imagem das sexualidades						
3	3.1	3	Como a sociedade vê?	Leitura do texto <i>Análise dos cartazes das campanhas governamentais contra ISTs e aids</i> p. 19-35	E	G	FB/Timeline Enunciado (1/grupo - disponibilizar fontes) FB/Comentários Respostas	Discussão coletiva	
	3.2	3	Como você vê?	Pesquisa e análise de propagandas sobre ISTs e aids	E	G	FB/Timeline 1 post produzido por cada grupo com o vídeo da propaganda selecionada por eles e as análises inseridas como comentário	Análise escrita de propagandas atuais sobre ISTs e aids	Qualidade da contribuição para as discussões

4	4		Campanhas publicitárias sobre aids e o impacto social						
	4.1	2	O papel da publicidade nos discursos sobre os saberes	Assistir ao vídeo <i>E não ia dar em nada</i> e pesquisar fontes publicitárias sobre HIV/aids	E	I	FB/Timeline	Pesquisa em sites e publicação da propaganda selecionada na Timeline	
	4.2	2	A construção social da imagem da aids	Leitura do texto <i>Gênero e risco de HIV/aids...</i> e produção de resenha	E	I	FB/Arquivos Orientações para a atividade publicadas em um post e a produção no recurso FB/Doc Compartilhado (Orientação: referência ao vídeo)	Resenha crítica incluindo o vídeo da atividade anterior	
4.3	4	As campanhas contra a aids e a construção da representação social dos/das soropositivos/soropositivas	Assistir ao vídeo <i>Uma Aula</i> e realizar uma Busca temática e exposição oral	P	G	Prezi ou Ppt disponibilizado no FB (Disponibilizar modelo e orientações)	Apresentação de seminário curto	Qualidade da apresentação e articulação das temáticas e da produção no FB	

* Duas naturezas leitura de conteúdo e/ou assistir a vídeo-aula - de aprendizagem (realização de tarefas, participação em fórum, resposta a questionários, resolução de problemas, etc)

** ver relação de ferramentas disponíveis no final do arquivo

CH horas estimadas para execução

E/P E EaD ou P Presencial

I/G Individual ou em Grupo

APÊNDICE B - Roteiro do vídeo de divulgação do *Curso Corpo, saúde, sexualidades*

Roteiro Vídeo-Aula

Mestrado Profissional em Educação
Ronei Ximenes Martins
Disciplina: PED508 - Materiais Didáticos e Recursos Midiáticos Digitais
Título do vídeo: Apresentação da disciplina
Coords.: Jaciluz e Vinicius

	Assunto abordado	Efeito (imagem/vídeo/música)
	Abertura	Vídeo institucional (UFLA OU CEAD)
Professor/Tutor		
	Ei, você! Você mesmo! Você é estudante de licenciatura da UFLA? Tá sabendo do curso?	
	Não. Que curso?	Inserção tela sobreposta PB
	O curso <i>Corpo, Saúde e Sexualidades</i> , voltado para estudantes de licenciaturas da UFLA. E vai ser diferente. vamos utilizar o Facebook como suporte didático.	
	Como assim? Uma rede social?	Inserção tela sobreposta PB
	Sim. E fica esperta! Porque são só 50 vagas oferecidas. Quer saber mais, se liga nesse vídeo.	
		Imagem ilustrativa
Vini: O tema e sua relevância	Para compreender o corpo e suas relações em sociedade é necessário que entendamos, também, como a sexualidade perpassa esse corpo e faz parte de sua história tanto social, quanto política e cultural. A saúde, é entendida no curso como um complexo de relações que vai além da ausência de doenças. É uma característica que interfere nas formas de atuação e representação do corpo em sociedade. Nosso objetivo no curso é preencher lacunas existentes na formação do professor e contribuir para o melhor entendimento das relações existentes entre esses três conceitos e como funcionam na negociação das identidades sexuais e suas representações no âmbito da saúde corporal, mais especificamente sobre as ISTs e o HIV/aids.	
	IST? Que que é isso?	Inserção tela sobreposta PB
	IST são Infecções Sexualmente Transmissíveis. Antes, eram chamadas de DSTs, mas esse termo caiu em desuso, pois sabemos que não é preciso ter uma doença para transmitir uma infecção.	
	Como assim? Me dá um exemplo?	Inserção tela sobreposta PB
	HIV e aids, por exemplo. Ter HIV é portar o vírus, que, sem cuidados, pode vir a se tornar uma infecção que, agravada, gera a doença chamada aids.	
	E como vai funcionar o curso?	Inserção tela sobreposta PB
Jaci: A organização das atividades no tempo	As atividades deste curso serão organizadas em 30 horas, divididas entre encontros presenciais e participações a distância. Vamos começar falando sobre <i>O corpo, a saúde e as sexualidades</i> , com atividades desenvolvidas em 10 horas. Nas próximas 6 horas, trataremos das <i>figuras dos masculinos e femininos</i> para, em seguida, vamos falar sobre <i>ISTs e a imagem das sexualidades</i> , com	Projetar os tópicos principais de cada unidade com a CH e indicação E ou P.

	atividades, também em 6 horas. E, para finalizar, nas últimas 8 horas teremos atividades que tratam de <i>Campanhas publicitárias sobre aids e o impacto social</i> .	
	Quero participar!	Inserção tela sobreposta PB
Vini: Como o estudante deve se organizar e o que deve fazer para participar do curso	Para participar, você precisa de um computador com acesso à internet e de ter	
	Ou criar!	Inserção tela sobreposta PB
	uma conta no Facebook.	
	E, claro, tempo e dedicação para participar das atividades. Isso é o mais importante!	Inserção tela sobreposta PB
	As inscrições podem ser feitas no SIG da UFLA, até o dia	
	DIA!!! (<i>Ver a data</i>)	A data aparece na lateral da tela
	Vai ter avaliação?	Inserção tela sobreposta PB
Jaci: Como será a avaliação e os detalhes da elaboração do projeto final	Sin, será por meio de sua participação nos encontros presenciais e virtuais, bem como pelas contribuições na construção do conhecimento com a elaboração de textos e participação nas atividades. A conclusão se dará com uma exposição fotográfica virtual relacionada à temática do curso.	
	Tá na dúvida? Olha quem já se inscreveu:	Inserção tela sobreposta PB
		Imagens de memes do Facebook com Inês Brasil, Gretchen, Nicole Balls, Nick Minage, Leona, Madonna, Marilyn, Cher, Rosana, Sula Miranda, Roberta Miranda

APÊNDICE C – Design instrucional final do Curso *Corpo, saúde, sexualidades*



Design Instrucional do Curso de Extensão:
CORPO, SAÚDE, SEXUALIDADES

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	<input type="checkbox"/> Áreas do Conhecimento ou CBC <input checked="" type="checkbox"/> Temas Transversais <input type="checkbox"/> Gestão Educacional <input type="checkbox"/> Relação Família/Escola/Sociedade <input type="checkbox"/> Outro Especificar: _____
COORDENAÇÃO	Jaciluz Dias e Vinícius de Carvalho
EMAIL	csscurso@gmail.com
TELEFONES	35 9 9963 1986 / 32 9 9131 2837
INSTITUIÇÃO	Universidade Federal de Lavras (Ufla)
MODALIDADE	<input type="checkbox"/> Presencial <input checked="" type="checkbox"/> Híbrido/Blended <input type="checkbox"/> A Distância
CARGA HORÁRIA	<input checked="" type="checkbox"/> 40h
PÚBLICO	70 licenciandas/os em formação dos cursos de licenciatura da Ufla
EMENTA	O corpo, a saúde e as sexualidades; as figuras dos masculinos e femininos; Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e a imagem das sexualidades; campanhas publicitárias sobre aids e o impacto social delas.
OBJETIVOS	<ul style="list-style-type: none"> - Intervir no entendimento das relações entre os cuidados com a saúde, as sexualidades e o corpo na sociedade; - Possibilitar a análise de campanhas de prevenção de IST's e sua relação com a construção das sexualidades; - Discutir sobre as vozes enunciativas presentes nas campanhas: quem fala, com quem fala, como fala, com qual intenção fala, etc.; - Problematizar questões ligadas a masculinidades e feminilidades; - Contribuir para a formação docente de licenciandas/os da Ufla sobre a temática <i>Corpo, saúde, sexualidades</i>; - Aprofundar as discussões sobre relações de gênero e sexualidades existentes nos cursos de licenciatura em relação à abordagem desse tema.
BIBLIOGRAFIA	<p>OBRIGATÓRIA PARA USO DURANTE O CURSO DE EXTENSÃO</p> <p>SEMANA 1</p> <ul style="list-style-type: none"> - SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, Carmen Lúcia. Corpo e história. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2006. p. 3-23. <p>SEMANA 2</p> <ul style="list-style-type: none"> - Vídeo Entendendo Ideologia de Gênero em 2 minutos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=j7zbS1RYdpg. Acesso em: 2 jul. 2016. - ABGLT - Associação Brasileira de Gays, Lésbicas Travestis e Transexuais. Caderno Escola Sem Homofobia. 2015. Disponível em: http://acervo.novaescola.org.br/pdf/kit-gay-escola-sem-homofobia-mec.pdf. Acesso em: 2 jul. 2016. - Música Meninos e Meninas, Legião Urbana. Disponível em: https://www.vagalume.com.br/legiao-urbana/meninos-e-meninas.html. Acesso em: 2 jul. 2016.



	<p>SEMANA 3</p> <p>- FERNANDES, Patricia Braga. Análise dos cartazes das campanhas governamentais contra DSTs e AIDS. 2006. 46 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social, Centro Universitário de Brasília - Uniceub, Brasília, 2006. Disponível em: http://www.repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/1507/2/20267118.pdf. Acesso em: 2 jul. 2016.</p> <p>SEMANA 4</p> <p>- Vídeo HIV e Aids - E não ia dar em nada. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=u0GTjRpUmds. Acesso em: 18 jul. 2016.</p> <p>- SANTOS, Luis Henrique Sacchi dos. Gênero e risco de HIV/Aids nas campanhas de educação em saúde através da mídia. 29ª Reunião da Anped, GT 23. Disponível em: http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT23-2294--Int.pdf. Acesso em 18 jul. 2016.</p> <p>- Vídeo Uma aula, com Gabriel Estrela e Jout Jout do Prazer. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XpS0iatoNE8. Acesso em: 18 jul. 2016.</p>
	<p>COMPLEMENTAR</p> <p>- LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997. Disponível em: http://www.mulheresprogressistas.org/AudioVideo/genero-sexualidade-e-educacao.pdf. Acesso em: 1 jul. 2016.</p> <p>- SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. Rev. Estud. Fem. vol. 9, n.1, pp. 04-21, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n1/8601.pdf. Acesso em: 1 jul. 2016.</p> <p>- SOARES, Thereza Maria Zavarese. Sexualidade e publicidade: estratégias discursivas e suas implicações. Revista Vozes em Diálogo, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p.1-18, dez. 2008. Disponível em: http://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/vozesemdialogo/article/viewFile/929/861. Acesso em: 3 jul. 2016.</p> <p>- Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Disponível em: http://www.aids.gov.br/. Acesso em: 30 jul. 2016.</p>
AValiação	<p>- Participação nos encontros presenciais/virtuais e contribuição na construção do conhecimento, por meio da elaboração de textos e participação nas postagens;</p> <p>- Construção de uma exposição fotográfica, como álbum no Facebook. A exposição virtual será relacionada à temática <i>Corpo, saúde, sexualidades</i>, como forma de avaliar os aprendizados promovidos pelo curso.</p>
INFRAESTRUTURA	<p>Internet; redes sociais; servidor de vídeo; blog; recurso de vídeo conferência; sala de aula (espaço físico que comporte 70 pessoas); datashow; aparelho de som.</p>



UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS
MATRIZ DE DESIGN INSTRUCIONAL

CURSO DE EXTENSÃO: Corpo, Saúde, Sexualidades

PROFESSORA E PROFESSOR	ANO LETIVO E PERÍODO	CARGA HORÁRIA		
Jaciluz Dias e Vinícius de Carvalho	2016	40h		
	SEMESTRE	PRESENCIAL	EAD	TOTAL
	2º	10h	30h	40h

OBJETIVOS

- Intervir no entendimento das relações entre os cuidados com a saúde, as sexualidades e o corpo na sociedade;
- Possibilitar a análise de campanhas de prevenção de IST's e sua relação com a construção das sexualidades;
- Discutir sobre as vozes enunciativas presentes nas campanhas: quem fala, com quem fala, como fala, com qual intenção fala, etc.;
- Problematizar questões ligadas a masculinidades e feminilidades;
- Contribuir para a formação docente de licenciandas/os da Ufla sobre a temática *Corpo, saúde, sexualidades*;
- Aprofundar as discussões sobre relações de gênero e sexualidades existentes nos cursos de licenciatura em relação à abordagem desse tema.

EMENTA

O corpo, a saúde e as sexualidades; as figuras dos masculinos e femininos; Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e a imagem das sexualidades; campanhas publicitárias sobre aids e o impacto social delas.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

Unidade	Descrição
1	O corpo, a saúde e as sexualidades
2	As figuras dos masculinos e femininos
3	ISTs e a imagem das sexualidades
4	Campanhas publicitárias sobre aids e o impacto social delas



PLANEJAMENTO DO CONTEÚDO E DAS ATIVIDADES

Período de divulgação: 30 jan. a 12 fev. 2017

Período de inscrições no SIG: 31 jan. a 12 fev. 2017

Período do curso de extensão: 13 fev. a 25 mar. 2017 (Exceto Carnaval / Encontros presenciais: 4 e 25 mar.)

Encontros presenciais: 4 e 25 mar. 2017, das 8h às 13h, no Anfiteatro do Departamento de Ciências Humanas (DCH/UFLA)

Un	Data Postagem Atividade	Data Realizaç. Atividade	Resp. Post.	Tópico	CH 40h	Conteúdo	Atividade	E/P	I/G	Ferramenta	Produção do/a aluno/a	Crerios Avaliaçao
1				1		O corpo, a saúde e as sexualidades						
	13 fev. (Todas para o GFC)	15 fev.		1.1	3	Historicizando o corpo	Leitura crítica do texto <i>É possível realizar uma história do corpo?</i>	E	I	FB/Arquivos	Leitura crítica	
	15 fev.	17 fev.		1.2	2	Entendendo o conceito de saúde	Busca temática em sites e livros	E	G	FB/Timeline – Enunciado (1/grupo - disponibilizar fontes) FB/Comentários – Respostas	Pesquisa de fontes e elaboração conceitual	
	17 fev.	22 fev. (Todas para o GFC)		1.3	3	As construções culturais das sexualidades humanas	Produção de texto	E	G	FB/Arquivos e FB/Doc Compartilhado (Orientações para a atividade – publicadas em um post e a produção no recurso FB/Doc Compartilhado)	Construção coletiva	Contribuições para o texto registradas no histórico da ferramenta
	22 fev.	4 mar. Encontro Presencial		1.4	5	Relacionando os três eixos conceituais	Exposição oral	P	G	Prezi ou Ppt disponibilizado no FB (Disponibilizar modelo e orientações)	Apresentação de seminário curto	Qualidade da apresentação e articulação das temáticas e da produção no FB
2				2		As figuras dos masculinos e femininos						
	6 mar. (Todas para o GFC)	8 mar.		2.1	3	O que é ideologia de gênero?	Vídeo <i>Entendendo Ideologia de Gênero em 2</i>	E	G	FB/Arquivos e FB/Doc Compartilhado (Orientações para a atividade – publicadas	Construção coletiva	



						minutos				em um post e a produção no recurso FB/Doc Compartilhado)			
	8 mar.	10 mar.	2.2	3	Discutindo relações de gênero	Leitura do material <i>Escola sem homofobia</i> – p. 19-46	E	G	FB/Timeline – Enunciado FB/Posts – Respostas	Discussão coletiva			
	10 mar.	13 mar.	2.3	2	Lugares sociais de meninos/homens e meninas/mulheres	Discussão inicial a partir da música <i>Meninos e Meninas</i> – Legião Urbana	E	G	FB/Bate-papo em grupo geral (Agendar desde o 1º dia da Unid 2)	Troca de ideias com os/as colegas	Qualidade da contribuição para as discussões		
			3	ISTs e a imagem das sexualidades									
3	13 mar. (Todas para o GFC)	15 mar.	3.1	4	Como a sociedade vê?	Leitura do texto <i>Análise dos cartazes das campanhas governamentais contra ISTs e aids</i> – p. 19-35	E	G	FB/Timeline – Enunciado (1/grupo - disponibilizar fontes) FB/Comentários – Respostas	Discussão coletiva			
	15 mar.	17 mar.	3.2	4	Como você vê?	Pesquisa e análise de propagandas sobre ISTs e aids	E	G	FB/Timeline – 1 post produzido por cada grupo com o vídeo da propaganda selecionada e as análises inseridas como comentário	Análise escrita de propagandas atuais sobre ISTs e aids	Qualidade da contribuição para as discussões		
			4	Campanhas publicitárias sobre aids e o impacto social delas									
4	17 mar. (Todas para o GFC)	20 mar.	4.1	3	O papel da publicidade nos discursos sobre os saberes	Vídeo <i>E não ia dar em nada</i> e pesquisa em fontes publicitárias sobre HIV/aids	E	I	FB/Timeline	Pesquisa em sites e publicação da propaganda selecionada na Timeline			
	20 mar.	22 mar. (Todas para o GFC)	4.2	3	A construção social da imagem da aids	Leitura do texto <i>Gênero e risco de HIV/aids...</i> e produção de	E	I	FB/Arquivos e FB/Doc Compartilhado (Orientações para a atividade – publicadas	Resenha crítica incluindo o vídeo da atividade anterior			



							resenha			em um post e a produção no recurso FB/Doc Compartilhado) (Orientação: referência ao vídeo)		
	20 mar.	25 mar. Encontro Presencial		4.3	5	As campanhas contra a aids e a construção da representação social dos/das soropositivos/soropositivas	Vídeo <i>Uma aula</i> , com Gabriel Estrela e Jout Jout do Prazer, e realização de uma Busca temática e exposição oral	P	G	Prezi ou Ppt disponibilizado no FB (Disponibilizar modelo e orientações)	Apresentação de seminário curto	Qualidade da apresentação e articulação das temáticas e da produção no FB

Legenda:

CH – Horas estimadas para execução

E/P – E – EAD / P – Presencial

I/G – Individual / em Grupo

APÊNDICE D – Tutorial ferramentas Facebook, para o Curso Corpo, saúde, sexualidades

CURSO DE EXTENSÃO

**CORPO, SAÚDE,
SEXUALIDADES**

**TUTORIAL
FERRAMENTAS
FACEBOOK**



**CoReo, SAÚDE,
SEXUALIDADES**

SUMÁRIO

1 - Acesso ao Facebook	3
2 - Acesso ao grupo	3
3 - Ferramentas/Funcionalidades	4
3.1 - Publicação na linha do tempo (FB/Timeline e FB/Comentários-Respostas)	4
3.2 - Publicação de arquivos (FB/Arquivos)	5
3.3 - Revisão de documentos (FB/Doc compartilhado)	6
3.4 - Troca de mensagens (FB/Bate-papo)	8
4 - Outras ferramentas do curso	8
5 - Dúvidas?	8

CoRPO, SAÚDE, SEXUALIDADES

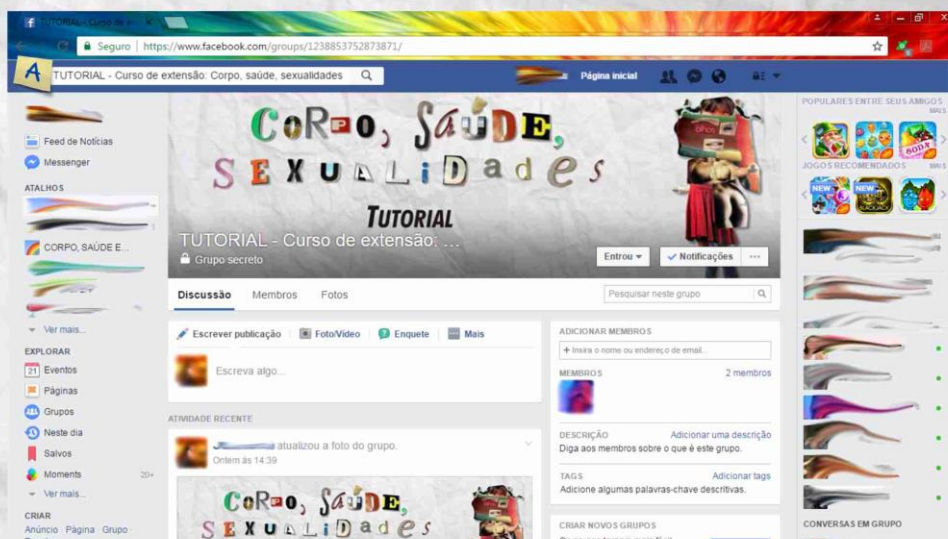
1 - ACESSO AO FACEBOOK

- A - Acesse o site www.facebook.com
- B - Preencha os itens login e senha, para entrar.
- C - Caso não tenha uma conta, crie uma, acessando o painel **Abra uma conta**.



2 - ACESSO AO GRUPO

- A - Localize o grupo em que você foi inserido para realizar as atividades.
(O modelo a seguir é só um exemplo. Os nomes dos grupos serão indicados conforme o/a participante for incluído).



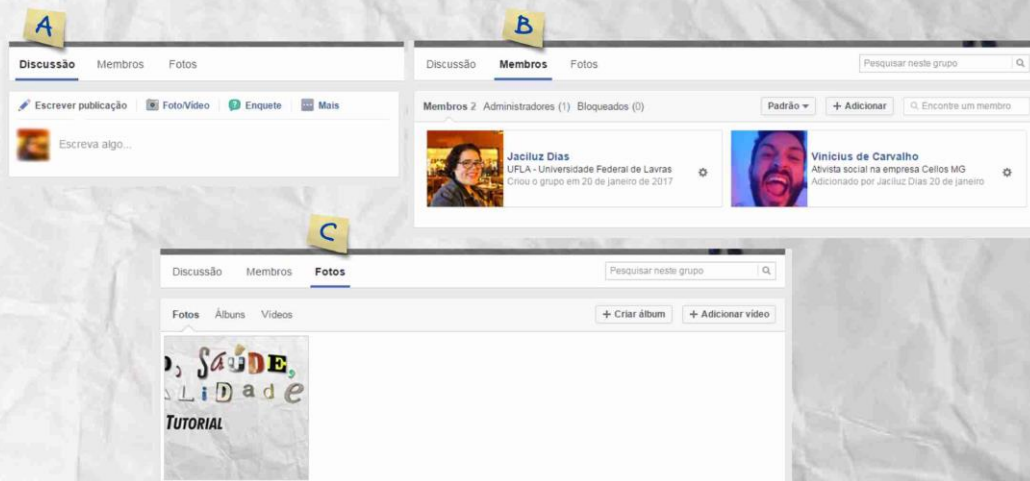
CoReo, SAÚDE, SEXUALIDADES

3 - FERRAMENTAS/FUNCIONALIDADES

A - Discussão: publicações das pessoas que participam do grupo.

B - Membros: perfis das pessoas que participam do grupo.

A - Fotos: imagens e vídeos postadas no grupo.



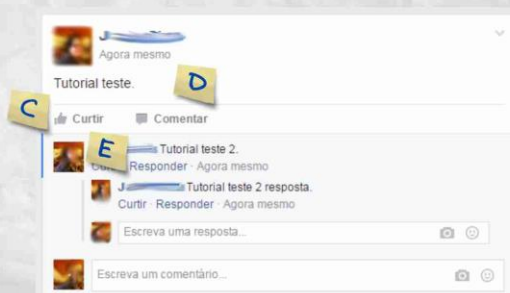
3.1 - Publicação na linha do tempo (FB/Timeline e FB/Comentários-Respostas)

A - Qualquer participante do grupo pode realizar publicações (**B**) na linha do tempo, com textos, fotos/vídeos, enquetes, etc., desde que respeitadas as instruções das atividades e mantidos o respeito e a cordialidade.



As postagens podem ser: **C** - Curtidas / **D** - Comentadas / **E** - Respondidas

*Essas funcionalidades poderão ser utilizadas nas ferramentas **FB/Timeline** e **FB/Comentários – Respostas**.



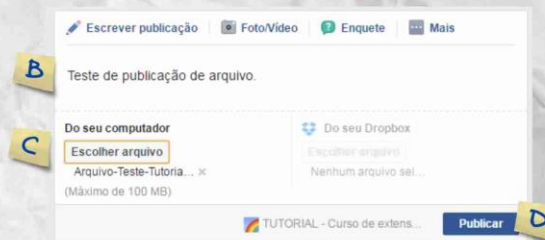
3 - FERRAMENTAS/FUNCIONALIDADES

3.2 - Publicação de arquivos (FB/Arquivos)

A - Na função **Mais**, clique em **Adicionar arquivo**.



B - Crie uma legenda e adicione o arquivo (C), cujo formato seguirá as instruções da atividade, e publique (D).



Os arquivos podem ser: **E** - Baixados / **F** - Revisados / **G** - Curtidos / **H** - Comentados



F
Observação sobre Carregar revisão (F):

* Essas funcionalidades poderão ser utilizadas nas ferramentas: **FB/Arquivos e FB/Doc compartilhado**. Em ambas as situações os arquivos poderão ser revisados (F).

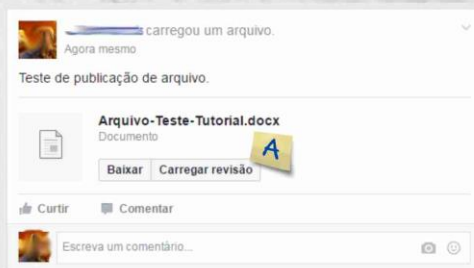
- **FB/Arquivos:** nas atividades cuja ferramenta for **FB/Arquivos**, a revisão será feita apenas pela coordenação do curso, a fim de dar *feedback* aos/às participantes.

- **FB/Doc compartilhado:** nas atividades cuja ferramenta for **FB/Doc compartilhado**, a revisão será feita pelo grupo (todo ou dividido em subgrupos, conforme instruções da atividade), a fim de que seja criado um texto coletivo. Essa funcionalidade está descrita no próximo item.

3 - FERRAMENTAS/FUNCIONALIDADES

3.3 - Revisão de documentos (FB/Doc compartilhado)

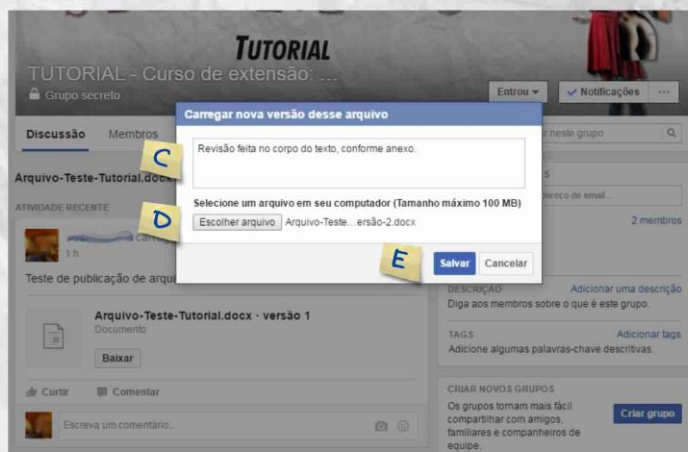
A - Clique em **Carregar revisão**:



B - Clique em **Carregar nova versão**:



C - Descreva sucintamente a revisão, adicione o arquivo (D) e salve (E).



* Para facilitar a organização, os arquivos deverão ser nomeados da seguinte forma:

Nome-do-arquivo-original-REVISÃO-(nome do/a revisor/a)-DATA ABREVIADA(ex: 29fev2017)

CoRo, SaúDE, SEXUALIDADES

3 - FERRAMENTAS/FUNCIONALIDADES

3.4 - Troca de mensagens (FB/Bate-papo)

Nas atividades em que forem necessárias discussões em grupo ou mesmo para que os/as participantes conversem entre si ou com a coordenação, poderá ser utilizada a ferramenta de envio de mensagens (A):



4 - OUTRAS FERRAMENTAS DO CURSO

Outras ferramentas serão utilizadas ao longo do curso, como apresentações em PowerPoint e Prezi. Para tanto, na descrição das atividades serão sugeridos outros tutoriais, disponíveis na internet.

5 - DÚVIDAS?



<https://www.facebook.com/jaciluz.dias>



<https://www.facebook.com/vishwajitamahayana>

[csscurso@gmail.com](mailto:csscuro@gmail.com)

APÊNDICE E – Atividades Curso *Corpo, saúde, sexualidades* - Versão original – 13 de fevereiro de 2017



Atividades Curso *Corpo, saúde, sexualidades*
Versão original – 13 de fevereiro de 2017

Un	Início	Fim	Tóp	CH	Conteúdo	Atividade	Ferramenta	Produção do/a aluno/a	Crterios Avaliao	Descrio da atividade
1			1	13	O corpo, a saude e as sexualidades					
	13 fev. (Todas para o GFC)	15 fev.	1.1	3	Historicizando o corpo	Leitura crtica do texto <i>É possvel realizar uma histria do corpo?</i>	FB/Arquivos	Leitura crtica		<p>Atividade 1.1 GFC: Incio: 13 fev. / Final: 22 fev. GPR: Incio: 13 fev. / Final: 15 fev. Realize a leitura crtica do texto <i>É possvel realizar uma histria do corpo?</i>, de Denise Sant'Anna, disponvel nos Arquivos. Para tanto, voc precisa: - Ler o texto, destacando as principais ideias tratadas; - Pesquisar termos, expresses, personalidades, fatos, etc. que voc desconhece. Em seguida produza um texto pequeno (3 pargrafos) em que voc apresente um resumo e as suas impresses do texto (algo: de que mais gostou/nho gostou; com o que concorda/nho concorda; por que?). Depois de produzir o seu texto, voc dever ler o texto de um/a outro/a participante, para uma atividade que realizaremos no encontro presencial. Dvidas? Comente esta postagem e ns responderemos...</p>
	15 fev.	17 fev.	1.2	2	Entendendo o conceito de saude	Busca temtica em sites e livros	FB/Timeline – Enunciado (1/grupo - disponibilizar fontes) FB/Comentrios – Respostas	Pesquisa de fontes e elaborao conceitual		<p>ATIVIDADE 1.2 GFC: Incio: 13 fev. / Final: 22 fev. GPR: Incio: 15 fev. / Final: 17 fev. Faa uma pesquisa na internet e/ou na biblioteca, em livros, artigos, revistas cientficas e elabore um conceito para SAUDE. Ele pode ter um viés histrico, etimolgico, vanguardista, desde que seja o seu. No vale copiar! Em seguida, comente as postagens dos/as seus/suas colegas.</p>



									Dúvidas? Comente esta postagem e nós responderemos...
17 fev.	22 fev. (Todas para o GFC)	1.3	3	As construções culturais das sexualidades humanas	Produção de texto	FB/Arquivos e FB/Doc Compartilhado (Orientações para a atividade – publicadas em um post e a produção no recurso FB/Doc Compartilhado)	Construção coletiva	Contribuições para o texto registradas no histórico da ferramenta	<p>Dúvidas? Comente esta postagem e nós responderemos...</p> <p>ATIVIDADE 1.3 GFC: Início: 13 fev. / Final: 22 fev. GPR: Início: 17 fev. / Final: 22 fev.</p> <p>Para essa atividade, vamos explorar o recurso FB DOC/COMPARTILHADO, conforme as instruções do TUTORIAL, disponível no Arquivo.</p> <p>Você deverá:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Se organizar em um grupo e uma/um das/os participantes precisa postar a composição do grupo; 2. Com base nas referências textuais deste curso e em outras buscas na internet, o grupo deverá compor um TEXTO MULTICOLORIDO, que trate das construções culturais das sexualidades humanas, ou seja, O QUE É SEXUALIDADE E COMO ELA FOI E É VISTA AO LONGO DA HISTÓRIA E POR DIFERENTES SOCIEDADES E CULTURAS; 3. O grupo terá até o dia 22 DE FEVEREIRO para finalizar o texto. Quando ele estiver pronto, alguém do grupo deverá avisar isso nesta postagem. <p>AS PESQUISAS E OS TEXTOS SERVIRÃO DE BASE PARA A APRESENTAÇÃO DA ATIVIDADE 1.4.</p> <p>Dúvidas? Comente esta postagem e nós responderemos...</p>
22 fev.	4 mar. EP	1.4	5	Relacionando os três eixos conceituais	Exposição oral	Prezi ou Ppt disponibilizado no FB (Disponibilizar modelo e orientações)	Apresentação de seminário curto	Qualidade da apresentação e articulação das temáticas e da produção no FB	<p>ATIVIDADE 1.4 GFC: Início: 13 fev. / Final: 4 mar. GPR: Início: 22 fev. / Final: 4 mar.</p> <p>No encontro presencial, teremos várias atividades. Dentre elas, você e mais quatro participantes deverão construir uma APRESENTAÇÃO EM PREZI OU EM POWER POINT, relacionando os CONCEITOS DE CORPO, SAÚDE E SEXUALIDADE, com base no que foi lido, discutido e produzido até este momento do curso.</p> <p>Para tanto, o grupo precisa:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Se organizar e um/a dos/as participantes postar,



									<p>na linha do tempo, a composição do grupo. O grupo pode ou não ser o mesmo da atividade 1.3;</p> <p>2. Organizar um bate-papo, pelo Face, apenas entre o grupo, para organizarem a apresentação;</p> <p>3. Montar uma apresentação criativa em Prezi ou em Power Point, de até 10 minutos, a ser apresentada no dia do Encontro Presencial;</p> <p>- Existem, na internet, tutoriais sobre como montar um Prezi e/ou um Power Point dinâmico, como: http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2014/06/a-prenda-fazer-uma-apresentacao-no-prezi-em-sete-minutos.html https://www.youtube.com/watch?v=8D6OkhtBkew http://pcworld.com.br/dicas/2008/08/28/14-dicas-para-construir-uma-boa-apresentacao-em-powerpoint/ https://www.youtube.com/watch?v=gHy-KQpsKv8</p> <p>4. Organizar a apresentação, utilizando recursos como imagens, vídeos, sons, outros textos, etc. Dúvidas? Comente esta postagem e nós responderemos...</p> <p>Cronograma do EP:</p> <p>8h – Boas-vindas / Dinâmica do Face (A dinâmica consiste em pedir a um/uma participante que fale uma ideia sobre o curso. Em seguida, pergunta-se a outra/outro se curte, se compartilha, se comenta, o que comenta e assim com outras/os participantes, promovendo uma interação/descontração entre eles/elas).</p> <p>8h30 – Apresentação sobre o texto <i>É possível realizar uma história do corpo?</i></p> <p>9h30 – Apresentações Prezi / PPT – Parte 1 (Grupos se habilitam para apresentarem)</p> <p>10h30 – Café partilhado</p> <p>11h – Apresentações Prezi / PPT – Parte 2 (Grupos se habilitam para apresentarem)</p> <p>12h – Conversa sobre as apresentações</p> <p>12h45 – Dinâmica de encerramento</p> <p>Jogo da pérola: o grupo é dividido em pares, sendo</p>
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--



										um/a a pérola e o/a outro/a o guardião, deixando alguns elementos sem pérola. A pérola fica na frente do guardião, sentada. Quem não tiver a pérola, ou seja, esteja sozinho, tem que roubar a pérola da outra pessoa, piscando-lhe o olho. E o guardião, para proteger a sua pérola, tem que a agarrar antes que ela fuja para outra pessoa.
			2	8	As figuras dos masculinos e femininos					
2	6 mar. (Todas para o GFC)	8 mar.	2.1	3	O que é ideologia de gênero? Vídeo <i>Entendendo Ideologia de Gênero em 2 minutos</i>	FB/Arquivos e FB/Doc Compartilhado (Orientações para a atividade – publicadas em um post e a produção no recurso FB/Doc Compartilhado)	Construção coletiva			<p>Atividade 2.1 GFC: Início: 6 mar. / Final: 13 mar. GPR: Início: 6 mar. / Final: 8 mar. Mas, afinal, o que é ideologia de gênero? E identidade de gênero? Nesta atividade você vai usar, novamente, o recurso FB DOC/COMPARTILHADO, conforme as instruções do TUTORIAL, disponível no Arquivo. O seu grupo pode ser o mesmo da atividade 1.3 e 1.4, ou não. O grupo deverá:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Assistir ao vídeo <i>Entendendo Ideologia de Gênero em 2 minutos</i>, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=j7zbS1RYdpg; 2. Pesquisar um vídeo que se contraponha à opinião apresentada nesse; 3. Produzir um TEXTO MULTICOLORIDO em que o grupo apresente os vídeos (resumo breve), analise-os e problematize os conceitos de IDENTIDADE E IDEOLOGIA DE GÊNERO; 4. O grupo terá até o dia 8 DE MARÇO para finalizar o texto. Quando ele estiver pronto, alguém do grupo deverá avisar isso nesta postagem. <p>AS PESQUISAS E OS TEXTOS SERVIRÃO DE BASE PARA A APRESENTAÇÃO DA ATIVIDADE 2.3.</p> <p>Falando na atividade 2.3, ela será um bate-papo sobre as temáticas vistas até então, especialmente, sobre os lugares sociais de meninos/homens e</p>



									meninas/mulheres. Então, precisamos marcar esse ENCONTRO VIRTUAL, para conversarmos. Esperamos vocês no dia 11 DE MARÇO (sábado), em dois horários: 10h e 16h. (O objetivo dos dois horários é para que todes possam participar, pelo menos em um horário. Mas quem quiser pode participar nos dois momentos também!)
									Dúvidas? Comente esta postagem e nós responderemos...
8 mar.	10 mar.	2.2	3	Discutindo relações de gênero	Leitura do material <i>Escola sem homofobia</i> – p. 19-46	FB/Timeline – Enunciado FB/Posts – Respostas	Discussão coletiva		<p>ATIVIDADE 2.2 GFC: Início: 6 mar. / Final: 13 mar. GPR: Início: 8 mar. / Final: 10 mar. Vamos falar sobre gênero? Nessa atividade você precisará ler o material <i>Escola sem homofobia</i>, da página 19 a 46 (Disponível em: http://acervo.novaescola.org.br/pdf/kit-gay-escola-sem-homofobia-mec.pdf).</p> <p>Em seguida, você deverá responder a esta postagem, destacando UM TRECHO que tenha chamado a sua atenção, justificando o motivo do destaque. A TRANSCRIÇÃO SERÁ LITERAL, então não se esqueça das ASPAS e de colocar a REFERÊNCIA.</p> <p>E, para finalizar, você precisará COMENTAR A POSTAGEM DE OUTRAS DUAS PESSOAS, analisando o trecho escolhido e indicando o seu ponto de vista em relação a ele.</p> <p>Você pode fazer perguntas, tirar dúvidas, fazer comentários. O importante é que discutamos o texto.</p> <p>Contextualizando o material, ele despertou muita polêmica quando foi produzido. Veja na notícia: https://novaescola.org.br/conteudo/84/conheca-o-kit-gay-vetado-pelo-governo-federal-em-2011 Dica: você pode usar a matéria para estabelecer uma</p>



									relação com trecho escolhido por você e auxiliar na sua análise. Dúvidas? Comente esta postagem e nós responderemos...	
	10 mar.	13 mar.	2.3	2	Lugares sociais de meninos/homens e meninas/mulheres	Discussão inicial a partir da música <i>Meninos e Meninas</i> – Legião Urbana	FB/Bate-papo em grupo geral (Agendar desde o 1º dia da Unid 2)	Troca de ideias com os/as colegas	Qualidade da contribuição para as discussões	<p>ATIVIDADE 2.3 GFC: Início: 6 mar. / Final: 13 mar. GPR: Início: 10 mar. / Final: 13 mar. É hora de conversar! Como já antevimos na atividade 2.1, esta atividade é um bate-papo pelo Facebook. Para tanto, você precisa conhecer a letra e ouvir a música <i>Meninos e Meninas</i>, do Legião Urbana (Disponível em: https://www.vagalume.com.br/legiao-urbana/meninos-e-meninas.html ou em https://www.youtube.com/watch?v=mvBaHIGhrX8). Se quiser, anote trechos que chamaram a sua atenção, indicando se gostou ou não e o motivo. Observe como a letra fala sobre os papéis sociais de meninos/homens e meninas/mulheres. Pesquise outros textos, vídeos, músicas, imagens, etc. que dialoguem com essa temática. Isso tudo será material para a nossa conversa.</p> <p>Esperamos vocês no dia 11 DE MARÇO (sábado), em dois horários: 10h e 16h. (O objetivo dos dois horários é para que todes possam participar, pelo menos em um horário. Mas quem quiser pode participar nos dois momentos também!)</p> <p>Dúvidas? Comente esta postagem e nós responderemos...</p>
3	13 mar. (Todas	15 mar.	3.1	4	Como a sociedade vê?	Leitura do texto <i>Análise dos cartazes</i>	FB/Timeline – Enunciado (1/grupo -	Discussão coletiva		<p>ATIVIDADE 3.1 GFC: Início: 13 mar. / Final: 17 mar. GPR: Início: 13 mar. / Final: 15 mar.</p>
			3	8	ISTs e a imagem das sexualidades					



	para o GFC)				das campanhas governamentais contra ISTs e aids – p. 19-35	disponibilizar fontes) FB/Comentários – Respostas			Depois de falarmos sobre corpo, saúde, sexualidades e relações de gênero, vamos começar a relacionar esses conceitos e analisar como essa relação aparece na sociedade. Especialmente em campanhas educativas sobre ISTs e aids. Para tanto, nessa atividade você precisará ler o material <i>Análise dos cartazes das campanhas governamentais contra ISTs e aids</i> , da página 19 a 35 (Disponível em: http://acervo.novaescola.org.br/pdf/kit-gay-escola-sem-homofobia-mec.pdf).
	15 mar.	17 mar.	3.2	4	Como você vê?	Pesquisa e análise de propagandas sobre ISTs e aids	FB/Timeline – 1 post produzido por cada grupo com o vídeo da propaganda selecionada e as análises inseridas como comentário	Análise escrita de propagandas atuais sobre ISTs e aids	Qualidade da contribuição para as discussões



									fazendo uma análise escrita sobre as campanhas. Atenção: o comentário pode ser para CADA vídeo, ou uma análise geral, relacionando todos os vídeos. Dúvidas? Comente esta postagem e nós responderemos...
			4	11	Campanhas publicitárias sobre aids e o impacto social delas				
4	17 mar. (Todas para o GFC)	20 mar.	4.1	3	O papel da publicidade nos discursos sobre os saberes	Vídeo <i>E não ia dar em nada</i> e pesquisa em fontes publicitárias sobre HIV/aids	FB/Timeline	Pesquisa em sites e publicação da propaganda selecionada na Timeline	ATIVIDADE 4.1 GFC: Início: 17 mar. / Final: 25 mar. GPR: Início: 17 mar. / Final: 20 mar. Vamos aprofundar a discussão iniciada na atividade 4.1. Para tanto, você deverá: 1. Assistir ao vídeo <i>HIV e Aids - E não ia dar em nada</i> (Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=u0GTjRpUmds); 2. Pesquise textos que abordem a forma como a temática HIV/aids é tratada em campanhas educativas (publicidades/propagandas); 3. Escreva um texto com, aproximadamente, 20 linhas, que pode ser postado como resposta a essa publicação ou como arquivo (Veja Tutorial – FB/Arquivo), em que você trate do tema: O PAPEL DA PUBLICIDADE NOS DISCURSOS SOBRE HIV/AIDS E A CONSTRUÇÃO DE SABERES E VERDADES SOBRE ESSE ASSUNTO. Não se esqueça de dar um título criativo para o seu texto; 4. Poste o seu texto como resposta a este post; 5. Comente as postagens de pelo menos DUAS pessoas do grupo. Dúvidas? Comente esta postagem e nós responderemos...
	20 mar.	22 mar. (Todas para o	4.2	3	A construção social da imagem da	Leitura do texto <i>Gênero e risco de</i>	FB/Arquivos e FB/Doc Compartilhado	Resenha crítica incluindo o	ATIVIDADE 4.2 GFC: Início: 17 mar. / Final: 25 mar. GPR: Início: 20 mar. / Final: 22 mar.



	GFC)			aids	HIV/aids... e produção de resenha	(Orientações para a atividade – publicadas em um post e a produção no recurso FB/Doc Compartilhado) (Orientação: referência ao vídeo)	vídeo da atividade anterior		<p>Nesta atividade, você precisará ler e fazer uma resenha crítica relacionando o texto GÊNERO E RISCO DE HIV/AIDS NAS CAMPANHAS DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE ATRAVÉS DA MÍDIA, de Luis Henrique Sacchi dos Santos (Disponível em: http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT23-2294--Int.pdf) e o vídeo UMA AULA, com Gabriel Estrela e Jout Jout do Prazer (Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XpS0iatoNE8)</p> <p>O texto deverá ser feito em Word e postado como arquivo no grupo (Veja Tutorial – FB/Arquivo) e você poderá relacioná-lo, também, ao vídeo da Atividade 4.1.</p> <p>Dúvidas? Comente esta postagem e nós responderemos...</p>
20 mar.	25 mar. Encontro Presencial	4.3	5	As campanhas contra a aids e a construção da representação social dos/das soropositivos/soropositivas	Vídeo <i>Uma aula</i> , com Gabriel Estrela e Jout Jout do Prazer, e realização de uma Busca temática e exposição oral	Prezi ou Ppt disponibilizado no FB (Disponibilizar modelo e orientações)	Apresentação de seminário curto	Qualidade da apresentação e articulação das temáticas e da produção no FB	<p>ATIVIDADE 4.3 GFC: Início: 17 mar. / Final: 25 mar. GPR: Início: 20 mar. / Final: 25 mar. E lá vamos nós para a última atividade do curso... Para ela, vamos precisar de todo o conhecimento compartilhado até aqui.</p> <p>No último encontro presencial, vamos fazer uma apresentação, mas, agora, será uma EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA, a ser disponibilizada como ÁLBUM, no grupo e apresentada no dia 25 DE MARÇO. O tema da exposição é CORPO, SAÚDE, SEXUALIDADES.</p> <p>Para isso, você precisará:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Se organizar em grupo, novamente; 2. Escolher um recorte do tema do curso ou fazer um apanhado geral; <p>- Alguns dos recortes temáticos podem ser:</p> <ol style="list-style-type: none"> a. Corpo; b. Saúde; c. Sexualidades humanas e relações de gênero; d. Lugares sociais de meninos/homens e meninas/mulheres;



									<p>e. ISTs e sexualidades na sociedade; f. A construção social da imagem da aids; g. As campanhas contra a aids e a construção da representação social dos/das soropositivos/soropositivas.</p> <p>3. Representar o tema escolhido por meio de fotografias, que podem ser capturadas pelo grupo, ou buscadas na internet (Se for esse o caso, as fontes precisam ser indicadas). A exposição precisa ter em torno de 20 imagens; 4. Organizar as imagens em uma exposição, que pode ser virtual, em forma de sequência de imagens ou vídeo com a montagem das mesmas, com a utilização de data-show; ou material, utilizando suportes de acordo com a criatividade do grupo.</p> <p>Dúvidas? Comente esta postagem e nós responderemos...</p> <p>Cronograma do EP: 8h – Boas-vindas / Dinâmica inicial curta (A definir) 8h15 – Exposição fotográfica dos grupos 9h – Dinâmica Vinícius sobre sexualidades 10h – Café partilhado 10h30 – Apontamentos sobre trechos marcantes do curso e avaliação final 11h30 – Dinâmica de encerramento (A definir)</p>
--	--	--	--	--	--	--	--	--	---

APÊNDICE F – Atividades *Curso Corpo, saúde, sexualidades* - Versão reformulada (a partir da Unidade 3) – 13 de março de 2017



Atividades *Curso Corpo, saúde, sexualidades*
Versão reformulada (a partir da Unidade 3) – 13 de março de 2017

Un	Início	Fim	Tóp	CH	Conteúdo	Atividade	Ferramenta	Produção do/a aluno/a	Crerios Avaliação	Descrição da atividade
			3	8	ISTs e a imagem das sexualidades					
3	13 mar. (Todas para o GFC)	17 mar.	3.1	4	Como a sociedade vê?	Leitura do texto <i>Análise dos cartazes das campanhas governamentais contra ISTs e aids</i> – p. 19-35	FB/Timeline – Enunciado (1/grupo - disponibilizar fontes) FB/Comentários – Respostas	Discussão coletiva		<p>ATIVIDADE 3.1 GFC: Início: 13 mar. / Final: 17 mar. GPR: Início: 13 mar. / Final: 17 mar Depois de falarmos sobre corpo, saúde, sexualidades e relações de gênero, vamos começar a relacionar esses conceitos e analisar como essa relação aparece na sociedade. Especialmente em campanhas educativas sobre ISTs e aids. Nesta atividade, você deverá se organizar em grupo, que pode ser o mesmo das atividades anteriores ou não. O grupo deverá: 1. Pesquisar vídeos sobre campanhas educativas brasileiras, voltadas para pessoas com ISTs e aids. (O grupo pode fazer a discussão em uma conversa pelo Face). Sugestão de site: http://www.aids.gov.br/campanhas 2. Escolher um vídeo e postar na Timeline do Curso; 3. Todas as pessoas participantes deverão assistir aos vídeos postados por cada grupo e comentar em um post de resposta à atividade, fazendo um texto escrito pequeno sobre as campanhas. Atenção: o comentário pode ser para CADA vídeo, ou uma análise geral, relacionando todos os vídeos. Dúvidas? Comente esta postagem e nós responderemos...</p> <p>Para quem desejar ampliar o estudo sobre o tema, sugerimos a leitura (não obrigatória) de <i>Análise dos cartazes das campanhas governamentais contra ISTs</i></p>



										e aids, da (Disponível em: http://acervo.novaescola.org.br/pdf/kit-gay-escola-sem-homofobia-mec.pdf).
			4	11	Campanhas publicitárias sobre aids e o impacto social delas					
4	17 mar. (Todas para o GFC)	25 mar.	4.1	3	O papel da publicidade nos discursos sobre os saberes Vídeo <i>E não ia dar em nada</i> e pesquisa em fontes publicitárias sobre HIV/aids	FB/Timeline	Pesquisa em sites e publicação da propaganda selecionada na Timeline			ATIVIDADE 4.1 GFC: Início: 17 mar. / Final: 25 mar. GPR: Início: 17 mar. / Final: 25 mar. Vamos aprofundar a discussão iniciada na atividade 3.1. Para tanto, você deverá: 1. Assistir aos vídeos: - HIV E AIDS - E NÃO IA DAR EM NADA (Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=u0GTjRpUmds) e - UMA AULA, com Gabriel Estrela e Jout Jout do Prazer (Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XpS0iatoNE8); 2. Em seguida, escreva um texto com, aproximadamente, 10 linhas, que pode ser postado como resposta a essa publicação ou como arquivo (Veja Tutorial – FB/Arquivo), em que você relacione os vídeos e trate do tema: O PAPEL DA PUBLICIDADE NOS DISCURSOS SOBRE HIV/AIDS E A CONSTRUÇÃO DE SABERES E VERDADES SOBRE ESSE ASSUNTO. Não se esqueça de dar um título criativo para o seu texto; 3. Se quiser, comente as postagens de, pelo menos, DUAS pessoas do grupo. Dúvidas? Comente esta postagem e nós responderemos...
	13 mar.	25 mar. Encontro Presen	4.3	5	As campanhas contra a aids e a construção da	Vídeo <i>Uma aula</i> , com Gabriel Estrela e Jout Jout do	Prezi ou Ppt disponibilizado no FB (Disponibilizar	Apresentação de seminário curto	Qualidade da apresentação e articulação das temáticas	ATIVIDADE 4.2 GFC: Início: 13 mar. / Final: 25 mar. GPR: Início: 13 mar. / Final: 25 mar. Aproveitamos para já postar a atividade final do curso



		cial		representação social dos/das soropositivos/soropositivas	Prazer, e realização de uma Busca temática e exposição oral	modelo e orientações)		e da produção no FB	<p>(4.2), para vocês se organizarem. Para ela, vamos precisar de todo o conhecimento compartilhado até aqui. No último encontro presencial, vamos fazer uma apresentação, mas, agora, será uma EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA, a ser disponibilizada como ÁLBUM, no grupo e apresentada no dia 25 DE MARÇO. O tema da exposição é CORPO, SAÚDE, SEXUALIDADES.</p> <p>Para isso, vocês precisarão:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Se organizar em grupo, novamente; 2. Escolher um recorte do tema do curso ou fazer um apanhado geral; <ul style="list-style-type: none"> - Alguns dos recortes temáticos podem ser: <ol style="list-style-type: none"> a. Corpo; b. Saúde; c. Sexualidades humanas e relações de gênero; d. Lugares sociais de meninos/homens e meninas/mulheres; e. ISTs e sexualidades na sociedade; f. A construção social da imagem da aids; g. As campanhas contra a aids e a construção da representação social dos/das soropositivos/soropositivas. 3. Representar o tema escolhido por meio de fotografias, que podem ser capturadas pelo grupo, ou buscadas na internet (Se for esse o caso, as fontes precisam ser indicadas). A exposição precisa ter em torno de 20 imagens; 4. Organizar as imagens em uma exposição, que pode ser virtual, em forma de sequência de imagens ou vídeo com a montagem das mesmas, com a utilização de data-show; ou material, utilizando suportes de acordo com a criatividade do grupo. <p>Além disso, para o dia 25 DE MARÇO, pedimos que vocês recordem (e anotem, se quiserem), trechos dos materiais e das atividades que mais tenham lhes</p>
--	--	------	--	--	---	-----------------------	--	---------------------	--



										<p>chamado atenção. VAMOS UTILIZAR ISSO COMO MATÉRIA-PRIMA PARA UM DOS MOMENTOS DO ENCONTRO PRESENCIAL. Dúvidas? Comente esta postagem e nós responderemos...</p> <p>Cronograma do EP: 8h – Boas-vindas / Dinâmica inicial (A dinâmica se chama <i>É hora de improvisar</i> e consiste em os/as participantes terem que inventar uma história, utilizando objetos e palavras contidas em uma caixa. A medida que quem está conduzindo a dinâmica mostra as palavras ou os objetos, as pessoas vão narrando a história. A cada três objetos/palavras, uma nova pessoa deve continuar a história.) 8h30 – Exposição fotográfica dos grupos 9h30 – Café partilhado 10h – Dinâmicas da representação e da aula sobre sexualidades (A primeira dinâmica consiste em cada pessoa desenhar como se vê e como a sociedade a/o vê. Em seguida, troca com um/a colega, que deverá interpretar a imagem e apresentar a pessoa para o grupo. A segunda dinâmica consiste em, divididas/os em duplas, terem que escolher um recorte da temática do curso e contar, por meio de um cartaz com imagens/palavras, como e para quem dariam uma aula sobre o tema). 11h – Avaliação final do curso 12h – Dinâmica de encerramento (A dinâmica chama-se <i>O que você faria?</i> e apresenta situações possíveis relacionados ao tema do curso, que as/os participantes poderiam vivenciar em sala de aula. Assim, elas/eles precisam dizer o que fariam diante de cada situação). 12h30 – Exibição do vídeo com a música <i>True Colors</i> e distribuição do cartão de agradecimento. * Ao longo do curso, exibir os vídeos feitos pelo Vinicius, que substituem a sua presença.</p>
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	---

APÊNDICE G - Avaliação final do Curso Corpo, saúde, sexualidades, aplicada no dia do 2º Encontro Presencial



Avaliação Final
Curso de Extensão Corpo, Saúde, Sexualidades
 2º Encontro Presencial – 25 mar. 2017

Identificação (opcional): _____

Legenda ☺ Bom 😐 Regular ☹ Ruim

COMO FOI A MINHA PARTICIPAÇÃO	☺	😐	☹
<i>Nas atividades virtuais</i>	☺	😐	☹
Realizei as leituras	☺	😐	☹
Assisti aos vídeos	☺	😐	☹
Fiz postagens	☺	😐	☹
Interagi com os/as participantes	☺	😐	☹
<i>Nos encontros presenciais</i>	☺	😐	☹
Fiz as apresentações	☺	😐	☹
Participei das dinâmicas	☺	😐	☹
Contribuí com as discussões	☺	😐	☹

Comentários (opcional): _____

COMO FOI O CURSO	☺	😐	☹
<i>Atividades virtuais</i>	☺	😐	☹
Referencial (textos, vídeos/músicas etc.)	☺	😐	☹
Postagens da coordenação	☺	😐	☹
Interação da coordenação com os/as participantes	☺	😐	☹
<i>Encontros presenciais</i>	☺	😐	☹
Apresentações dos/as participantes	☺	😐	☹
Apresentações e falas da coordenação	☺	😐	☹
Dinâmicas	☺	😐	☹
Discussões	☺	😐	☹

Comentários (opcional): _____

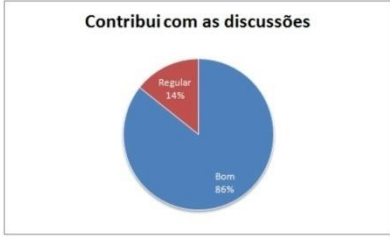
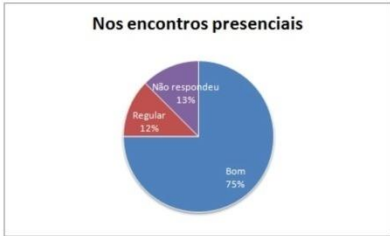
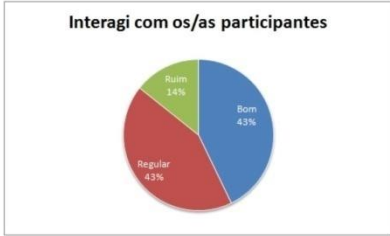
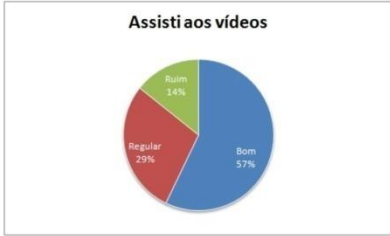
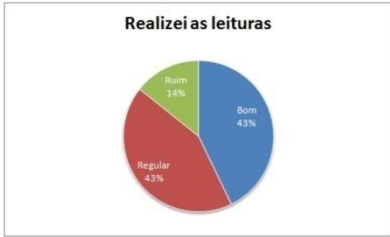
Sugestões (opcional): _____

Gratidão por seu brilho e suas cores!
Jaciluz* e Vinicius

APÊNDICE H - Gráficos com tabulação das respostas à Avaliação Final do *Curso Corpo, saúde, sexualidades*



Gráficos com tabulação das respostas à Avaliação Final do Curso *Corpo, saúde, sexualidades*



COMO FOI O CURSO



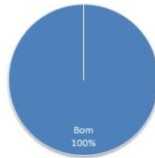
Atividades virtuais



Referencial (textos, vídeos/músicas etc.)



Postagens da coordenação



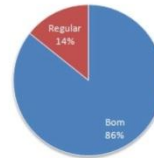
Interação da coordenação com os/as participantes



Encontros presenciais



Apresentações dos/as participantes



Apresentações e falas da coordenação



Dinâmicas



Discussões

